



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO



ANA MARIA BARBOSA DA SILVA



**“SER BOA PROFESSORA” NA ESCOLA SACRAMENTINAS – HISTÓRIAS E MEMÓRIAS  
EDUCAÇÃO EM AMARGOSA/BA (1953-1990)**

JOÃO PESSOA/PB  
2023

ANA MARIA BARBOSA DA SILVA

**“SER BOA PROFESSORA” NA ESCOLA SACRAMENTINAS – HISTÓRIAS E  
MEMÓRIAS DA EDUCAÇÃO EM AMARGOSA/BA (1953-1990)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós- Graduação em Educação (Stricto Sensu), do Centro de Educação – CE, da Universidade Federal da Paraíba – UFPB, em cumprimento às exigências para obtenção do título de Mestrado em Educação.

Área de concentração: Educação

Orientador/a: Prof<sup>a</sup>. Dra. Surya Aaronovich Pombo de Barros  
Linha de Pesquisa: História da Educação

**JOÃO PESSOA/PB  
2023**

**Catalogação na publicação  
Seção de Catalogação e Classificação**

S586s Silva, Ana Maria Barbosa da.  
Ser boa professora na Escola Sacramentinas :  
histórias e memórias da educação em Amargosa/BA  
(1953-1990) / Ana Maria Barbosa da Silva. - João  
Pessoa, 2023.  
118 f. : il.

Orientação: Surya Aaronovich Pombo de Barros.  
Dissertação (Mestrado) - UFPB/CE.

1. História da educação. 2. Educação feminina -  
Brasil. 3. Escola das Sacramentinas. 4. Ginásio Santa  
Bernadete - Amargosa (BA). 5. Formação pedagógica. I.  
Barros, Surya Aaronovich Pombo de. II. Título.

UFPB/BC

CDU 37(091)(043)

## RELATÓRIO FINAL DA ORIENTADORA

Eu, Profa. Dra. Surya Aaronovich Pombo de Barros, orientadora do trabalho final da aluna Ana Maria Barbosa da Silva, matrícula 20211014997, do Programa de Pós-Graduação em Educação, área de concentração em Educação, da Universidade Federal da Paraíba, após exame da vida acadêmica da mencionada aluna, tenho a relatar: a integralização do Curso foi feita em 23 meses, portanto, dentro do prazo estabelecido pela Legislação vigente na UFPB.

Quanto ao desempenho acadêmico, constata-se que a mestrandona Ana Maria Barbosa da Silva cursou 25 créditos da Estrutura Curricular a que está submetida e foi aprovada no Exame de verificação da capacidade de leitura em LÍNGUA Espanhola.

Na apresentação da dissertação, intitulada “SER BOA PROFESSORA” NA ESCOLA SACRAMENTINAS - HISTÓRIAS E MEMÓRIAS DA EDUCAÇÃO EM AMARGOSA/BA (1953-1990)”, realizada no dia 19 de dezembro de 2023, às 14:00h, no endereço eletrônico <https://meet.google.com/wcj-gshy-gaj> do Programa de Pós-Graduação em Educação, a mestrandona Ana Maria Barbosa da Silva obteve conceito APROVADA, tendo a Banca Examinadora sido formada pelos especialistas:

PROFESSOR(A)	TITULAÇÃO	INSTITUIÇÃO
Surya Aaronovich Pombo de Barros (Orientadora)	Dra.	PPGE/CE/UFPB
Amália Cristina Dias da Rocha Bezerra	Dra.	UERJ
Charliton José dos Santos Machado	Dr.	PPGE/CE/UFPB

Diante do exposto, considerando que a aluna Ana Maria Barbosa da Silva, dentro do prazo regimental, cumpriu todas as exigências do Regimento Geral da UFPB, do Regulamento Geral dos Cursos de Pós-Graduação “Stricto Sensu” da UFPB e do Regulamento do programa, está apta a obter o Grau de MESTRE EM EDUCAÇÃO, a ser conferido pela Universidade Federal da Paraíba.

João Pessoa, 19 de dezembro de 2023



Profa. Dra. Surya Aaronovich Pombo de Barros  
Orientadora Final do Trabalho

## FICHA DE AVALIAÇÃO

EXAME DE: DISSERTAÇÃO

CURSO/PROGRAMA: PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: Educação

LINHA DE PESQUISA: História da Educação

AUTORA: Ana Maria Barbosa da Silva

TÍTULO DO TRABALHO “SER BOA PROFESSORA” NA ESCOLA SACRAMENTINAS - HISTÓRIAS E MEMÓRIAS DA EDUCAÇÃO EM AMARGOSA/BA (1953-1990)”.

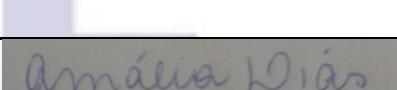
ORIENTADORA: Profa. Dra. Surya Aaronovich Pombo de Barros

### OBSERVAÇÃO DA BANCA EXAMINADORA

A banca considera o trabalho aprovado. Destaca a importância do trabalho para o campo da história da educação, em particular para a história da educação das mulheres e da profissão docente.

A BANCA EXAMINADORA, TENDO EM VISTA A EXPOSIÇÃO ORAL APRESENTADA PELA MESTRANDA ANA MARIA BARBOSA DA SILVA E PROCEDIDA A ARGUIÇÃO PERTINENTE AO TRABALHO FINAL, CONSIDEROU A DISSERTAÇÃO:

- (  ) APROVADA  
 (  ) INDETERMINADA  
 (  ) REPROVADA

MEMBROS – BANCA EXAMINADORA	INSTITUIÇÃO	ASSINATURA
Surya Aaronovich Pombo de Barros (Orientadora)	PPGE/CE/UFPB	 <i>Surya Aaronovich Pombo de Barros</i>
Amália Cristina Dias da Rocha Bezerra	UERJ	 <i>Amália Dias</i>
Charliton José dos Santos Machado	PPGE/CE/UFPB	 <i>Charliton Machado</i>

João Pessoa, 19 de dezembro de 2023

ATA DA SESSÃO DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO DA MESTRANDA ANA MARIA BARBOSA DA SILVA, ALUNA DO CURSO DE MESTRADO EM EDUCAÇÃO/PPGE/CE/UFPB.

Aos dezenove (19) dias do mês de dezembro do ano dois mil e vinte e três (2023), às 14:00 horas, pelo endereço eletrônico <https://meet.google.com/wcj-gshy-gaj>, realizou-se a sessão de defesa de Dissertação da mestrandra Ana Maria Barbosa da Silva, matrícula 20201000764, intitulada “SER BOA PROFESSORA” NA ESCOLA SACRAMENTINAS - HISTÓRIAS E MEMÓRIAS DA EDUCAÇÃO EM AMARGOSA/BA (1953-1990)”. Estavam presentes os Professores Doutores: Surya Aaronovich Pombo de Barros (Orientadora/PPGE/CE/UFPB); Amália Cristina Dias da Rocha Bezerra (UERJ); Charliton José dos Santos Machado (PPGE/CE/UFPB) e demais convidados. A Profa. Dra. Surya Aaronovich Pombo de Barros, na qualidade de Orientadora, declarou aberta a sessão, e apresentou os Membros da Banca Examinadora ao público presente; em seguida passou a palavra à mestrandra Ana Maria Barbosa da Silva, para que no prazo de 30 minutos apresentasse a sua dissertação. Após exposição oral apresentada pela mestrandra Ana Maria Barbosa da Silva, a Profa. Dra. Surya Aaronovich Pombo de Barros passou a palavra aos membros da Banca Examinadora para que procedessem a arguição pertinente ao trabalho. Em seguida, a mestrandra Ana Maria Barbosa da Silva respondeu as perguntas elaboradas pelos Membros da Banca Examinadora e, na oportunidade, agradeceu as sugestões apresentadas. Prosseguindo, a sessão foi suspensa pela Orientadora, a Profa. Dra. Surya Aaronovich Pombo de Barros, que reuniu-se secretamente com os Membros da Banca Examinadora, e emitiu o seguinte parecer:

A BANCA EXAMINADORA CONSIDEROU A DISSERTAÇÃO: APROVADA com o seguinte parecer:

A banca considera o trabalho aprovado. Destaca a importância do trabalho para o campo da história da educação, em particular para a história da educação das mulheres e da profissão docente.

A seguir, a Profa. Dra. Surya Aaronovich Pombo de Barros, apresentou o parecer da Banca Examinadora à mestrandra Ana Maria Barbosa da Silva, bem como ao público presente. Prosseguindo, agradeceu a participação dos Membros da Banca Examinadora, e deu por encerrada a sessão. E para constar, eu, Glória de Lourdes Fernandes, representando a Secretaria da Pós-Graduação em Educação, lavrei a presente Ata que segue assinada por mim e pelos Membros da Banca Examinadora, em testemunho de fé. João Pessoa, 19 de dezembro de 2023.

A minha mãe, Maria Dinalva, exemplo de mãe e professora, que nunca me deixou desistir. A meu pai, Isac, que sempre desejou e contribuiu para que seus filhos fossem felizes pessoal e profissionalmente. A Íria Vannuci, minha irmã mais velha, que foi sem dúvida o meu porto seguro durante a escrita deste trabalho.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, pois nos momentos mais difíceis, de maior angústia, as orações a Ele destinadas me causavam maior conforto.

A meus pais, a quem também dedico este trabalho, pelas palavras de incentivo, conforto, pela ajuda incondicional que sempre dedicaram a mim.

A meus irmãos, que sempre ficam felizes com as minhas conquistas. E estão sempre a meu lado apoiando e ajudando no que for preciso. Em especial a Álvaro (*in memorian*), meu irmão mais novo, que infelizmente não está no plano terreno para presenciar essa conquista de Nininha, como costumava me chamar.

À Rodrigo Areia, meu noivo, amigo, meu confidente, nunca me deixou fraquejar e a cada momento que pensei em desistir sempre estava a meu lado com palavras de ânimo e incentivo.

Aos amigos/as, que direta ou indiretamente influenciaram e influenciam a escrita deste trabalho e a minha trajetória pessoal e profissional. Mas não posso deixar de citar três nomes: Verena Vilela, Ana Paula Oliveira e Francelaine Oliveira. Essas três amigas, que estão comigo desde a graduação e que durante o processo de escrita, que foi para mim bastante doloroso em alguns momentos, estiveram a meu lado fazendo o papel de verdadeiras amigas me incentivando, puxando a orelha quando era necessário. A vocês a minha eterna gratidão.

À minha orientadora, professora Surya Barros. Algumas pessoas não acreditam em destino, mas eu sim. Após participar de um curso voltado para o estímulo à escrita acadêmica, me deparar com um rosto conhecido como participante da banca de seleção para o mestrado e, posteriormente como minha orientadora, foi uma oportunidade que com certeza fez diferença. Sua tranquilidade, serenidade ao falar, suas observações sempre cirúrgicas me fizeram ter a certeza que é possível sim.

À professora Andreia Barbosa. Me faltam palavras para externar a minha gratidão e dizer o quanto foi importante em todo o processo desde a escrita do projeto.

À Marta Alfano, minha psicóloga, que carinhosamente me chama de “Anoca”. Em muitos momentos foi mais que uma escuta para mim. Deixo aqui meu agradecimento do fundo do coração.

Às professoras depoentes, quero expressar minha sincera gratidão por gentilmente compartilharem seus depoimentos e experiências. Suas valiosas contribuições enriqueceram significativamente a discussão e enriqueceram meu entendimento sobre a feminização do magistério no Brasil e o papel fundamental das professoras. Agradeço por sua disposição em

compartilhar suas perspectivas, histórias e reflexões, que não apenas enriqueceram meu trabalho, mas também destacaram a importância do magistério e da educação na sociedade. Seu comprometimento com a educação é inspirador e aprecio profundamente sua participação em minha pesquisa.

Ao Colégio Estadual Santa Bernadete, gostaria de expressar minha mais profunda gratidão, por sua colaboração e apoio na realização deste estudo. A generosidade e disposição do colégio em compartilhar informações e recursos foram fundamentais para o sucesso da pesquisa. O Colégio Santa Bernadete, como uma instituição pioneira na educação feminina em Amargosa/BA, desempenhou um papel crucial na formação de gerações de mulheres e na promoção da igualdade de gênero na educação. A história e o legado do colégio enriqueceram significativamente minha análise sobre a feminização do magistério no Brasil e em Amargosa.

Ao professor Charliton Machado, minha profunda gratidão por suas valiosas observações durante a minha qualificação. Suas colocações tiveram um papel fundamental no aprimoramento do meu trabalho de pesquisa, e estou sinceramente agradecida por sua dedicação e comprometimento.

A professora Amália Dias, meu sincero agradecimento pelas observações e sugestões valiosas que você compartilhou durante a minha qualificação. Seu comprometimento e apoio foram fundamentais para o progresso do meu trabalho de pesquisa, e eu realmente aprecio sua contribuição significativa.

À CAPES pela concessão de bolsa de estudos, um indispensável apoio financeiro para a execução deste projeto.

## RESUMO

O objetivo desta pesquisa é investigar a construção de identidade de mulheres que estudaram no Ginásio Santa Bernadete e se tornaram professoras, na cidade de Amargosa/BA, no período entre 1953 e 1990, a partir do referencial de valorização do “ser boa professora”. Tal representação atinge a comunidade de Amargosa como um todo. Essas professoras, ex-alunas da Escola das Sacramentinas, tornam-se referências quando o assunto é ensino de qualidade, pelo fato de ao se formarem, retornaram ao Ginásio na condição de professoras e terem ensinado em escolas da cidade. As discussões foram realizadas utilizando como recorte o período histórico que vai de 1953 a 1990. Este recorte temporal foi estabelecido considerando o período em que a instituição iniciou a oferta do Curso Pedagógico para alunas da cidade de Amargosa e região (1953) e o ano e que a professora que é fio condutor desta pesquisa esteve ativa no mercado de trabalho (1990). A análise é atravessada pelas questões de gênero, tendo em vista que a educação feminina no Brasil é fortemente marcada pelas relações de gênero. A problematização se ancora em autoras como Louro (2014), Passos (1999) e outras pesquisadoras da temática educação feminina. Alguns conceitos são fundamentais, entre eles memória e identidade. A História Oral constitui a abordagem metodológica, pois a partir dela temos a oportunidade de ouvir e compartilhar memórias das depoentes, dar sentido às experiências vividas, e ainda valorizar a experiência humana individual ou coletiva. Além das entrevistas, a dissertação se apoia na análise de documentos encontrados no arquivo da escola e outras fontes primárias.

**Palavras-chave:** História da Educação; Educação feminina; Ginásio Santa Bernadete, Amargosa/BA.

## ABSTRACT

The objective of this research is to investigate the construction of identity of women who studied at Ginásio Santa Bernadete and became teachers, in the city of Amargosa/BA, in the period between 1953 and 1990, based on the reference of valuing “being a good teacher”. This representation affects the Amargosa community as a whole. These teachers, former students of Escola das Sacramentinas, become references when it comes to quality teaching, due to the fact that upon graduating, they returned to the Gymnasium as teachers and taught in schools in the city. The discussions were held using as a cut-off the historical period that goes from 1953 to 1990. This time frame was established considering the period in which the institution began offering the Pedagogical Course to students in the city of Amargosa and region (1953) and the year and that the teacher who is the guiding force of this research was active in the job market (1990). The analysis is crossed by gender issues, considering that female education in Brazil is strongly marked by gender relations. The problematization is anchored in authors such as Louro (2014), Passos (1999) and other researchers on the topic of female education. Some concepts are fundamental, including memory and identity. Oral History constitutes the methodological approach, because from it we have the opportunity to listen and share memories of the interviewees, give meaning to the experiences lived, and also value the individual or collective human experience. In addition to the interviews, the dissertation is based on the analysis of documents found in the school archive and other primary sources.

**Keywords:** History of Education; Female education; Santa Bernadete Gymnasium, Amargosa/BA.

## **LISTA DE ILUSTRAÇÕES**

Figura 01	Localização de Amargosa em relação a capital	24
Figura 02	Quadro em homenagem às formandas do Curso Pedagógico de 1955	31
Figura 03	Sala de aula do Ginásio Santa Bernadete	33
Figura 04	Sala de aula do Ginásio Santa Bernadete	33

## **SIGLAS**

**UFRB** – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

**CFP** – Centro de Formação de Professores

**TCLE** – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

**AID** – Agency International Development

**JEC** – Juventude Estudantil Católica

**DIREC-BA** – Diretoria Regional de Educação da Bahia

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	11
<b>2. ENTRE A CRUZ, A AGULHA E A PENA – UMA ESCOLA FEMININA .....</b>	24
2.1 Amargosa: Contextualização histórica .....	24
2.2 A chegada das Irmãs Sacramentinas na educação de Amargosa .....	27
2.3 Religião, lar e formação profissional – a educação aos cuidados da Ordem.....	33
2.4 Escola das Sacramentinas – uma educação voltada para a mulher .....	39
2.5 Transformações no contexto educacional brasileiro – Décadas de 1950 a 1970.....	48
<b>3. MEMÓRIA, GÊNERO E IDENTIDADE E AS POSSIBILIDADES DE CONSTRUÇÃO DA HISTÓRIA .....</b>	55
3.1 A formação cristã e a construção da identidade docente em Amargosa/BA .....	55
3.2 Gênero e docência: um debate historiográfico .....	60
<b>4. SER “BOA PROFESSORA” – O QUE CONTAM OS RELATOS DAS PROFESSORAS .....</b>	64
4.1 A cultura escolar e os reflexos do ser professora eficiente .....	64
4.2 Cenário histórico e social como parte do imaginário acerca da profissão docente .....	69
4.3 Da rainha do lar a “boa professora” – a trajetória da ex-aluna Maria da Conceição em Amargosa .....	71
4.3.1 Uma carreira – muitos espaços no cenário educacional de Amargosa .....	72
4.3.2 Desvendando os caminhos que fazem da professora Maria da Conceição referência em Amargosa .....	77
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	83
<b>FONTES E REFERÊNCIAS.....</b>	87
<b>ANEXOS .....</b>	92

## INTRODUÇÃO

A minha relação com o Ginásio Santa Bernadete<sup>1</sup>, em Amargosa/BA, começa muito antes do início da vida acadêmica. O fato de ser filha e sobrinha de ex-alunas do referido Colégio, popularmente conhecido como Escola das Sacramentinas, e também professoras que atuaram na cidade me fez crescer ouvindo as histórias das estudantes, de como as freiras tratavam as alunas e, acima de tudo, o orgulho com que essas mulheres falavam do tempo em que ali estudaram. Lembro-me que toda reunião de família sempre acabava com histórias das Sacramentinas. Algo curioso que tenho lembrança é que todas sempre falavam de como as irmãs eram severas, exigentes. No entanto, depois dessa fala sempre vinha uma de gratidão pela formação que ali tiveram. Formação esta que consideravam que levaram para a vida como um todo e não apenas para o trabalho docente.

Ao ingressar no curso de Licenciatura em História no ano de 2009 já havia desde o início o interesse em pesquisar sobre o Ginásio Santa Bernadete. No final da graduação tal interesse se concretizou. Escrevi sobre as práticas no ensino de História na instituição (SILVA, 2014). Nesse processo, várias pessoas foram contatadas – professoras que estudaram no colégio das Sacramentinas, pesquisadores e historiadores locais – com o objetivo de identificar as ex-alunas do referido colégio, sujeitos da pesquisa. Nesse percurso, todas as pessoas, ao mencionar essas mulheres faziam referências ao “ser boa professora”. Percebi como era forte a fala a respeito da construção da representação simbólica sobre a formação das estudantes do referido Colégio, como se o fato de terem estudado naquela instituição já as colocasse no rol das boas profissionais. Mas o que é esse “ser boa professora”? A partir de que postura dessas mulheres foi possível essa representação?

Tal representação social do ser “boa professora”, atinge a comunidade de Amargosa como um todo, uma vez que essas professoras, ex-alunas do Colégio das Sacramentinas, tornam-se referências quando o assunto é ensino de qualidade. Isso, pelo fato de algumas dessas alunas, ao se formarem, retornarem ao Ginásio na condição de professoras e, além disso, ensinarem em diferentes escolas da cidade.

A atuação do Colégio deu início ao discurso de que a cidade teria uma inclinação à formação de professoras. Quando este deixou de atuar nessa formação em 1973, essa função ficou a cargo do Colégio Pedro Calmon<sup>2</sup>.

---

<sup>1</sup> Ginásio Santa Bernadete é o nome oficial da instituição. No entanto, o mesmo ficou popularmente conhecido como Escola das Sacramentinas. Por isso, ao longo do texto usarei as duas designações para me referir à escola.

<sup>2</sup> O Colégio Estadual Pedro Calmon – CEPC faz parte da Rede de Educação do Estado da Bahia e está localizado no município Amargosa, situado na região do Recôncavo Sul da Bahia e pertencente ao Território de Identidade

Lançar olhares para esse processo de formação se constitui em um passo importante na compreensão das relações educacionais estabelecidas no período e que refletem até o presente, pois essas relações se fizeram sentir na materialização de um centro da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB) em nossa cidade, no ano de 2006. Pois, como traz Galvão (2013), a implantação de um campus da UFRB, voltado para a formação de professores, consolida uma trajetória histórica da cidade, iniciada a partir de 1946 quando o Ginásio Santa Bernadete foi fundado em Amargosa e também com a fundação do Seminário Menor da Imaculada Conceição, no século XX. Nesse mesmo ano de implantação do Centro de Formação de Professores (CFP), o Colégio Pedro Calmon formou sua última turma de magistério<sup>3</sup>.

Esta pesquisa pretende contribuir na construção de um conhecimento histórico que possibilite o entendimento acerca da formação social de Amargosa e região, bem como na compreensão das relações educacionais estabelecidas, isto porque, historicamente a cidade apresenta uma forte atuação na formação de professores, formação esta que foi exercida pelas Irmãs Sacramentinas durante os 27 anos em que o Ginásio Santa Bernadete esteve sob sua administração.

Nesse sentido, a justificativa para essa pesquisa se assenta na possibilidade de aprofundamento dos estudos e, por conseguinte, da produção de novos conhecimentos no que se refere à construção da identidade de professoras em Amargosa a partir da experiência da Escola das Sacramentinas.

As discussões se deram a partir de olhares direcionados ao período histórico que vai de 1953 a 1990. Este recorte temporal foi estabelecido, pois considerei inicialmente o ano em que a escola começou oferecer o Curso Pedagógico (1953). O ano de 1990 foi estabelecido como recorte final, pois foi até este ano que a professora Maria da Conceição, fio condutor desta

---

do Vale do Jiquiriçá. O nome do colégio homenageia o filho ilustre da cidade, Pedro Calmon Freire Bittencourt. O prédio que abriga o CEPC começou a ser construído no início dos anos 1950, pelo então Prefeito Dr. José Viana Sampaio, um engenheiro agrônomo que administrou o município entre 1951 e 1954. Em 1956, estando na cidade, o Promotor de Justiça Theodomiro Brasil, conhecido pela alcunha de “Dr. Brasil”, se deparou com a situação do prédio, iniciado por Dr. Viana, ainda inacabado e em situação de abandono. Percebendo a importância da educação para a cidade e que carecia de mais escolas, o referido promotor mobilizou lideranças políticas e eclesiásias da cidade, comerciantes, fazendeiros, entre outros, que juntos formaram, em 22 de junho de 1956, a Associação Educacional de Amargosa, com intuito de iniciar atividades educacionais no prédio em desuso. [...] E em 1974, a escola passou a receber alunos para o Curso de Magistério (ofertado até então no Colégio Santa Bernadete). [...] Finalmente, com a Lei nº 9394/1996 (LDB) foram extintos os cursos profissionalizantes no ensino de 2º grau, sendo as últimas turmas a se formarem em tais cursos no Colégio de Contabilidade em 2002 e do Magistério em 2006. Informações retiradas do site mantido pelo corpo docente do Colégio.

<sup>3</sup> Em seu artigo 62, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB nº 9394/96), afirma que a “A formação de docentes para atuar na Educação Básica far-se-á em nível superior, em curso de licenciatura plena, admita, como formação mínima para o exercício do magistério na educação infantil e nos cinco primeiros anos do ensino fundamental, a oferecida em nível médio, na modalidade normal.”

pesquisa, esteve ativa no mercado de trabalho. É importante mencionar que o estabelecimento deste recorte se dá também, pois apesar da minha análise ser sobre o Ginásio Santa Bernadete enquanto uma escola católica privada, o estudo abrange a trajetória das professoras, que ultrapassa o período de 1973, ano em que a escola é vendida para o Estado.

Antes da Congregação das Irmãs Sacramentinas efetivar a venda do colégio (1973), em março de 1970 a direção da escola solicitou assinatura de um convênio com o governo estadual, na tentativa de amenizar as dificuldades financeiras enfrentadas pelas Irmãs para administrar o colégio. Esse convênio foi assinado em novembro do mesmo ano pelo então Secretário Estadual de Educação da Bahia, Sr. Antônio Carlos Onofre. No entanto, os problemas persistiram e, em outubro de 1972, a Madre Regional Marie Blanche e o Bispo Diocesano tomaram algumas medidas, como a venda de posses da igreja. Apesar dessas ações e do convênio realizado com o governo estadual, a crise financeira não foi solucionada. Diante da impossibilidade de manter o Ginásio, as Irmãs e o Bispo decidiram, no final de 1973, vendê-lo para o Estado.

As ex-alunas do Ginásio Santa Bernadete, que cursaram o Pedagógico na instituição e após sua formação atuaram na cidade de Amargosa, se constituem sujeitos dessa pesquisa. No que diz respeito às fontes escritas, busquei no arquivo da instituição (hoje administrada pelo governo do Estado) documentos que se configuram enquanto fontes primárias, como: o contrato entre o bispado e as religiosas para implantação da escola na cidade de Amargosa, estatuto da escola, Livro de Matrículas, ata de criação do curso primário, ata de criação do curso ginásial, ata de criação do curso pedagógico, cartas, autorização do governo do estado para a criação do curso pedagógico, fichas individuais das alunas, entre outros.

Os documentos não estão atualmente em um local apropriado. Eles são guardados em armários em uma das salas da escola, misturados com outros arquivos de períodos posteriores e até mesmo com uniformes escolares. Talvez não por falta de cuidado da administração atual, mas esses documentos, que guardam a história deste lugar, não são valorizados como deveriam.

Tentei buscar fontes em outros espaços que, supostamente guardam documentos relacionados à história da cidade, como o Arquivo Municipal, porém esse arquivo foi transferido diversas vezes, tornando o acesso difícil. Além disso, os documentos são guardados em locais úmidos, muitos deles em caixas de papelão empoeiradas. Apesar de todas as dificuldades, dediquei alguns momentos a esses espaços, que não ousaria chamar de arquivo. No entanto, os documentos ali encontrados não contribuíram com a pesquisa.

Diante da falta de resultados nas visitas ao arquivo, busquei informações na Biblioteca Pública Municipal, onde encontrei a Revista Centenária, um documento organizado pelos

moradores de Amargosa em 1991 para comemorar os 100 anos da emancipação política da cidade. Nessa publicação, obtive informações sobre a estrutura histórica e econômica da cidade, as relações religiosas protegidas quando se tornou sede da Diocese, bem como a articulação para a vinda da Congregação do Santíssimo Sacramento, responsável pela educação das filhas da elite local.

Outro recurso para buscar documentos e informações sobre a escola foi o acompanhamento das redes sociais que a instituição mantém para compartilhar um pouco de sua história e das atividades atuais. Acessei o Facebook e Instagram da escola. No entanto, em relação aos documentos, essa busca nas redes sociais não trouxe informações adicionais em relação às fontes já consultadas, mas é uma fonte rica em fotografias, sobre o período em que a escola esteve sob a administração das religiosas.

Realizei buscas na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Neste espaço encontrei arquivos, como jornais, mas que não diziam respeito ao período estudado e nem traziam informações que agregariam novos dados a minha discussão sobre educação na cidade. Além disso, o estado de conservação dos mesmos dificultava muito a leitura, por isso, não foram utilizados nesta pesquisa.

Além das informações encontradas no caminho percorrido acima descrito, durante as entrevistas com as depoentes, tive acesso a documentos pessoais com as professoras: fotografias, boletins, convite de formatura, recibos de pagamento de mensalidade. Algumas alunas guardam consigo muitas recordações físicas do tempo em que estudaram no Ginásio Santa Bernadete.

Nessa perspectiva, para obter dados e informações que fontes escritas não podem me fornecer, utilizei também depoimentos de ex-alunas do Colégio das Sacramentinas. Uma comunicação direta com as partes envolvidas, uma conversa planejada é essencial, pois nas entrevistas, temos acesso a fatos que tratam da autorreflexão do sujeito sobre a realidade que está vivenciando no processo de construção de identidade e também do “ser boa professora” que as circunda. Sem deixar de levar em consideração que a memória é seletiva, variando de lugar para lugar, de grupo para grupo, mudando, pois é também passível de esquecimento. Esse esquecimento e essa seleção estão associados ao fato de que “a memória é um cabedal infinito do qual só registramos um fragmento” (BOSI, 1987, p. 3).

Nesse momento foi importante a adoção de uma postura onde as entrevistadas estivessem à vontade para falar e, assim, nos fornecer as informações pretendidas. Sobre essa postura Paul Thompson defende a importância de o entrevistador

manter-se o mais possível em segundo plano, apenas fazendo algum gesto de apoio, mas não introduzindo seus próprios comentários ou histórias. Essa não é a ocasião para você demonstrar seus conhecimentos [...] Ficar em silêncio pode ser um modo precioso de permitir que um informante pense um pouco mais e de obter um comentário adicional. [...] Acima de tudo, nunca interrompa uma narrativa [...] (THOMPSON, 1992, p. 271).

A partir desta orientação, é possível compreender a importância de garantir que as pessoas entrevistadas se sintam confiantes e à vontade para expor suas narrativas. Embora a entrevista tenha uma intencionalidade e objetivos definidos, assim como uma organização e planejamento ligado à pesquisa a ser realizada, é imprescindível compreender que a entrevista é parte fundante da pesquisa desta natureza, portanto os sujeitos e suas narrativas constituem a base de atenção e escuta cuidadosa.

Em um primeiro momento sentei com minha mãe, que também estudou na instituição, que me deu o nome de algumas professoras que haviam estudado no Ginásio Santa Bernadete. Busquei essa informação junto a ela, pois nesse momento eu queria nomes de mulheres que não haviam participado da minha pesquisa durante a graduação.

Um dos nomes que surgiu foi da professora Belarmina, pessoa com quem minha mãe tem uma boa relação de amizade. Então, fui com minha mãe à casa dessa professora e em uma conversa informal expus o objetivo da pesquisa, a relevância de seu depoimento e expliquei como as entrevistas seriam utilizadas, que as mesmas precisariam assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), que o projeto estava em apreciação no Comitê de Ética e após a liberação eu voltaria a contatá-la para agendarmos a entrevista.

Desde o primeiro momento a professora Belarmina, se mostrou muito solícita e feliz com o fato de eu tê-la procurado. Nessa mesma conversa ela se dispôs a me fornecer outros contatos e intermediar, se fosse preciso, a minha visita a outras professoras. E assim, segui entrando em contato, por telefone, com as professoras. Das ex-alunas que entrei em contato, apenas uma delas não aceitou o convite, alegando estar muito atarefada no período. Ao final, consegui a participação de 5 ex-alunas. Agendamos as entrevistas na casa de 4 das depoentes, no dia e horário em que se dispuseram e uma delas, que mesmo já estando aposentada, ainda trabalha no Colégio Santa Bernadete, pediu que a entrevista fosse realizada na escola.

Realizei entrevistas com cinco professoras, todas elas desempenhando um papel importante na pesquisa. No entanto, entre essas cinco, optei por selecionar uma, a professora Maria da Conceição, como fio condutor, uma vez que sua trajetória, como professora do próprio Colégio das Sacramentinas, durante o período em que a escola estava sob a direção das freiras e após a estadualização, professora de outras instituições de ensino na cidade, diretora e vice-

diretora de outras escolas em Amargosa, personifica o impacto de ter estudado na escola das Sacramentinas e se tornar uma professora reconhecida por sua excelência. Essa escolha me permitiu explorar mais profundamente os efeitos da formação na escola em sua carreira e reconhecimento profissional. No entanto, trago também as memórias das demais professoras participantes, pois estas contribuíram para fornecer um contexto mais abrangente, enriquecendo a análise geral.

No dia em que as entrevistas ocorreram procurei deixar claro que, apesar de existirem algumas questões que norteariam aquele momento, tendo em vista a intencionalidade do depoimento, elas ficariam livres para falarem tanto do período em que estiveram no Ginásio Santa Bernadete como alunas e como professoras.

No que diz respeito às entrevistas, uma questão importante gira em torno da transcrição dos depoimentos. Segundo Portelli (1997), para que a transcrição seja legível, é necessário inserir sinais de pontuação, que às vezes podem alterar a entonação dada pelo depoente, pois a pontuação quase nunca coincide com o ritmo e as pausas do sujeito. De acordo com isso, “[...] A pontuação e o exato cumprimento da pausa têm uma importante função no entendimento do significado do discurso” (PORTELLI, 1997, p. 28). Como resultado, nossa preocupação foi ouvir atentamente as pausas e entonações das depoentes, na esperança de ser o mais fiel possível aos depoimentos dessas mulheres.

Para análise das entrevistas foi importante lançar mão de conceitos como memória, entendido por Le Goff como “a propriedade de conservar certas informações, propriedade que se refere a um conjunto de funções psíquicas que permite ao indivíduo atualizar impressões ou informações passadas, ou reinterpretadas como passadas” (LE GOFF, 1990, p. 423).

Já segundo Casimiro e Ferreira (2008) é, justamente, a memória que está presente nos discursos que eternizam a voz do povo. Sendo assim, a memória se torna essencial para a história da humanidade. As autoras afirmam que a memória é uma constituinte do sentimento de identidade, tanto individual quanto coletiva, na medida em que ela é um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo na construção de si, sendo está um fenômeno que se produz em referência aos outros.

Corroborando com essa compreensão, Michael Pollak (1992, p. 5) afirma que “construção da identidade é um fenômeno que se produz em referência aos outros, em referência aos critérios de aceitabilidade, de admissibilidade, de credibilidade, e que se faz por meio da negociação direta com os outros”. Para este autor existe uma relação entre memória e identidade que as constitui enquanto fenômenos que não devem ser compreendidos como essências de uma

pessoa ou de um grupo. Embora pretenda aprofundar o conceito de identidade ao longo da pesquisa, por ora esta compreensão dialoga com a abordagem metodológica desta pesquisa.

O referencial de ser “boa professora” é rodeado pelos critérios destacados por Pollak, uma vez que consideramos o cenário de construção do imaginário social na comunidade de Amargosa. Admite-se coletivamente esta narrativa, pois é possível perceber que se construiu uma convenção social que atribuiu uma intensa credibilidade a qualidade, reconhecimento e valorização destas professoras.

Tendo como referência as discussões de António NÓVOA é possível entender que a identidade docente provém de relações complexas que estabelecemos com o outro e como espaço social, unimos a definição de si e a percepção interior, entre o objetivo e o subjetivo. Para NÓVOA (1992, p. 116) “este processo de construção não é estranho à função social da profissão, ao estudo da profissão e do profissional, à cultura do grupo de pertença profissional e ao contexto sociopolítico em que se desenrola”.

De acordo com o autor, “essa identidade vai sendo desenhada não só a partir do enquadramento intraprofissional, mas também com o contributo das interações que se vão estabelecendo entre o universo profissional e os outros universos socioculturais” (NÓVOA 1992, p. 116).

NÓVOA apresenta dois elementos importantes para aplicarmos as reflexões e os estudos acerca da construção da identidade do/a professor/a: a dimensão individual e social como aspectos constituintes desse processo, compreendendo que o sujeito não está isolado. E o contexto sociopolítico que se estrutura a partir de uma conjuntura que é histórica, ideológica e filosófica. Por sua vez, é possível considerar relações destes aspectos mencionados com “universos socioculturais”.

Falar de memória remete a uma forte relação com a história oral, uma vez que a importância desta última está na oportunidade de ouvir e compartilhar memórias dos depoentes. Sobre essa afirmação Paul Thompson argumenta que

a história oral tem um poder único de nos dar às experiências daqueles que viviam às margens do poder, e cujas vozes estão ocultas porque suas vidas são muito menos prováveis de serem documentadas nos arquivos. Essas vozes ocultas são acima de tudo de mulheres – e é por isso que a história oral tem sido tão fundamental para a criação da história das mulheres (THOMPSON, 2002, p.16).

Para Thompson, este seria o maior mérito da história oral, pois “em muito maior amplitude que a maioria das fontes, permite que se recrie a multiplicidade original de pontos de

vista” (THOMPSON, 1992, p. 25). E, nessa perspectiva, segundo Joutard (2000, p. 33), apenas através da história oral teremos acesso a “uma série de realidades que raramente aparecem nos documentos escritos, seja porque são considerados ‘muito insignificantes’ – é o mundo da cotidianidade – ou inconfessáveis, ou porque são impossíveis de transmitir pela escrita”.

Para Ferreira (2000, p. 51) a história oral é um importante método de pesquisa, fundamental para a história do século XX. E entre outros motivos de sua importância está a oportunidade de acesso “à experiência não documentada”. A autora acrescenta que também se constitui em uma possibilidade de dar visibilidade “às histórias ocultas dos marginalizados” – pessoas que compõem grupos que fazem parte da classe dos oprimidos.

Essas definições remetem a compreensão da história oral como metodologia da pesquisa histórica que demarca politicamente seu campo teórico e seu papel na historiografia contemporânea, como destaca Joutard (2000, p. 43). Entre os elementos fundantes da história oral é o envolvimento dos sujeitos como participantes ou como testemunhas, de todo modo, uma das premissas da história oral trata-se da memória das pessoas através de suas narrativas.

Para Thompson a memória é uma possibilidade de aprofundar a história e expor suas marcas. O autor afirma que “toda fonte histórica derivada da percepção humana é subjetiva, mas apenas a fonte oral permite-nos desafiar essa subjetividade: descolar as camadas de memória, cavar fundo sem suas sombras, na perspectiva de atingir a verdade oculta” (1992, p. 197).

Nesse contexto, a história oral é considerada como uma abordagem interdisciplinar fundamental, caracterizada por sua complexidade, na qual os atores desempenham funções que podem ser objeto de análise. Os debates devem se concentrar na compreensão desses processos e, como resultado, nas relações que se estabelecem e se desenvolvem ao longo da existência das sociedades, desde sua origem até sua evolução e transformação. Portanto, a realização dessa pesquisa está inserida nessa perspectiva de abordar a construção e interpretação da história.

Dialogando com o exposto acima, a escuta dos depoimentos das ex-professoras nos ajuda a recuperar, por meio das diferentes percepções dos sujeitos, uma vez que cada um conta sua versão da história a partir de um discurso singular, o processo de construção do imaginário local sobre o “ser boa professora” construído em torno de mulheres que se formaram professoras no Ginásio Santa Bernadete. Assim, a história oral dá sentido às experiências vividas, e ainda valoriza a experiência humana individual ou coletiva. Nesse sentido, assumirei nessa pesquisa a história oral como caminho teórico-metodológico para orientação e aprofundamento dos estudos.

As discussões aqui realizadas são atravessadas pelas questões de gênero. Para fundamentar os diálogos sustentados sobre esse tema, utilizei autoras como Louro (2014; 2004), Carvalho e Pereira (2003) e Ferreira (2014). Essas leituras contribuíram de forma significativa para a compreensão das dinâmicas de gênero na sociedade e oferecem perspectivas valiosas sobre o assunto.

Louro (2014) afirma que mesmo após o ingresso das mulheres na escola, as relações educacionais estabelecidas eram pensadas a partir da ótica masculina, portanto a escola é masculina, as mulheres passaram a ocupar um espaço marcadamente masculino. A escola moderna insistiu em buscar por um professor que fosse modelo a ser seguido. Dessa forma, o mestre, que é uma figura masculina é representado como perfeito e para tanto precisa disciplinar seu corpo e mente, para que cumpra o papel a ele designado. O modelo de mestre a ser seguido foi o dos primeiros mestres religiosos, que eram disciplinados, viviam à docência como missão, com firmeza, bondade e piedade.

Nesse contexto Louro afirma que para que a mulher ingressasse no magistério, este precisou ser ressignificado. E no contexto de urbanização e industrialização vivido pelo Brasil entre os séculos XIX e XX, “o magistério se tornará [...] uma atividade permitida e, após muitas polêmicas indicada para mulheres [...]” (LOURO, 2014, p. 99). Foi criado todo um imaginário em torno da docência para que a mulher pudesse fazer parte dela:

As professoras são compreendidas como mães espirituais – cada aluno ou aluna deve ser percebido/a como seu próprio filho ou filha. De algum modo, as marcas religiosas da profissão permanecem, mas são reinterpretadas e, sob novos discursos e novos símbolos, mantém-se o caráter de doação e de entrega que já se associava à atividade docente (LOURO, 2014, p. 101).

Entende-se assim, que a mulher foi objeto da construção da representação do ser professora. A feminilidade da docência, sobretudo nos anos iniciais, foi uma construção social masculina, cuja representação de docilidade, vocação, extensão do ar maternal foi propositalmente colocada em volta da mulher.

As discussões acerca da História da Educação e educação feminina no Brasil têm ocupado bastante espaço nas pesquisas acadêmicas. Com o intuito de estreitar as leituras e relações com o que me proponho, realizei um levantamento acerca do processo de inserção feminina na instrução formal e a posterior feminização do magistério no Brasil, Nordeste e Bahia.

Nesse levantamento, considerei principalmente aqueles trabalhos que apresentavam alguma aproximação com a discussão por mim proposta. Fiz uma coleta inicial de qualquer

produção sobre educação feminina no Brasil, considerando inclusive recortes históricos que antecederam o período de meu estudo. Posteriormente, restringi o levantamento àquelas produções teses, dissertações, artigos que têm o recorte temporal delimitado ao século XX, considerando, sempre que possível, o Nordeste.

Entre as teses, a apresentada ao programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal da Bahia, de Jane Luci Ornelas Freire, intitulada “Maria Luiza de Souza Alves e a educação feminina na Bahia (2013)”, teve como objetivo analisar as contribuições da professora que dá título ao trabalho para a educação na Bahia, em especial para a educação feminina no início do século XX. A autora realiza uma discussão acerca da educação feminina na Bahia levando em conta o contexto sócio-histórico de fins do século XIX e início do século XX. Tal discussão contribuiu para compreensão das mudanças relacionadas à questão educacional, sobretudo educação feminina, na transição do século XIX para o século XX.

Outra tese, “O ingresso das mulheres no magistério da Bahia: o resgate de uma história”, de Marta Maria Leone Lima, também realizada junto ao programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal da Bahia (2006) apresenta como objetivo “analisar o ineditismo baiano em oferecer um Curso Normal especial para mulheres, que se antecipa às outras províncias em pelo menos 30 anos. A tese investiga os motivos desse avanço, sob o argumento de que a Bahia guardava algumas especificidades” (LIMA, 2006, p. 8). O debate sobre a instalação do curso normal feminino na Bahia trouxe importantes reflexões sobre a profissionalização do magistério feminino baiano.

Entre as dissertações, “A escola normal da Bahia: saberes veiculados na formação das mulheres para o magistério (1890 - 1914)”, de Débora Magali Miranda Vieira, apresentada na mesma instituição das anteriores (2013), tem como objetivo “analisar o processo histórico de constituição do corpo de saberes específico à formação das mulheres para o magistério pela da Escola Normal da Bahia no período de 1890 a 1914”. Ela continua: “Tendo em vista os ideais republicanos que para a sua realização dependia de um povo instruído, assim como, a recusa à co-educação e a consequente presença crescente das mulheres no curso normal num período de obrigatoriedade do ensino primário, inclusive, para as meninas” (VIEIRA, 2013, p. 8).

Acessei, ainda, a dissertação “De jovens piedosas a rainhas dos lares: formação de professoras no Ginásio Santa Bernadete em Amargosa-BA(1953/1973)”, de Miguel José da Silva (2013), apresentada ao programa de pós-graduação em História Regional e Local da Universidade do Estado da Bahia, que teve como objetivo “examinar as relações e tensões presentes no cotidiano no Ginásio Santa Bernadete da cidade de Amargosa do processo de formação das professoras primárias no período de 1953 a 1973 e analisar os valores, a moral

religiosa, as concepções de gênero feminino na condição de mãe e professora recomendadas pela Congregação das Religiosas do Santíssimo Sacramento e por grupos sociais de Amargosa” (SILVA, 2013, p. 7).

Já entre os artigos, destaco alguns que serviram de referencial teórico para a pesquisa aqui apresentada, textos como “Educação, história e memória: A trajetória das escolas Sacramentinas” – de Ana Palmira Bittencourt Santos Casimiro e Laucimar Carvalho Souto Ferreira (2008), onde as autoras investigam a educação sacramentina, considerando que a trajetória da educação brasileira, desde 1500 até os dias atuais, teve seu início na pedagogia tradicional, principalmente no ensino jesuítico, cujo propósito era cultivar na essência humana a fé, a submissão e a disciplina.

Em “Magistério: como ocorreu a sua feminização no Brasil?” de Jamille Arnaut Brito Moraes (2009), a autora objetiva “debater as questões referentes à constituição do magistério brasileiro como profissão majoritariamente composta por mulheres”. O artigo “A educação feminina no Brasil em meados do século XIX e início do século XX”, escrito por Josiane Oliveira Rabelo, Marta Oliveira Costa e Bárbara Távora de Sousa Martins (2015), tem como objetivo “discutir a inserção da mulher na educação, visando traçar um breve panorama sobre a história da educação feminina no Brasil e as modernas práticas de ensino que foram surgindo em meados do século XIX e início do século XX”.

Em “A Constituição da Escola Normal no Ginásio de Jequié-Ba (1954-1966): Um pouco de sua História”, Marly Gonçalves da Silva e Janice Cassia Lando (2020), discutem a implantação do Ginásio de Jequié e a constituição da Escola Normal nessa Instituição, centrando sua atenção para uma história do Ginásio e aspectos sociais e econômicos que influenciaram na sua criação. Finalmente, temos o artigo Mulheres, mulheres negras e configurações étnico-raciais na Escola Normal de Caetité, Bahia (1898-1943), de Elizeu Pinheiro da Cruz, Janaina de Jesus Santos, Maria Lúcia Porto Silva Nogueira, Nadila Luiza Oliveira Nogueira (2021). Neste trabalho é apresentada uma leitura sobre a presença das mulheres na Escola Normal de Caetité, Bahia (1898-1943). O texto revela um esforço em romper com narrativas presentes em legislações e currículos escolares, que retratavam as mulheres como professoras submissas, meras executoras de tarefas prescritas por homens.

Além das produções que abordam a história da educação das mulheres na Bahia, outras obras contribuíram para o entendimento acerca do tema. Entre elas, menciono o artigo Mulher e educação: experiências de pesquisa no HISTEDR-PB, escrito por Charliton José dos Santos Machado e Maria Lúcia da Silva Nunes (2012). Embora esse artigo tenha um foco específico

na Paraíba, ele oferece reflexões sobre o papel da mulher na educação ao longo do século XX, contribuindo assim, para a compreensão mais ampla desse importante aspecto histórico.

As produções citadas contribuíram para a compreensão de como a educação feminina no Brasil se constituiu a partir de elementos sociais, políticos, culturais e ideológicos e a quem ela foi historicamente destinada, bem como entender como a educação ofertada às mulheres estava ligada a uma ideia de que a docência não podia atrapalhar o papel natural da mulher. A instrução para o magistério tinha que estar de acordo com as funções sociais tidas como inerentes à figura feminina. A educação precisava estar amparada em valores que reforçavam o padrão de mulher desejado pela sociedade.

A partir daí, foi possível delimitar o meu objetivo, que se constitui em investigar a construção de identidades de mulheres que estudaram no Ginásio Santa Bernadete e se tornaram professoras, a partir do referencial de valorização do “ser boa professora”. Para chegar a esse objetivo busquei: entender como o Ginásio Santa Bernadete se tornou referência de ensino em Amargosa-BA; identificar o processo de construção de identidades docentes de mulheres que estudaram no Ginásio Santa Bernadete e analisar o referencial de valorização do “ser boa professora” das mulheres que estudaram no Ginásio Santa Bernadete e ensinaram na cidade de Amargosa/BA.

No segundo capítulo intitulado “Entre a cruz, a agulha e a pena – uma educação feminina” faço a contextualização acerca da criação da Ordem do Santíssimo Sacramento na França e a sua vinda para o Brasil. Discutirei sobre a instalação e incorporação da Escola das Sacramentinas em Amargosa, destacando como ao longo dos 27 anos de atuação na referida cidade a instituição se tornou referência de ensino. Destacarei como o ensino ofertado pela instituição foi marcado por uma formação religiosa, que correspondia aos anseios da sociedade, das famílias e, sobretudo, da própria Igreja Católica.

A partir da análise de documentos, que se encontram no arquivo da escola e das entrevistas com ex-alunas é possível enxergar como a proposta educacional da instituição apresentava uma relação construída com a política da Igreja de educar a juventude feminina, mas sem esquecer a função vista como natural da mulher, que era ser esposa, mãe, dona de casa. Tal contextualização se deu observando o contexto histórico em que a educação feminina no Brasil estava inserida.

No terceiro capítulo, “Memória, gênero e identidade e as possibilidades de construção da história”, me debruçarei sobre o processo de construção da identidade do ser professora, tendo por base os relatos das ex-alunas do Ginásio. Ao analisar os depoimentos daquelas que fizeram parte deste trabalho, foi possível a construção de uma narração do quanto a formação

cristã se fez presente na construção da identidade docente dessas mulheres. É muito forte em seus depoimentos o quanto elas abraçaram o ser professora a partir de uma perspectiva vocacional, missão sagrada, maternal, de cuidado.

No quarto capítulo, Ser “boa professora” – o que contam os relatos das professoras, teço olhares sobre os aspectos que configuram a construção da representação social de ser professora em Amargosa. As discussões propostas visam compreender o processo de formação de ser professora no Ginásio Santa Bernadete, analisando, com base nos depoimentos das ex-alunas, como a identidade docente das mesmas foi construída a partir dos princípios educacionais adotados pela instituição em que estudaram. Como suas identidades, fruto do ensino religioso, que reproduzia uma concepção tradicional de educação e formação profissional, ajudou a formar a professora eficiente, ou “boa professora”. Mas o fio condutor é a trajetória da ex-aluna, a professora Maria da Conceição, que ocupou espaços de gestão na educação da cidade.

Finalmente, à guisa de conclusão, a partir das problematizações de Magda Chamon (2005), destacamos que o processo de feminização do magistério se deu em meio à construção de ideais em torno da figura feminina. Dentre esses ideais temos a associação do magistério feminino com o vocacional, abnegado, uma missão sagrada, uma extensão do trabalho do lar. A mulher é descrita como dócil, como boa mãe, boa esposa e, assim, poderia assumir a tarefa de cuidar da educação de crianças, pois já o fazia em casa com seus filhos.

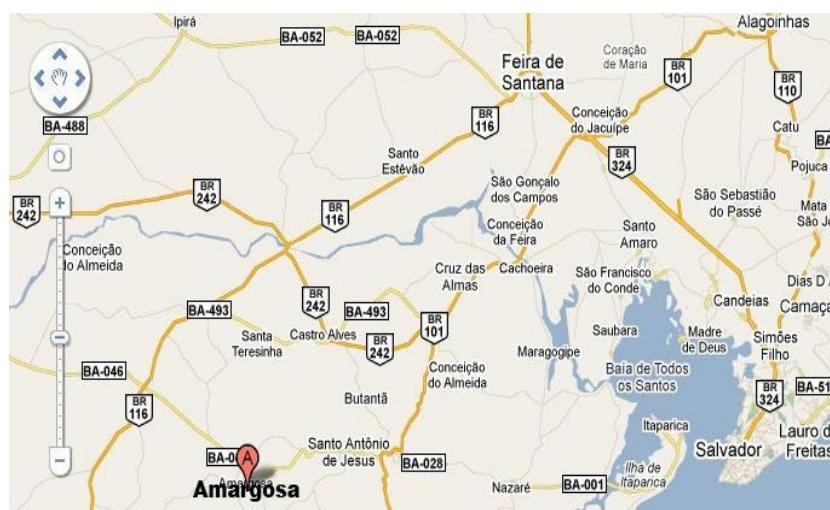
## 2. ENTRE A CRUZ, A AGULHA E A PENA – UMA ESCOLA FEMININA

Neste capítulo, discutirei o processo de instalação do Ginásio Santa Bernadete na cidade de Amargosa, interior da Bahia. Problematizarei como o ensino ofertado por este Colégio foi marcado pela formação religiosa, que correspondia aos anseios da sociedade, das famílias e, sobretudo, da própria Igreja Católica. A proposta educacional da instituição apresentava uma relação construída com a política da Igreja de educar a juventude feminina de Amargosa, mas sem esquecer a “função natural da mulher”, que era ser esposa, mãe, dona de casa. Tal processo se deu observando o contexto histórico da educação feminina no Brasil.

## 2.1 Amargosa: Contextualização histórica

A região que abrange o município de Amargosa, situado no Recôncavo Sul da Bahia, a 270 km da capital Salvador, era habitada pelos indígenas Sapuyás e Kariris. Os Kariris residiam originalmente na cidade de Pedra Branca (hoje conhecida como Santa Terezinha), enquanto os Sapuyás habitavam a Serra do Caranguejo. Os Kariris mantinham uma relação amigável com as autoridades locais, sendo usados durante o período colonial para capturar fugitivos escravizados e reprimir quilombos. Em contraste, os Sapuyás ficaram conhecidos por sua resistência à Igreja Católica e à autoridade secular (LINS, 2007).

**Figura 01** – Localização de Amargosa em relação a capital Salvador



Fonte: <https://www.google.com.br/search?q=amargosa>.

O nome "Amargosa" tem origem na prática de caça de uma pomba conhecida como Pomba-Amargosa, devido ao sabor amargo de sua carne. Rezende *et al.* (1991) afirmam que os

viajantes que eram atraídos para a região pela oportunidade de caçar e degustar essa iguaria costumavam convidar-se uns aos outros dizendo: "Vamos às amargosas". A partir daí, o nome "Amargosa" foi consolidado para aquela localidade.

Quando pesquisamos sobre a evolução política e administrativa da cidade, os documentos encontrados indicam que entre 1825 e 1830 a pequena comunidade foi elevada à categoria de povoado. Esse povoado fazia parte do recém-criado município de Nossa Senhora da Conceição de Tapera, atualmente conhecido como Santa Terezinha. Segundo a Revista Centenária (1991), por volta de 1840, as famílias de Gonçalo Correia Caldas e Francisco José da Costa Moreira construíram uma capela na região. Com o desenvolvimento urbano da cidade a partir desse momento, a capela se tornou o marco central do futuro de Amargosa.

Segundo a mesma Revista (1991), após a construção da Capela de Nossa Senhora do Bom Conselho, vários senhores que possuíam terras na área fizeram doações, tornando-a parte do patrimônio da Igreja. Estas doações objetivavam a obtenção de contribuições para a constituição de uma futura Diocese<sup>4</sup>, que se instalaria naquela localidade em 1941.

De acordo com Gildeflá Rezende *et al.* (1991), em 30 de junho de 1855 o pequeno povoado foi elevado à categoria de freguesia, passando a se chamar Freguesia de Nossa Senhora do Bom Conselho, através da resolução nº 574, do Vice-Presidente da Província da Bahia, Sr. Álvaro Tibério de Moncorvo e Lima. Ainda assim, dependia administrativa e politicamente do município de Nossa Senhora da Conceição de Tapera. Tornando-se independente através da Lei Provincial nº. 1726, de 21 de abril de 1877, foi, então, elevada à categoria de Vila de Nossa Senhora do Bom Conselho de Amargosa, porém só instalada oficialmente em 15 de fevereiro de 1878.

Em fins do século XIX a então Vila passou por grande crescimento, em decorrência do comércio com o sertão e da produção de café e fumo, tendo, inclusive, exportação para a Europa. Diante desse contexto, a Vila reuniu condições que lhe permitia a elevação à categoria de cidade, o que aconteceu em 02 de julho de 1891, através do Ato de Criação, de 19 de junho de 1891, do então Governador da Bahia, José Gonçalves da Silva, denominando-se simplesmente, de Amargosa.

Quando nos referimos a organização econômica e social de Amargosa, o geógrafo Robson Lins (2007, p. 53) apresenta que

---

<sup>4</sup> A Diocese de Amargosa foi criada em 10 de maio de 1941, pela Bula "Apostolicum Munus" do Papa Pio XII, desmembrada da arquidiocese de São Salvador, sendo a 5ª a compor a Província Eclesiástica da Bahia. Sua instalação se deu em 15 de agosto de 1942, com a posse do primeiro Bispo Dom Florêncio Sisílio Vieira.

O Município de Amargosa teve sua organização espacial estruturada numa sócio economia baseada no café, no fumo e no comércio, até os meados do século XX, gozando nesse período de grande importância econômica, política e cultural, desempenhando um papel de integração entre zona da mata e o sertão baiano, devido a sua posição geográfica, à presença de uma sociedade próspera e atuante e ao sistema de transporte da época, baseado na ferrovia que lhe permitiram essa funcionalidade estratégica.

Desde o final do século XIX até as primeiras décadas do século XX, Amargosa ocupou o lugar de centro regional do Vale do Jiquiriçá. No entanto, a decadência do café, o fechamento da estrada de ferro e a criação de rodovias deslocaram o foco das ligações comerciais para outras cidades, levando Amargosa a um processo de estagnação socioeconômica.

Ainda sobre os tempos de grande desenvolvimento de Amargosa, Lins (2007, p. 88) completa afirmando que

A prosperidade de Amargosa criara uma sociedade local importante e bastante influente com filhos ilustres dentro do cenário nacional a exemplo de Pedro Calmon, educador, político, historiador e primeiro Reitor da Universidade do Rio de Janeiro; Francisco Waldir Pires de Sousa, ex-governador do estado da Bahia, ex-deputado estadual e federal e ex Ministro da Defesa do Governo Federal; William Andrade Patterson, jurista renomado, Desembargador e ex-presidente do Supremo Tribunal de Justiça - STJ; Diógenes Sampaio, químico e ex-professor da Universidade Federal da Bahia; Luiz Sande de Oliveira, economista, professor, ex-presidente do BNDES e do BNH, ex-secretário de Fazenda do município de Salvador e do Estado da Bahia.

A história de Amargosa é marcada por períodos de riqueza e importância regional, graças ao comércio agrícola de exportação do café e decadência econômica, a partir da década de 1960, devido ao fim das atividades do Ramal da Estrada de Ferro de Nazaré, que havia se iniciado de 1892, interligando Amargosa ao porto de Nazaré.

No entanto, segundo Marques (2010, p. 48)

a estagnação econômica não representou estagnação política. Tendo em vista que em 1941, com esforços de autoridades locais, coronéis, pessoas de destaque da cidade, setores organizados e um grande número de fiéis, foi criada a Diocese de Amargosa, a sexta do Estado da Bahia, que preservou a cidade no lugar de centro regional, agora no campo religioso. A criação da Diocese garantiu grandes benefícios na área educacional. Em 1944 foi criado o Seminário, pelo Bispo Diocesano D. Florêncio Sisínia Vieira. Além de permitir a formação dos futuros clérigos, este foi um espaço privilegiado em meados do século XX para a escolarização masculina na região. Também foi fundado o Ginásio Santa Bernadete, dirigido pelas religiosas do Santíssimo Sacramento, que iniciou as aulas em 1946 com o curso primário. Em 1948 foi introduzido o curso ginásial e em 1953, o Curso Pedagógico. No ano de 1960 foi extinto o curso primário, permanecendo então o curso de admissão, o ginásio e o pedagógico. No ano de 1953, foi fundado o Seminário Menor da Imaculada Conceição e, em 1956, a Escola Paroquial. Em 1958, anexo ao

Santa Bernadete, foi criada a Escola Nossa Senhora de Lourdes, com o objetivo de atender às crianças (meninas) carentes de Amargosa (grifos nossos).

A chegada da Ordem do Santíssimo Sacramento, para dar continuidade aos estudos da mocidade de Amargosa aconteceu em um período de declínio econômico, mas não de declínio político e a vinda da instituição se configurou uma forma de manter-se enquanto espaço de destaque regional.

## 2.2 A chegada das Irmãs Sacramentinas na educação de Amargosa

A inserção feminina na educação formal e, posteriormente no magistério no Brasil ocorreu em um contexto social marcado por inúmeras restrições, tendo em vista que essa escolarização não era bem vista por grande parte da sociedade brasileira. À mulher das classes abastadas estava reservado o espaço doméstico, o cuidado com a família. Já as mulheres das classes menos abastadas, segundo Munhoz (2018, p. 4) “atuavam dinamicamente em espaços públicos, como as ruas da cidade, inseridas no mundo do trabalho como lavadeiras, roceiras, quitandeiras, quituteiras, parteiras, costureiras e em outros ofícios”. Assim, a inserção das mulheres no mercado de trabalho foi ampliada com a introdução das aulas femininas, um projeto oficialmente concebido exclusivamente por homens em um contexto em que as mulheres eram frequentemente consideradas como inferiores e viviam, em grande parte, sob a autoridade masculina.

Essa ligação da mulher com o espaço doméstico fica indicada no artigo 12 da lei de instrução pública do Brasil de 1827. Segundo este artigo, “as Mestras, além do declarado no Art. 6, com exclusão das noções de geometria e limitado à instrução de aritmética só as suas quatro operações, ensinarão também as prendas que servem à economia doméstica” (BRASIL, 1827).

Sobre as prendas mencionadas, Munhoz (2018, p. 7) afirma que “não houve uma definição específica sobre quais seriam as tais prendas, mas as práticas foram, principalmente, do ensino de costura e bordado”. Vemos assim, mais uma vez os reflexos de uma sociedade alicerçada nos interesses masculinos.

A educação brasileira teve durante muito tempo um caráter marcadamente religioso. A Igreja Católica estava à frente dessa educação que era voltada, sobretudo, para atender aos interesses da elite. Nesse sentido, “a história das Sacramentinas pode ser considerada um marco

importante na trajetória da educação brasileira, uma vez que, sua aspiração maior sempre foi à preservação de uma formação humanística para a sociedade” (CASIMIRO; FERREIRA, 2008, p. 10).

A Congregação do Santíssimo Sacramento foi criada pelo padre francês Pierre Vigne no início do século XVIII, tendo como objetivo a dedicação “[...] à adoração ao Jesus na Eucaristia e à evangelização, tendo como missão acompanhar os peregrinos, educar as crianças e jovens, sendo sempre solidária com os doentes e os pobres” (SILVA, 2006, p. 23). O objetivo da Congregação, contudo, se viu ameaçado quando, com o advento da Revolução Francesa (1789), uma forte perseguição à Igreja Católica se instalou na França. Perseguição esta que teria seus momentos de relativa tranquilidade, mas que no final do século XIX e início do XX voltaria a ocorrer de maneira mais intensa.

Esta perseguição levou as Irmãs Sacramentinas a buscarem novos territórios para sua atuação. E, a partir da segunda metade do século XIX, as Congregações Sacramentinas já começavam a se espalhar para outros cantos da Europa e fora desta. Nesse momento, a pedido do Arcebispo da Bahia Dom Jerônimo Thomé da Silva, em 1903, algumas irmãs vieram para o Brasil, mais precisamente para a cidade de Feira de Santana na Bahia, expandindo assim, o trabalho de evangelização da Congregação.

No entanto, a vinda da Congregação para o Brasil não estava dissociada de um projeto maior. Pelo contrário, entre os interesses da Igreja Católica no país, estava continuar a assegurar sua presença na educação da juventude. De acordo com Silva (2013), a preocupação educacional do bispado de Amargosa estava em conformidade com esses interesses:

A formação moral e religiosa das Irmãs em Amargosa, estava em consonância com o projeto do episcopado brasileiro de fortalecimento da fé católica. Havia uma reflexão teológica defendendo a adoração à eucaristia e o culto à Maria, mãe de Jesus, como princípios substanciais da cultura brasileira. E entre os eventos programados pela igreja estavam os congressos eucarísticos, fossem eles diocesanos ou nacionais, que demonstrariam publicamente a força da igreja católica e ajudariam a combater o avanço das religiões protestantes (SILVA, 2013, p. 37).

Ainda segundo Miguel Silva, ao combinar a educação formal com a formação religiosa, a Igreja buscava moldar o caráter das estudantes e fortalecer a identidade católica na comunidade. Essa abordagem também estava alinhada com os objetivos mais amplos da Igreja Católica de promover e difundir a fé entre as novas gerações. As alunas eram orientadas a buscar uma aprendizagem que conciliasse sua realidade individual com o coletivo, tendo como base um significado cristão.

A política da Igreja Católica em Amargosa consistia em fornecer educação básica e secundária, incluindo o "curso pedagógico" e formação religiosa, por meio de uma congregação religiosa feminina. Essa iniciativa era direcionada principalmente às filhas de famílias mais privilegiadas. No entanto, em pelo menos duas situações é possível perceber que o Ginásio Santa Bernadete não estava restrito a esta parcela da população de Amargosa e região.

Primeiro, a escola recebia algumas alunas que estavam isentas do pagamento das mensalidades conforme o artigo 8º do Estatuto de Ginásio Santa Bernadete: "Para atender às necessidades das famílias menos favorecidas, o Estabelecimento receberá alunas gratuitas a critério da Madre Superiora" (AMARGOSA, ESTATUTO DO GINÁSIO SANTA BERNADETE, 1946). De acordo com o relato da ex-aluna Regina Almeida, as despesas mensais das alunas, cujas famílias não arcavam com os custos, eram cobertas pela Secretaria de Educação do Estado. A concessão das bolsas ocorria por meio da intervenção de políticos que, com o intuito de angariar apoio nas eleições, intercediam a favor dessas jovens menos favorecidas<sup>5</sup>.

Segundo, em 1958 foi instalado um anexo ao Colégio Santa Bernadete, que se tornou a Escola Nossa Senhora de Lourdes, com o objetivo de atender às crianças (meninas) carentes da cidade de Amargosa/BA. Essa criação leva-nos a problematizar que havia então, uma preocupação por parte da Igreja com a educação das filhas de famílias menos privilegiadas. No entanto, não é possível deixar de mencionar que, embora essa iniciativa represente um passo positivo em direção à inclusão social e ao acesso à educação para todos, ainda persistem desafios subjacentes. Surge a necessidade de considerar se a segregação entre as escolas, mesmo com boas intenções, pode inadvertidamente perpetuar estigmas sociais e limitar o pleno desenvolvimento educacional das crianças de famílias carentes.

A religiosidade cultivada no dia a dia da escola buscava assim, alinhar-se aos objetivos da comunidade daquela época. O colégio procurava desenvolver uma educação que valorizasse os princípios religiosos e os aplicasse em atividades cotidianas, buscando a integração dos valores cristãos com as necessidades e expectativas da sociedade e do Estado daquele período.

A esse respeito Casimiro e Ferreira (2008, p. 10) argumentam:

Três aspectos alicerçam a pedagogia das escolas religiosas: a fé, a moral e o sentido comunitário, de modo que no convívio social o/a educando/a venha a aprender os bons princípios que podem fazê-lo/a sensível para a vida em

---

<sup>5</sup> Informações obtidas em entrevista concedida, pela depoente em 2014, durante a produção da Monografia apresentada ao curso de História da Universidade do Estado da Bahia. Ver SILVA: Ana Maria Barbosa da. **História sacramentada:** Práticas do ensino de História no Ginásio Santa Bernadete (1962-1973). 73fls. Monografia (Graduação, História) – Universidade do Estado da Bahia, Santo Antônio de Jesus, 2014.

comunidade, tornando-se agradável a Deus e a seus semelhantes. Em suma, a história das Sacramentinas pode ser considerada um marco importante na trajetória da educação brasileira, uma vez que sua aspiração maior sempre foi a preservação de uma formação humanística para a sociedade.

Ao articular a criação de uma escola ginásial em Amargosa, o bispado demonstrou uma preocupação específica em oferecer formação religiosa à juventude feminina. Esse enfoque refletia a importância que a Igreja Católica atribuía à educação religiosa como parte integrante da formação das jovens, visando transmitir valores morais e espirituais.

No que diz respeito à chegada da Ordem ao Nordeste, no primeiro momento, as atividades das religiosas giravam em torno da administração do orfanato Asilo Nossa Senhora de Lourdes, em Aracaju/SE e também trabalhos na área da saúde. Mas, ao longo do século XX a Congregação foi fundando diversas instituições voltadas para a educação em diversos estados nordestinos e diferentes cidades baianas. Silva destaca algumas delas:

No início de 1904 deram início ao Colégio Nossa Senhora do Bom Conselho em Maceió, no Estado de Alagoas, o Colégio Santo Amaro, na Bahia e o Colégio Nossa Senhora de Lourdes em Aracaju, Sergipe; ainda no segundo semestre de 1904 criaram mais duas comunidades: Colégio Nazaré, em Nazaré na Bahia e Hospital Santa Isabel, em Aracaju; no início de 1905 fundaram o Colégio São Carlos, na cidade do próprio nome, em São Paulo e o Asilo Filhas de Ana em Cachoeira, na Bahia; em julho do mesmo ano deram início à Escola Usina Brasileiro, Fazenda Brasileiro, em Alagoas; em outubro de 1905 estabeleceram o Colégio da Penha, em Salvador; em março de 1908 instituíram o noviciado São Raimundo, também em Salvador. Em 04 de março de 1928 inaugura-se o Colégio do Santíssimo Sacramento, no Garcia. Em julho de 1937 foi fundado o Educandário Nossa Senhora do Santíssimo Sacramento, na cidade de Bonfim, na Bahia. Em março de 1946 é instituída mais uma casa sacramentina na Bahia, desta vez na cidade de Amargosa, onde foi estabelecido o Ginásio Santa Bernadete. As Irmãs Sacramentinas criaram em abril de 1956 o Colégio Nossa Senhora de Fátima, na cidade de Vitória da Conquista, na Bahia. (SILVA, 2006, p.30)

O caráter educador da Ordem das Irmãs Sacramentinas no Brasil estava além da educação formal. As alunas eram tratadas como pessoas vazias que só através de uma orientação cristã conseguiram seguir no caminho da retidão. Assim,

As irmãs entendiam sua função de educadoras como uma missão. Para elas, as alunas eram inexperientes e carentes de orientação. As professoras eram colocadas como mães que buscavam o aperfeiçoamento dos indivíduos e da sociedade, através das disciplinas literárias ao alcance da inteligência feminina, a fim de que as jovens estudantes pudessem pensar e agir de modo cristão (COSTA, 2003, p. 3).

Por essa conduta, voltada para a exaltação da moral cristã, diversas eram as alunas que, ao concluir os estudos, ingressavam em conventos. Nas escolas religiosas e na sociedade da

época em questão, de acordo com Costa (2003, p. 10), “as exigências e cobranças em torno da mulher foram muito grandes. Ela tinha que viver de acordo com os padrões que a Igreja Católica considerava como sendo os de uma seriedade compatível com o papel feminino”.

Partindo das afirmações acima, Costa destaca que

A proposta educacional das Sacramentinas visava ao que elas entendiam como formação integral e humana, através do desenvolvimento de comportamentos e habilidades. A aluna adquiria princípios de formação científica e religiosa, com base em um trabalho pedagógico, organizado por intermédio de um programa que privilegiava disciplinas com conteúdos e técnicas capazes de influir no corpo e na mente, tais como as letras, a música, o teatro, a dança e a ginástica (2003, p. 10).

Por sua proposta educacional que visava a formação científica e religiosa de suas alunas, na primeira metade do século XX a Ordem do Santíssimo Sacramento foi convidada a se instalar na cidade de Amargosa. Naquele momento, o discurso do então Bispo da Diocese Dom Florêncio Sisínia Vieira era:

[...] vendo a necessidade de um educandário para a formação religiosa da mocidade da Diocese e da cidade episcopal, conseguimos realizar as promessas de vinda das dedicadas Irmãs do Santíssimo Sacramento sediadas na Bahia. Para isso, prometemos cooperar construindo junto ao legado do Cel. Benedito, o que já havia sido adaptado para o seminário, um pavilhão novo, que nos custou cento e poucos cruzeiros (LIVRO DE TOMBO DA DIOCESE, v. 31, apud SILVA, 2006, p. 31).

Entre o período que foi feito o convite pelo Bispo, em 1945, e a efetiva instalação das primeiras irmãs na cidade em 1946, não decorreu muito tempo. Segundo Silva (2006) no dia 06 de março de 1946 já começavam os primeiros trabalhos da Escola das Sacramentinas com apenas 15 alunas. Esse fato foi registrado na Certidão da Ata de criação do curso primário de 06 de março de 1946. Poucos dias depois, 19 de março, um influente coronel da cidade, senhor Benedito José de Almeida, doou a chácara que serviria de sede da escola.

O Ginásio Santa Bernadete, em seus 27 anos de funcionamento, atendeu no regime de internato e externato e recebeu alunas de diversas cidades da região: Laje, Mutuípe, São Miguel das Matas, Santo Antônio de Jesus, São Felipe, Milagres, Nazaré, Elísio Medrado, Itabuna, Itaberaba, Maracás, Ruy Barbosa, Itagiba, Castro Alves, Ipiaú, Ilhéus.

Aqui destaco que, até a criação do Ginásio Santa Bernadete, o acesso aos cursos ginasial e secundário era reservado majoritariamente ao público do sexo masculino. E ainda assim o ensino se dava através do Seminário diocesano, que era uma instituição privada e destinada a formação para o sacerdócio. Mas nem todo jovem amargosense apresentava

vocação para a vida religiosa. Silva (2013) revela que ingressar no Seminário se configurou uma possibilidade de continuidade dos estudos. Ao concluir o curso, aqueles que não desejavam seguir no sacerdócio abandonavam o Seminário.

No entanto, de acordo com Rezende (1991, p. 22)

A preocupação com a educação se fazia sentir desde os primórdios de Amargosa, destacando-se a figura da primeira professora Sra. Amélia de Souza no final do século XIX. Ainda neste período salienta-se a Escola da professora Gabino. A partir da 1<sup>a</sup> década do século atual [século XX] destacam-se as seguintes escolas: Escola Ateneu Amargosense – dirigida pelo Pe. Leonel Guimarães que tinha um curso noturno só para rapazes; e a escola da professora Gracínia Ramalho [...]; Escola do professor Eufríades Coelho (escola pública); Escola Ruy Barbosa, que era orientado por evangélicos e mantinha os cursos primário e ginásial.

Levando em consideração a informação acima, é possível analisar que a criação do Ginásio Santa Bernadete não se limitou apenas à oportunidade de expandir a educação para mulheres, uma vez que na cidade já existiam outras instituições de ensino. A vinda das religiosas para fundar essa instituição de ensino refletia um projeto mais amplo da Igreja Católica, que visava atrair jovens para a vida religiosa.

Ao estabelecer o Ginásio Santa Bernadete, a Igreja Católica não apenas oferecia acesso à educação formal para as mulheres, mas também procurava influenciar a formação e o desenvolvimento das jovens alunas. A presença das religiosas no ambiente educacional proporcionava um contato direto e contínuo com a vida religiosa, servindo como um estímulo para que as jovens considerassem a vocação religiosa como uma opção de vida.

Essa abordagem fazia parte de uma estratégia mais ampla da Igreja Católica para promover sua influência e fortalecer seu papel na sociedade. Ao atrair jovens para a vida religiosa desde cedo, a Igreja buscava garantir a continuidade de suas instituições e valores, além de fortalecer a presença da fé católica na vida das pessoas.

Análise esta também defendida por Silva (2013, p. 22), pois segundo este

era conveniente para a Congregação das Religiosas do Santíssimo Sacramento a criação e direção de uma escola no interior da Bahia, pois ampliaria as suas atividades educacionais e religiosas e, consequentemente, atrairia mais jovens para a vida religiosa consagrada, de preferência, na própria congregação.

Tais anseios da Ordem, de instalação do Ginásio, se aliaram ao desejo de parte da população da cidade, que tinha um maior poder aquisitivo. Silva (2013, p. 23) afirma que dentre as estratégias para educar as moças, era considerado crucial que a instrução fosse conduzida por uma instituição que promovesse e fortalecesse um modelo educacional baseado em valores

como obediência, humildade, submissão e religiosidade. Esse modelo feminino era fundamentado nos princípios cristãos, enfatizando a importância da obediência e do exemplo, reforçando o ideal de mulher desejado pela sociedade daquela época: uma figura de servidora, dona de casa, esposa e mãe.

No entanto, mesmo sendo destinada a educação feminina, é importante mencionar que, inicialmente, a instituição aceitou alunos do sexo masculino. De acordo com Silva, “inicialmente o Ginásio Santa Bernadete ofereceu o curso primário, para meninos e meninas, [...] Posteriormente instalou o curso ginasial, só para o sexo feminino, que teve seu começo em 07 de março de 1949, já com um internato instalado” (2013, p. 20). O intrigante é que apesar desse fato, não consta nos arquivos da escola, pelo menos nos arquivos que ainda é possível ter acesso, nenhuma pasta, nenhuma informação sobre a breve aceitação de alunos na instituição.

Após esta breve apresentação acerca da chegada da Ordem do Santíssimo Sacramento ao Brasil e à cidade de Amargosa dedicarei às próximas páginas a discussão sobre a formação educacional oferecida às alunas. Uma formação que tinha como princípios fundamentais a religiosidade, a docilidade, a virtuosidade, a ideia do magistério como vocação.

### 2.3 Religião, lar e formação profissional – a educação aos cuidados da Ordem

Para compreender a educação oferecida pelo Ginásio Santa Bernadete, é preciso primeiro situar o contexto da educação feminina no Brasil. Desde a época colonial, a educação esteve voltada para atender às necessidades de uma elite que pretendia manter-se enquanto classe dominante detentora do poder político e econômico.

Para além da organização da educação de acordo com a classe a que os indivíduos pertenciam, é preciso destacar também que, dentro dessa mesma trajetória educacional havia a distinção entre homens e mulheres. Estas últimas vistas como pessoas que não necessitavam de muitos anos de instrução escolar e, por isso, estavam, durante muito tempo, destinadas apenas à instrução elementar/primária como educação formal, oferta garantida a elas desde a primeira Lei Geral do Ensino (1827). O que não aconteceu com frequência nos demais níveis de ensino, ao longo do século XIX. No secundário, as meninas estavam presentes em iniciativas privadas (colégios, cursos, aulas avulsas) ou informais (de associações, sociedades) e no superior, apenas a partir de 1879 (Lei Leônio de Carvalho, RJ) a elas foi autorizado cursar as faculdades públicas existentes no Brasil (GONDRA; SCHUELER, 2008).

Ao conhecer a história da educação do nosso país é possível entender o quanto as relações educacionais estabelecidas ao longo do tempo correspondem às implicações sociais da época em que se insere. E quando pensamos essa história da educação no Brasil a partir da perspectiva do acesso feminino à instrução formal e o acesso ao magistério enquanto carreira, os enfrentamentos são ainda maiores, pois essa nova função não poderia ser um risco ao socialmente era visto, que a mulher naturalmente tinha nascido para ser: esposa e mãe.

Assim,

A saída das mulheres do reduto do lar para o trabalho e para a escola, para a sociedade produtiva, foi marcada pela desigualdade de possibilidades escolares e pela separação entre profissões masculinas – ativas – e femininas – sedentárias, num processo de naturalização da divisão sexual do trabalho. Quando houve uma ascensão das mulheres foi acompanhada de uma evolução masculina. Esses avanços não se deram de forma tão amistosa e nem facilitada, mas sim num contexto marcado por tensões e utilização de estratégias, por parte da sociedade em geral, para afastar a mulher do mercado de trabalho. Estratégias muitas vezes camuflas por boas intenções. Se as mulheres iam se integrando cada vez mais ao sistema educativo e ao mercado de trabalho, ocupavam aí postos mais feminizados e hierarquicamente mais baixos, e, consequentemente, desvalorizados. Em termos, foi assim que se deu a feminização do magistério (MACHADO; NUNES, 2012, p. 181).

As tensões e estratégias utilizadas para afastar as mulheres do mercado de trabalho muitas vezes se manifestavam através de estereótipos de gênero, preconceitos e barreiras institucionais. Mulheres eram frequentemente desencorajadas a buscar posições de liderança ou a entrar em áreas consideradas "masculinas", enfrentando resistência ao buscar ascensão profissional.

E com o crescente ingresso feminino na carreira docente, ao longo do século XX houve também o cuidado em montar currículos que se adequassem à função que se esperava que a mulher exercesse na sociedade. A docência feminina foi associada ao amor, a doação, e a vocação. O que também estava ligado ao ser mãe, esposa.

No Brasil, as Escolas Normais começam a surgir no século XIX, pretendendo resolver as deficiências do ensino brasileiro. O discurso da historiografia da educação tradicional foi o de que estas escolas foram, “por muito tempo e em muitos locais o único fornecedor de pessoal docente qualificado para o ensino primário” (ROMANELLI, 1986, p. 165).

De acordo com Silva (2006), nesse primeiro momento o objetivo era formar professores do sexo masculino para atuar nas escolas. Mas, apesar de inicialmente ser destinada ao público masculino, a presença feminina foi se tornando majoritária.

Sobre essa entrada feminina nas escolas normais, Louro afirma que

As escolas normais se enchem de moças. A princípio são algumas depois muitas; por fim os cursos normais tornam-se escolas de mulheres. Seus currículos, suas normas, os uniformes, o prédio, os corredores, os quadros, as mestras e mestres, tudo faz desse um espaço destinado a transformar meninas/mulheres em professoras (LOURO, 2004, p. 454).

As Escolas Normais se configuraram, segundo Saffioti (1976, p. 22) em “escolas de formação profissional de grau médio, destinavam-se à formação propedêutica e pedagógica do magistério primário”. E o processo de feminização se deu sob forte oposição. No entanto, o processo de modernização que o país vinha passando desde o século XIX se intensifica nas primeiras décadas do século XX, o que faz com que a visão da educação como indispensável ao desenvolvimento do Brasil seja reforçada, incluindo a educação feminina.

Assim, Freire (2011, p. 251) destaca que

as mulheres da classe média brasileira, no contexto da modernização vivida pelo país na primeira metade do século XX, buscavam oportunidades de ascensão social, tendo na renovação e ampliação do sistema educacional sua oportunidade de inserção cultural e econômica através da escolarização.

Freire chama atenção para algo importante quando diz qual mulher estava tendo acesso à educação formal: a mulher da classe média. Estas mulheres “viam, no magistério, uma possibilidade de articulação entre os papéis de mãe e mestra” (CHAMON, 2005, p. 105). O magistério se configurou uma possibilidade de acesso ao espaço público para mulheres dessa classe social.

Nessa perspectiva, Freire destaca que ao ser vista como frágil, a mulher precisava de proteção. Por isso, “qualquer trabalho fora do lar constituía um risco, uma vez que nenhuma forma de trabalho deveria afastar a mulher da vida familiar, [...] da alegria da maternidade e da pureza do lar. A profissionalização não poderia, portanto, chocar-se com a feminilidade” (2011, p. 249). Assim, era comum ter nos currículos, além das disciplinas formais, ensinamentos que giravam em torno do lar, do cuidado com a casa, com o marido, com os filhos.

Nesse contexto foi criado o Ginásio Santa Bernadete. A instituição deveria se dedicar à educação das filhas da elite da cidade e contava com regras bastante claras e rígidas, sobretudo quanto à conduta das alunas. Estas deveriam se portar de maneira condizente com a moral e os bons costumes da sociedade dentro e fora da escola, uma vez que, como destaca Costa (2003, p. 1), “o objetivo das religiosas era formar as filhas da elite e destiná-las para a Igreja, para a sociedade e para a família, priorizando uma proposta educacional que visava à formação física, intelectual, cívica, moral e religiosa”.

No entanto, apesar de a maior parte das alunas serem provenientes de famílias ricas, a escola recebia algumas alunas que estavam isentas do pagamento das mensalidades conforme o artigo 8º do Estatuto do Ginásio Santa Bernadete: “Para atender às necessidades das famílias menos favorecidas, o Estabelecimento receberá alunas gratuitas a critério da Madre Superiora” (AMARGOSA, 1946).

O artigo presente no Estatuto da instituição que garante a concessão de bolsas a algumas estudantes revela uma realidade histórica da educação brasileira que era caracterizada por um sistema de ensino excludente. Essa prática era comum em muitas instituições de ensino durante um período em que a educação era fortemente marcada por desigualdades sociais e desanimadoras.

A concessão de bolsas a admitida da Madre Superiora, como mencionada no Estatuto, significava que a oportunidade de estudo estava submetida ao julgamento e à decisão de uma autoridade, em vez de ser um direito universal garantido a todos os indivíduos. Isso reforça a ideia de que o acesso à educação nesse período histórico estava condicionado a fatores como classe social, influência ou conexões pessoais, e não necessariamente ao mérito acadêmico ou à necessidade de cada aluno.

Essa abordagem contribuiu para perpetuar as desigualdades educacionais, pois negava a oportunidade de estudar para muitos indivíduos que não tinham recursos financeiros para pagar as mensalidades das escolas. Como resultado, a educação era inacessível para uma parcela significativa da população brasileira, especialmente para os mais pobres.

Ao longo do tempo, a educação no Brasil passou por mudanças significativas, incluindo a implementação de políticas de inclusão e acesso à educação para todos os cidadãos. Essas políticas visam superar as barreiras históricas de exclusão e garantir que a educação seja um direito universal e igualitário para todos os brasileiros.

Ainda assim, as desigualdades educacionais persistem em muitas áreas do país, e o acesso a uma educação de qualidade ainda é um desafio para algumas comunidades. A busca por uma educação mais inclusiva e igualitária continua sendo uma prioridade para garantir que todos os indivíduos tenham oportunidades iguais de desenvolvimento pessoal e profissional.

Dentro de uma proposta de formação humana que instigasse a boa conduta, a moral e os bons costumes no corpo e na mente, as alunas aprendiam ainda noções de comportamento social. Pois, apesar de estarem sendo preparadas para a docência, aprendiam também a serem boas mães de família, boas esposas e donas de casa dedicadas, que vivessem de acordo com os padrões da sociedade em que estavam inseridas.

Para aquela sociedade, ser mãe, dona de casa e boa esposa estava à frente do ser professora. Assim, “a formação do Ginásio Santa Bernadete era fundamentalmente alicerçada na dimensão espiritual-religiosa, pois aquela mulher, educada, polida e cristã convicta, deveria imprimir seus valores a seu grupo, de modo particular à sua família” (SILVA, 2006, p. 49).

A educação destinada às alunas do Colégio das Sacramentinas era marcada por uma preparação destas para a vida em família e, nesse sentido, Silva relata que “os programas das disciplinas do Ginásio Santa Bernadete privilegiavam comportamentos e noções maternais, uma representação da professora como mãe e esposa” (2006, p. 49). Fato que é reforçado pelo relato da ex-aluna Maria da Conceição, que estudou na instituição entre os anos de 1946 e 1955, quando concluiu o Curso Pedagógico, fazendo parte da primeira turma de magistério formada pela escola, em entrevista concedida em agosto de 2022, ao afirmar que

tínhamos também a aula de educação doméstica, que era como se dirigia uma casa, e aí as irmãs orientavam a aprender a fazer rol de roupa, a fazer um catálogo assim com o que se comprava na semana, fazer um rol pra fazer... como se diz... a despesa da casa, e os cuidados também com casa, entrava também, assim, na terceira série, já entrava um pouco de puericultura de cuidado com criança, como cuidar de criança (MARIA DA CONCEIÇÃO, 2022).

Tal fala deixa claro que a visão da escola sobre o magistério feminino se embasava no pensamento da profissão docente enquanto uma extensão das atividades domésticas. Por já cuidar dos filhos, as mulheres eram capazes de educar crianças, sobretudo das primeiras séries. Além disso, atuar como professora não causaria prejuízo à sua função natural de ser mãe e dona de casa, já que seus alunos seriam como filhos:

A atividade docente [estaria] associada a características tidas como naturalmente femininas, tais como: a paciência, a afetividade, a abnegação, a doação, a minuciosidade, o jeito para lidar com crianças. Estas características, associadas à religião, fomentariam a ideia de que a docência constituía-se como sacerdócio e não como profissão (FREIRE, 2011, p. 250-251).

Essa representação do magistério como uma extensão do lar, se configurava, ainda nos primórdios do século XX, uma característica da educação feminina formal e acabava por provocar um ensino que se distanciava “da realidade brasileira, sendo dada pouca atenção aos problemas de ordem política, econômica e social” (SILVA, 2006, p. 51). Característica que era legitimada legalmente, uma vez que a própria Lei Orgânica do Ensino Secundário, Lei 4.244 de 9 de abril de 1942, apresentava em seu Título III, Do Ensino Secundário Feminino, artigo 25 o seguinte texto

Art. 25. Serão observadas, no ensino secundário feminino, as seguintes prescrições especiais:

É recomendável que a educação secundária das mulheres se faça em estabelecimentos de ensino de exclusiva frequência feminina. Nos estabelecimentos de ensino secundário frequentados por homens e mulheres, será a educação destas ministrada em classes exclusivamente femininas. Este preceito só deixará de vigorar por motivo relevante, e dada especial autorização do Ministério de Educação. Incluir-se-á, na terceira e na quarta série do curso ginásial e em todas as séries dos cursos clássico e científico, a disciplina de economia doméstica.

A orientação metodológica dos programas terá em mira a natureza da personalidade feminina e bem assim a missão da mulher dentro do lar (BRASIL, DECRETO-LEI Nº 4.244, 1942).

Ou seja, corroborando com o fragmento da Lei Orgânica do Ensino Secundário, Freire (2011) aponta que a presença da mulher na educação formal não significou necessariamente um avanço no que diz respeito à valorização intelectual desta, pois a instrução visava antes de tudo formar boas esposas, companheiras prendadas, mulheres mais qualificadas para o papel que se esperava que exercessem.

A leitura do fragmento da Lei Orgânica e as colocações de Freire permitem-me assegurar que no princípio do século XX ainda era forte a percepção de uma educação que, ao invés de servir à transformação social, libertação da opressão e emancipação de mulheres e homens, serve a “secularização”, a “ação antidialógica”, a “desumanização”, a ação “reacionária” e ao “imobilismo”, conforme alerta Paulo Freire (1987).

No Colégio das Sacramentinas, havia cuidado em instruir as moças em um modelo que abordava o ideal de obediência, humildade, submissão e religião tendo como princípios valores disseminados pelo cristianismo que reforçava o modelo de mulher desejado à época, de uma dona de casa devotada, uma esposa submissa, uma mãe carinhosa e formar uma professora que atenderia a esses quesitos e os levaria para sala de aula, adotando a postura de boa professora dedicada, que se preocupava com seus alunos como uma mãe se preocupa como os filhos.

O objetivo do Ginásio Santa Bernadete era formar mulheres de Amargosa e região para o exercício da docência, no entanto, no dia a dia da escola o ser dona de casa tinha um lugar de destaque na preparação das alunas. De acordo com o relato da ex-aluna Dalva, que cursou o Pedagógico entre 1967 e 1969 e nos concedeu entrevista em agosto de 2022, as alunas eram lembradas o tempo inteiro pelas irmãs que precisavam estar preparadas para os afazeres de uma dona de casa e de uma esposa. Segundo ela, o currículo da escola era dedicado a

Preparar para o lar também, porque eu me lembro bem que a irmã São Paulo já falava, ela já falava, criticava, brincava com a gente: ‘Como é que você vai ser uma mãe, você amanhã depois vai casar, ter uma casa, como é que você vai ser, o que você vai fazer?’ Então quero dizer, aquelas orientações, como...

me fugiu agora... a matéria de acordo com ela... né, ela estava ensinando era nos orientando para ser uma boa mãe, de, é... uma boa mãe e uma boa dona de casa, como... sem esquecer professora, em sala de aula (DALVA, 2022).

Afinal, quando concluíssem os estudos não era apenas a sala de aula que as esperava, mas uma casa, um marido e filhos: “o ser professora, manifestação de uma jovem bem educada, certamente atrairia um companheiro com melhor condição financeira e também bem educado” (SILVA, 2013, p. 85). Fato que as irmãs não deixavam as alunas esquecer, como pode ser observado no relato acima.

#### 2.4 Escola das Sacramentinas<sup>6</sup> – uma educação voltada para a mulher

O Ginásio Santa Bernadete iniciou as atividades no ano de 1946, com o curso primário, como já mencionado. Em 1949, o curso ginásial começou a funcionar, com 49 alunas, conforme ata de criação do curso ginásial, encontrada no arquivo do Colégio (AMARGOSA, ATA DE CRIAÇÃO DO CURSO GINASIAL, 1959). Para tanto, foi necessária a vinda em 1948 de uma irmã, Maria Modesta, que organizaria o curso, e do Inspetor Federal Dr. Julival Rebouças<sup>7</sup>.

Para ingressarem no ginásio as alunas deveriam, após concluírem o primário, fazer um exame de admissão<sup>8</sup>. Na escola, “o primeiro exame de admissão foi realizado no dia 10 de dezembro de 1948, com 42 alunas aprovadas” (SILVA, 2006, p. 34). O momento de exame de admissão é lembrado pela depoente Maria da Conceição que fez o seguinte relato:

pra a gente entrar no ginásio, a gente teve que fazer exame de admissão, o exame de admissão naquela época era uma revisão de todo o primário, e era um exame assim, como se fosse até um vestibular, pra a gente era um vestibular, com a presença do inspetor federal, Dr. Julival Rebouças [...] que era de Mutuípe, e naquele tempo era como colégio particular vinha o pessoal de responsabilidade do MEC, né, e... eles vinham pela excepcional de Salvador, a fiscalização não era direto da secretaria, era através da... da excepcional que era um setor do ministério da educação na Bahia, o Dr. Julival

<sup>6</sup> Para esse subtítulo optei por usar a designação Escola das Sacramentinas, pois é assim que ainda hoje o mesmo é popularmente conhecido, como já mencionado.

<sup>7</sup> Julival Rebouças formou-se em direito em 1938. Em 1939 foi nomeado Inspetor Federal de Ensino. Em 1939, foi eleito diretor da Associação Baiana de Imprensa, em Salvador. Além de ter sido presidente da Câmara de Vereadores de Mutuípe. Em 1980, foi vítima de um acidente automobilístico que o deixou deficiente visual, em 15 de janeiro de 1994 veio a falecer.

<sup>8</sup> Os exames de admissão, recurso de seleção dos alunos que finalizavam o ensino primário e queriam ingressar no secundário, foram instituídos através do Decreto 18.890 de 1931. De acordo com o “art. 22. O exame de admissão constará de provas escritas, uma de português, (redação e ditado) e outra de aritmética (cálculo elementar), e de provas orais sobre elementos dessas disciplinas e mais sobre rudimentos de Geografia, História do Brasil e Ciências naturais.” Disponível em: <<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1930-1939/decreto-19890-18-abril-1931-504631-republicacao-141247-pe.html>>.

foi indicado para vir fazer... o de admissão (MARIA DA CONCEIÇÃO, 2022).

Após a realização do primeiro exame de admissão e com o andamento das atividades do Curso Ginasial, não demorou a ter início o funcionamento do Curso Pedagógico. De acordo com Silva (2013, p. 98), “em meados do ano de 1952, o Governador do Estado, Régis Pacheco e o Dr. Pedro Calmon [...] fizeram uma visita ao Ginásio Santa Bernadete, atendendo ao convite das Religiosas Sacramentinas”. Em dezembro daquele mesmo ano a autorização foi concedida. Segundo o decreto nº 15.374 de 26 de dezembro de 1952, art. 1º “Fica concedida, nos termos do art. 24, do Decreto nº 11.762, de 21 de novembro de 1940, autorização para o funcionamento do Curso Pedagógico do Ginásio ‘Santa Bernadete’, na cidade de Amargosa, sob o regime de fiscalização preliminar” (BAHIA, DECRETO Nº 15.374, 1952).

De acordo com o decreto, em 1953 teve início a primeira turma do Curso Pedagógico do Ginásio Santa Bernadete<sup>9</sup>. Conforme ata de criação do curso, encontrada no arquivo do colégio

aos seis dias do mês de abril de 1953 presentes a inspetora do curso Pedagógico, Srta. Dinorá Lemos, a diretora do estabelecimento Madre Santa Sophia e a Secretária Irmã Maria Rosina Rocha, foi criado o curso Pedagógico do Ginásio Santa Bernadete, na cidade de Amargosa, estado da Bahia (AMARGOSA, ATA DE CRIAÇÃO DO CURSO PEDAGÓGICO, 1953).

A turma que iniciou o curso em 1953 se formou em 1955. De acordo com a ata de formatura, a sessão solene de formatura foi realizada “aos cinco dias do mês de dezembro de mil novecentos e cinquenta e cinco [...] no salão nobre da Sociedade Filarmônica Lira Carlos Gomes” (AMARGOSA, 1955). Nesta sessão estiveram presentes pessoas de importância política e religiosa para a escola e para sociedade de Amargosa na época, como o bispo Dom Florêncio Sisínia Vieira, que participou diretamente na concretização da instalação da instituição na cidade.

Mais tarde, em homenagem às professoras formadas na primeira turma do Curso Pedagógico, a escola mandou construir um quadro, que hoje fica exposto na sala da direção, conforme fotografia abaixo. Entre os nomes que aparecem homenageados estão o já citado bispo Dom Florêncio, paraninfo da turma daquele ano; o padre Walfrido Vieira; o padre José Clarêncio Vieira; o vigário da paróquia de Amargosa Antônio José de Almeida; a madre geral da Congregação no Brasil, Marie Blanche; a madre Superiora de Amargosa, Santa Sophia; o

---

<sup>9</sup> Uma das depoentes deste trabalho, a professora Maria da Conceição, foi aluna dessa primeira turma que concluiu o curso em 1955.

governador do estado da Bahia, Antônio Balbino; o deputado estadual Waldir Pires; o reitor da Universidade do Brasil, Pedro Calmon; o inspetor federal de educação, Julival Rebouças; a fiscal do curso pedagógico, Dinorah Lemos da Silva; a professora Sisínia Vieira Matos; a professora, Irmã Joana Angélica e o professor e promotor público, José Calmon de Passos.

**FIGURA 02** – Quadro em homenagem às formandas do Curso Pedagógico de 1955 (Primeira turma de professoras a se formarem no Ginásio Santa Bernadete)



Fonte: Autoria própria.

Essa fotografia carrega um grande significado para o Ginásio Santa Bernadete e para Amargosa, uma vez que não foi apenas a primeira turma de professoras do Ginásio, mas da cidade, constituindo um marco histórico importante, representando o avanço da educação em Amargosa e o papel pioneiro desempenhado pelo Ginásio Santa Bernadete na formação de profissionais da área educacional. É um testemunho da abertura de caminhos para novas oportunidades e contribuindo para o desenvolvimento educacional da cidade.

Essa primeira turma de professoras simboliza não apenas a conquista individual de cada uma das formandas, mas também o progresso da educação em Amargosa, inspirando gerações futuras de mulheres a seguir carreiras no campo educacional. A fotografia é um símbolo de orgulho e um lembrete do legado educacional estabelecido pelo Ginásio Santa Bernadete na comunidade de Amargosa. Inclusive uma das formandas que aparece no quadro acima, a professora Maria da Conceição, regressou à instituição ainda sob a direção das irmãs,

na condição de professora e lá permaneceu por 10 anos (de 1957 a 1967), assumindo, após a estadualização da escola, o cargo de diretora<sup>10</sup>.

Tal significado é revelado no relato da ex-aluna, a professora Belarmina, que ingressou na instituição em 1956 para cursar o 5º ano do primário, quando ocorreu o momento da primeira formatura de professoras na cidade. Ela cursou o Pedagógico entre os anos 1961 a 1963. Ela recorda esta formatura com entusiasmo, com expressão de que esta data se configurou um divisor de águas para Amargosa:

a primeira formatura? Meu Deus do céu, novidade aqui em Amargosa, aí então minha mãe e eu nós fomos porque meu pai disse: “Cês’ vão, que é para Bela aprender a valorizar uma formatura que ela nunca viu”. Foi bom, foi muito bom, eu vi como era uma formatura em Amargosa, a primeira formatura foi lá na Lira, coisa linda (BELARMINA, 2022).

Nessa fala, é visível o quanto o ser professora tinha significado para a família. A fala do pai leva-nos a perceber o valor e o reconhecimento que ser professora tinha na cidade naquele período. Silva (2013, p. 77) afirma que “o ser professora lhe concedia [às jovens formadas] um reconhecimento social, [...] uma nova identidade que dava mais visibilidade, mais poder do que ser apenas uma mulher mãe e dona de casa”. Essa visibilidade estava associada ao acesso restrito à instituição, que por seu caráter privado limitava o ingresso de mulheres ao curso pedagógico em Amargosa.

Quando a realidade acima descrita é estendida às alunas que frequentavam à instituição na condição de bolsista ou que a família fazia um esforço muito grande para manter na escola, esse reconhecimento ganha ainda mais destaque. Como pode ser percebido nos depoimentos da professora Anacleta, ao relatar a dificuldade que seu pai enfrentou para conseguir mantê-la estudando na instituição:

eu mesmo... por eu ser, na época uma boa aluna, minha professora de primeira à quarta série, foi lá em casa e pediu ao meu pai para me colocar pra fazer exame de admissão, que era um exame que a gente fazia pra ter acesso ao ginásio, e aí meu pai dizia que eu não podia, que eu não podia, ele não tinha como, não tinha condição. Aí ela foi lá me matriculou, pagou minha matrícula e voltou e me disse: Anacleta sua matrícula tá pronta, agora o resto é com seu pai. Aí eu comecei capengando, estudando, estudando, e o coitado com aquela maior dificuldade (ANACLETA, 2022).

---

<sup>10</sup> Informações obtidas em entrevista com a referida professora.

E da professora Belarmina, que considera o seu pai um herói, que, mesmo não tendo um emprego fixo, fazia todo o tipo de serviço para conseguir pagar as mensalidades em dia e formar a filha professora:

eu fui pra lá porque meu pai, digo assim, meu pai realmente que ele foi um louco, ele pra mim foi um grande herói, o maior homem em Amargosa. Todo mundo se queixando: ‘ah não posso comprar isso, escola tá cara, livro tá caro’ meu pai não tinha salário fixo, é...fazia espora para vender, fazia espeto, trempe, etc...ferrava animal, com o dinheiro disso aí, de coisa incerta ele pagava certinho, por isso, esses recibos pra mim, eles são joias, ouro, porque ele pagava certo (BELARMINA, 2022).

O depoimento da professora destaca como seu pai era uma figura admirada por ela, que mesmo enfrentando desafios financeiros se esforçou para garantir o acesso à educação e a carreira docente. Os recibos mencionados na narrativa simbolizam o cuidado do pai, pois representam o pagamento correto e pontual das despesas escolares, apesar das dificuldades financeiras. Eles se tornam símbolos valiosos da motivação do pai em oferecer uma educação digna e oportunidades para o futuro.

Mas acima disso, representa o quanto a educação e a formação docente era vista por este homem como algo que valia a pena cada esforço empregado. Talvez tanto esforço estivesse ligado ao fato de que o pai da professora Belarmina via na carreira docente uma possibilidade de sua filha, ao concluir o Curso Pedagógico, desfrutar de uma situação financeira e social mais confortável. A profissão docente era vista, então como aquela que iria proporcionar às mulheres uma oportunidade de participar no desenvolvimento da comunidade e no progresso educacional, o que confere um senso de propósito e realização pessoal.

Voltando a falar da formação oferecida no Ginásio, as alunas eram vigiadas constantemente, sobretudo as internas, e eram castigadas por qualquer ato considerado fora dos padrões do regimento da escola. As regras deveriam ser obedecidas fielmente pelas alunas, o que nem sempre acontecia. As regras eram bem claras no estatuto da instituição. Os artigos 4º e 9º, do Estatuto de 1968, se referem especificamente quanto ao comportamento das alunas:

Art.4º - O estabelecimento manterá o regime de internato e externato para alunas do sexo feminino que apresentarem procedimento e conduta condizentes com as sadias normas da moral cristã.

Art. 9º - As alunas são obrigadas ao cumprimento exato das normas estabelecidas quanto ao horário das aulas, visitas, saídas, etc. bem como ao uso dos uniformes adotado (AMARGOSA, ESTATUTO DO GINÁSIO SANTA BERNADETE, 1968).

As “sadias normas da moral cristã” diziam respeito a um comportamento que refletia os princípios sociais e religiosos daquela sociedade, uma vez que, como argumenta Passos (1995, p. 24), “cada sociedade investe na formação de um tipo de caráter dos seus membros que satisfaça aos seus interesses e garanta sua manutenção”. E para a sociedade de Amargosa, no contexto analisado, uma educação feminina que garantisse os interesses de uma sociedade dominada pela figura masculina.

Além de seguir as regras, as alunas eram submetidas às professoras e em particular a Madre Superiora, Diretora do Colégio. As irmãs deixavam claro que havia hierarquia, que havia diferença entre as alunas e elas, como é possível perceber no relato da depoente Maria da Conceição. A mesma se refere da seguinte maneira a essa diferença entre as carteiras das alunas e das professoras: “o magista<sup>11</sup> que está acima do estrado, eu comecei no estrado, no Santa Bernadete a gente tinha o estrado, a carteira ficava em cima (risos) e a gente ficava...” (MARIA DA CONCEIÇÃO, 2022).

Essa colocação pode ser reafirmada ao observarmos as fotografias das salas de aula da época. Em visita ao arquivo da instituição, me deparei com uma pasta onde estavam diversas fotografias e também ao ter acesso ao álbum de recordações de outra ex-aluna, a professora Belarmina. Conforme é possível ver nas fotografias a seguir, a cadeira da professora, além de ficar em uma posição de destaque em relação às alunas, também está em um nível um pouco mais elevado na sala:

**FIGURA 03** – Sala de aula do Ginásio Santa Bernadete, s/d.



Fonte: Arquivo do Colégio Estadual Santa Bernadete

<sup>11</sup> De acordo com a descrição da nossa depoente, o magista era uma espécie de degrau mais alto na sala para destacar a figura do professor.

**FIGURA 04** – Sala de aula do Ginásio Santa Bernadete



Fonte: Arquivo pessoal da ex-aluna Belarmina.

As fotografias chamam atenção para como a relação entre professoras e alunas era marcada pela superioridade e pelo distanciamento, o que conferia às professoras, como detentoras do saber, autoridade sobre as demais. Esse conhecimento lhes dava poder sobre aquelas que não o possui, neste caso as alunas.

Além da disciplina, o cotidiano das alunas era marcado por intensa religiosidade. As alunas internas assistiam à missa diariamente, constituindo-se assim, uma prática comum. Segundo Silva (2006), “A educação católica oferecida pelas Irmãs Sacramentinas tinha uma finalidade específica: a formação de boas cristãs, dentro dos padrões vigentes na época” (SILVA, 2006, p. 46).

Pensar o cotidiano é pensar uma descrição da vida diária de homens, mulheres, comunidades e populações. O senso comum dá uma noção de narração de seus costumes, seu modo de vida, seus hábitos e usos da vida privada e social. Vale ressaltar a História do cotidiano enquanto discussão histórica constituinte do movimento de transformação e redefinição das relações sociais. Priore destaca o entendimento de Le Goff de que “o cotidiano só tem valor histórico e científico no seio de uma análise de sistemas históricos, que contribuem para explicar seu funcionamento” (PRIORE, 1997, p. 380).

Assim, o comportamento exigido pela escola estava inserido em algo maior, os padrões da sociedade em questão, tendo em vista que os mesmos deveriam ser reproduzidos dentro e fora da escola, seja no meio familiar ou nos demais espaços sociais que elas frequentassem. Tornava-se, assim, parte do cotidiano dessas alunas, e sendo incorporados à construção de suas identidades enquanto mães, professoras e mulheres.

Priore (1997, p. 386) destaca ainda que os problemas da vida cotidiana não são pequenos e a história não é produto particular a grandes acontecimentos; pelo contrário, se baseia na vida cotidiana de atores discretos que são a maioria. Ao contrário da aparência, a vida cotidiana e a história não se contradizem. Desse modo, a discussão acerca do cotidiano possibilita uma importante noção sobre o entendimento da construção das relações sociais estabelecidas ao longo da organização e estruturação das populações.

Os acontecimentos sociais e políticos em uma dada sociedade não acontecem isoladamente ou descontextualizados do histórico da vida de sua população, nem tampouco, desvinculados da conjuntura atual vivida pelas pessoas. Por isso, a escola em questão se enquadrava nos padrões da sociedade da época, uma vez que

O modelo de mulher, segundo os padrões vigentes, foi disseminado nas práticas cotidianas, na maneira de agir das pessoas que conviviam nesses espaços. A disciplina rigorosa, os conteúdos curriculares intencionalmente organizados, o ritual dos exames, enfim, todos esses atos contribuíram para a formação da mulher (FREIRE, 2013, p. 93).

O indivíduo enquanto ser social e em processo permanente de constituição, independente de tradições, costumes e hábitos, está todo o tempo construindo e reelaborando comportamentos e pensamentos que não necessariamente determinam sua condição social, mas redefinem suas expectativas.

E toda a dedicação exigida se dava, pois a sociedade da época primava por formação moral e cristã e a esse respeito Louro (2004, p. 447) afirma que

esperava-se que as meninas e jovens construíssem suas vidas pela imagem de pureza da Virgem. Através do símbolo mariano se apelava tanto para a sagrada missão da maternidade quanto para a manutenção da pureza feminina. Esse ideal feminino implicava recato e o pudor, a busca constante de uma perfeição moral, a aceitação de sacrifícios, a ação educadora dos filhos e filhas.

O recato, pudor e maternidade acima mencionados tinham fortes inspirações na adoração a “Maria”. A devoção a Maria era muito forte no Colégio das Sacramentinas. De acordo com Silva, “a exaltação das virtudes de Maria, a mãe de Jesus, era um meio de incentivar as alunas a buscarem a perfeição da Virgem” (2006, p. 47). A pureza da “Virgem” era vista como um exemplo a ser seguido pelas alunas. O mês de maio era inteiramente dedicado a Maria. Durante esse período, todos os dias aconteciam momentos na Capela da escola dedicados à oração.

Além da devoção a Maria, outro período de intensa religiosidade durante o processo de formação das alunas era um retiro espiritual realizado anualmente, que durava três dias, as alunas passavam esse período em oração, como descrito na fala da professora Belarmina:

Outro momento forte no Santa Bernadete também, eram os retiros, eram três dias de retiro, agora imagine pra juventude se manter em silêncio, ou três ou dois se não me engana, a memória tá me traindo, não era mais disso, ou três ou dois dias, e, mas tinha também intercalado com palestras, vinha palestrante de fora, tudo sobre espiritualidade, dividia em círculo, falava baixinho, enfim a gente se encontrava, isso tudo foi somando para nossa vida (BELARMINA, 2022).

A partir do relato, é possível inferir que nem todas viam os momentos de retiro como algo que se pudesse optar fariam com a mesma regularidade que lhes era imposto. Isso fica claro quando Belarmina descreve o retiro como um “momento forte”, mas também reconhece que era difícil manter a atenção, quando profere as seguintes palavras “agora imagine pra juventude se manter em silêncio”. Mesmo estando inseridas em uma sociedade que exigia delas o comportamento condizente com o que entendiam por moral e bons costumes, ainda eram jovens e desejavam mais do que lhes era imposto, seja pela família, pela escola, ou pela Igreja.

A religiosidade e a preocupação com a formação espiritual das alunas eram uma marca, uma exigência na educação ofertada no Colégio da Sacramentinas. Esta religiosidade era fruto de uma espiritualidade, de resignação e obediência dentro dos princípios moralistas de conduta, de acordo com os projetos da própria Igreja Católica.

No entanto, assim como na fala da professora Belarmina, outra depoente também demonstra questionamento quanto a religiosidade exigida no colégio. Anacleta afirma que

era uma formação religiosa muito rígida que a gente recebia no colégio das freiras. Eu não sei até que ponto isso era tão bom porque a gente sabe que o estado é laico e a gente processa a religião que a gente escolhe, e num colégio desse a gente era obrigado a praticar mesmo o ensino é... o catolicismo lá, rezando e indo pra capela todos os dias (ANACLETA, 2022).

No contexto mencionado, é compreensível que a imposição de práticas religiosas católicas e a frequência obrigatória à capela possam ter sido vistas como uma forma de disciplina. No entanto, essas experiências podem ter sido positivas para algumas pessoas, enquanto para outras podem ter gerado conflitos em relação à sua liberdade de expressão religiosa.

Ainda sobre essa intensa religiosidade, Silva (2013) argumenta que no contexto daquele estabelecimento de ensino, a formação moral e religiosa das Irmãs estava alinhada com

o projeto do episcopado brasileiro de fortalecimento da fé católica. Esse projeto incluía uma reflexão teológica que defendia a adoração à Eucaristia e o culto a Maria, mãe de Jesus, como princípios fundamentais da cultura brasileira.

A seguir faço uma discussão acerca do contexto educacional brasileiro entre os anos de 1950 a 1970, período em que o Ginásio Santa Bernadete ofertou, para mulheres de Amargosa e região, o curso pedagógico. Busco, assim, apresentar uma aproximação entre os interesses sociais e políticos da época com os interesses do colégio religioso e também da Igreja.

## 2.5 Transformações no contexto educacional brasileiro – Décadas de 1950 a 1970

Ao pensarmos a educação brasileira no contexto em que esta pesquisa está inserida observamos que a abordagem pedagógica predominante na Bahia durante as décadas de 1950, 60 e 70 faz parte de uma visão abrangente de educação que influenciou o perfil das escolas em todo o Brasil. Essa abordagem esteve envolvida em disputas ideológicas e foi formalizada em termos legais e implementada em ações concretas nas escolas de todo o país. Embora respeitemos as particularidades locais, é importante compreender como essas dimensões se relacionam, se combinam e, às vezes, se contradizem.

Oliveira e Casimiro (2016) destacam que durante o Estado Novo (1937-1945), o país adotou uma política de desrespeito às instituições democráticas representativas. A partir de 1937, a legislação passou a considerar o Estado como um "colaborador" no processo educacional, atribuindo aos pais a responsabilidade principal. Essa proposta era favorável à elite brasileira, pois os ricos tinham a opção de escolher entre redes de ensino público ou privado, enquanto os pobres tinham apenas uma alternativa do ensino profissionalizante.

Essa política foi legitimada pela Constituição de Francisco Campos e a educação foi direcionada pelas Leis Orgânicas do então ministro da Educação Gustavo Capanema. O Estado Novo alterou os princípios mantidos na Constituição de 1934, que reconheciam a educação como um direito de todos e um dever do poder público.

Segundo Vieira (2007, p. 300)

Com a reforma Capanema o sistema educacional brasileiro não só mantém como acentua o dualismo que distingue a educação escolar das elites daquela ofertada para as classes populares. Suas diretrizes vão orientar a educação nacional até a promulgação da primeira Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB – Lei nº 4.024/61). Esta foi, sem dúvida, expressão da necessidade histórica de estruturação do sistema nacional de educação.

Nesse cenário, a educação formal feminina no Brasil ainda era fortemente restringida, permeada por uma visão que limitava o papel das mulheres a direcionar suas vidas para o casamento. As mulheres eram ensinadas a adquirir habilidades voltadas para o desempenho das atividades domésticas com excelência, reforçando a ideia de que essa seria sua principal função na sociedade.

Essa perspectiva torna-se evidente ao analisar alguns artigos da Lei Orgânica do Ensino Secundário de 1942, entre eles o artigo 25, que trata da inclusão da disciplina de educação doméstica: “Será incluída, na terceira e quarta série do curso ginásial e em todas as séries dos cursos clássico e científico, a disciplina de economia doméstica (BRASIL, 1942). Além disso, o mesmo artigo reforça a ideia de que “A orientação metodológica dos programas terá em vista a natureza da personalidade feminina, bem como a missão da mulher dentro do lar” (BRASIL, 1942).

Essa abordagem limitava as possibilidades educacionais e profissionais das mulheres, deixando pouco espaço para que pudessem buscar outras áreas de conhecimento e atuação além do âmbito doméstico. A concepção de que a "natureza da personalidade feminina" deveria ser o foco orientador dos programas educacionais reforça estereótipos de gênero e coloca as mulheres em uma posição de submissão, definindo sua missão como restrita ao lar.

Essa visão da educação formal feminina no Brasil durante esse período reflete as normas sociais e culturais da época, que limitavam o papel da mulher na sociedade, subestimando suas capacidades e possibilidades de desenvolvimento profissional e intelectual.

Em 1946, quando o Ginásio Santa Bernadete matriculou suas primeiras alunas, a educação nacional estava sendo moldada pela Reforma Capanema. Em 2 de janeiro de 1946, foi promulgada a Lei 8529 - Lei Orgânica do Ensino Primário. Essa lei estabeleceu um Fundo Nacional para o ensino primário, que então era responsabilidade dos estados e sofria com recursos limitados e condições precárias, exceto nas escolas mantidas por ordens religiosas.

Com base nessa lei, que refletia algumas influências do Movimento da Nova Escola, o ensino primário tinha como objetivo preparar os estudantes para o exame de admissão ao ensino secundário. Em razão das necessidades econômicas de um país em desenvolvimento, que demandava um nível mínimo de cultura para a população, a obrigatoriedade e a gratuidade do ensino primário foram protegidas. No Brasil, a gratuidade do ensino foi inicialmente instituída pela Constituição Imperial de 1824.

Apesar da reafirmação da gratuidade do ensino primário para todos, estabelecida pelas leis, a obrigação e a gratuidade muitas vezes eram ignoradas pelas autoridades e pela população

em geral. Além disso, apesar das determinações legais, o Estado permitiu que a iniciativa privada ocupasse espaço na oferta desse ensino.

De acordo com Oliveira e Casimiro (2016), durante o período de 1951 a 1954, quando Getúlio Vargas reassumiu a presidência, a área da educação foi marcada por intensas disputas entre católicos e intelectuais da Escola Nova, que defendiam, respectivamente, a escola privada e a escola pública. No entanto, a educação adotou predominantemente uma abordagem liberal, seguindo uma perspectiva modernizadora e conservadora defendida pelos escolanovistas, que havia sido adotada pelo Estado brasileiro a partir dos anos de 1930.

Ainda segundo as autoras Oliveira e Casimiro (2016), durante o governo de Juscelino Kubitschek, de 1956 a 1961, o Brasil viveu um período de rápido desenvolvimento econômico, conhecido como o "período áureo", porém marcado por profundas contradições. Embora tenha experimentado um aumento nas oportunidades de emprego, os lucros foram concentrados em setores internos e externos, beneficiando apenas as elites e empobrecendo a população. A estrutura agrária do país era incompatível com a expansão industrial e o desenvolvimento nacional, e a entrada de capital estrangeiro em condições privilegiadas prejudicou o capital nacional.

A partir de 1961, quando foi promulgada a Lei 4024, de 20 de dezembro de 1961, a primeira Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional estabelecia as diretrizes da educação em todos os níveis, desde o pré-primário até o superior. Segundo Almeida (2004, p. 58), “esta lei modificaria significativamente o quadro educacional do país, representando um marco importante no sistema educativo por ter sido a primeira iniciativa de sistematizar as bases do sistema escolar e suas diretrizes em nível nacional.”

Em seu artigo 1º:

A educação nacional, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por fim:  
 a compreensão dos direitos e deveres da pessoa humana, do cidadão, do Estado, a família e dos demais grupos que compõem a comunidade;  
 o respeito à dignidade e às liberdades fundamentais do homem;  
 o fortalecimento da unidade nacional e da solidariedade internacional;  
 o desenvolvimento integral da personalidade humana e a sua participação na obra do bem comum;  
 o preparo do indivíduo e da sociedade para o domínio dos recursos científicos e tecnológicos que lhes permitam utilizar as possibilidades e vencer as dificuldades do meio;  
 a preservação e expansão do patrimônio cultural;  
 a condenação a qualquer tratamento desigual por motivo de convicção filosófica, política ou religiosa, bem como a quaisquer preconceitos de classe ou de raça (BRASIL, Lei nº 4024, 1961).

No entanto, o Estado, por exemplo, conseguiu isentar-se da obrigação em oferecer as condições para que a obrigatoriedade do ensino fosse cumprida. O artigo 30 da referida lei apresenta os casos dessa isenção:

Art. 30 Parágrafo único. Constituem casos de isenção, além de outros previstos em lei: comprovado estado de pobreza do pai ou responsável; insuficiência de escolas; matrícula encerrada; doença ou anomalia grave da criança (BRASIL, Lei nº 4024, 1961).

A Lei 4024/61, por outro lado, não deixou fixado um currículo para o território nacional, admitindo assim, “certa variedade, segundo as preferências dos estabelecimentos em relação às matérias optativas” (PILETTI, 1994, p. 102). Por tal brecha é que “na prática, as escolas acabaram compondo o seu currículo de acordo com os recursos materiais e humanos de que já dispunham, ou seja, continuaram mantendo o mesmo currículo de antes, quando não puderam improvisar professores e programas” (ROMANELLI, 1986, p.181).

No mesmo contexto de implantação da Lei de Diretrizes e Bases, o movimento em favor da escola pública continuava a se desenvolver. Diversos setores da sociedade “empenharam-se para tornar realidade o preceito constitucional ‘a educação é um direito de todos’ (PILETTI, 1994, p. 103). Atrelado a este, inúmeros outros movimentos foram surgindo nesse contexto. A Campanha de Educação de Adultos, o Movimento de Educação de Base (MEB), e o Programa Nacional de Alfabetização foram alguns deles.

Nas décadas seguintes, sobretudo a partir de 1964, o cenário político brasileiro alterou novamente o ensino. Nesse período, marcado pelo autoritarismo imposto pelo Regime Militar, o sistema educacional foi modificado de cima para baixo, não levando em consideração a posição dos mais afetados, professores e alunos. Houve a tentativa de frear os progressos conquistados até então:

o golpe militar aborta todas as iniciativas de se revolucionar a educação brasileira, sob o pretexto de que as propostas eram "comunizantes e subversivas". O Regime Militar espelhou na educação o caráter antidemocrático de sua proposta ideológica de governo: professores foram presos e demitidos; universidades foram invadidas; estudantes foram presos e feridos, nos confronto com a polícia, e alguns foram mortos; os estudantes foram calados e a União Nacional dos Estudantes proibida de funcionar; o Decreto-Lei 477 calou a boca de alunos e professores (BELLO, 2001, p. 9).

O ensino pensado pelos dirigentes do Regime Militar tinha o mesmo cunho antidemocrático de sua proposta ideológica de governo. Assim, a educação passa a ser monitorada por órgãos do governo, esta

passa a ser controlada por uma exacerbação do tecnicismo, pautado pela premissa da disciplinarização, da normatização, do alto rendimento e da eficácia pedagógica para que através desse pressuposto o país pudesse ser considerado participante de uma nova ordem mundial, [...] (OLIVEIRA; BARROS, p. 10).

Apesar desse controle, Romanelli (1986), afirma que houve incentivo à educação. Incentivos estes que trouxeram para o país diversos convênios internacionais para o financiamento da educação no Brasil. Dentre eles, temos os convênios do MEC (Ministério de Educação e Cultura) com a AID (Agency for International Development), que ficariam conhecidos como Acordos MEC-USAID. Através destes o MEC deixava a cargo dos técnicos da AID a organização do sistema de ensino brasileiro.

Associado a estes fatos, durante a ditadura, foi sancionada a Lei 5.692/71 de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. “A característica mais marcante desta Lei era tentar dar à formação educacional um cunho profissionalizante” (BELLO, 2001, p.9). Ficando esse objetivo claro em seu artigo 1º:

O ensino de 1º e 2º graus tem por objetivo geral proporcionar ao educando a formação necessária ao desenvolvimento de suas potencialidades como elemento de auto realização, qualificação para o trabalho e preparo para o exercício consciente da cidadania (BRASIL, Lei nº 5.692, 1971).

Ao contrário do que aconteceu com a Lei de Diretrizes e Bases anterior, a reforma implementada pela Lei 5.692/71 reorganizou a estrutura do ensino. Os cursos primário e ginásio foram unificados no curso de 1º grau, que passou a ser de 8 anos e não mais oferecia uma formação profissional e, sim uma educação geral. O ensino de 2º grau se tornou profissionalizante.

A reforma de 1971 aumentou ainda o número de matérias obrigatórias, deixando assim, os sistemas estaduais impossibilitados de incluírem outras matérias. E ainda, “Disciplinas mais reflexivas – que podem favorecer a discussão crítica como filosofia, sociologia, psicologia etc. – deixaram de ser ministradas no ensino de 2º grau” (PILETTI, 1994, p. 123).

Em meio a esse contexto de efervescência política vivida pelo Brasil, entre as décadas de 1950 e 70, foi criada em 1954, em Amargosa a Juventude Estudantil Católica (JEC)<sup>12</sup>. Sobre a criação desse grupo Silva destaca que A JEC em Amargosa, inicialmente, era composta somente por mulheres que estudavam no ginásio das Religiosas Sacramentinas. As ações mais importantes daquele período inicial eram voltadas para a catequese, isto é, para ajudar no

<sup>12</sup> Esse grupo fazia parte de um projeto maior de evangelização da Igreja, conhecido como Ação Católica, que visava capacitar líderes leigos para atuarem na evangelização em diversas esferas da sociedade.

processo de evangelização da cidade e região. A JEC correspondia aos interesses da política da igreja católica de formar lideranças de fé para transformar a sociedade, portanto era uma militância missionária que tinha como principal ação a catequese (SILVA, 2013, p. 41).

O autor afirma ainda que apesar de ser um órgão ligado à igreja, a JEC de Amargosa enfrentou a desconfiança de parte de algumas lideranças internas da própria Igreja e de algumas religiosas que atuavam no Ginásio Santa Bernadete. Essas pessoas não acreditavam nem apoiavam esse movimento. O que evidenciava como o processo educacional e a formação religiosa das jovens eram controlados por lideranças que resistiam à consciência crítica, à reflexão e à organização da juventude.

Em entrevista com a depoente Belarmina, ao relembrar a sua participação na JEC na década de 60, a mesma diz que

Ah! O que mais me engrandeceu também lá no meu período estudantil foi participar de um movimento chamado JEC, Juventude Estudantil Católica, ah! Mas era quem quisesse ia, e esse grupão era dividido em pequenos grupos e tinha militantes do grupo que dirigia o grupo, tinha reunião das militantes, tinha reunião das militantes e reunião do grupo, dos grupinhos e também tinha um programa, cada ano era sobre um tema: Família, educação, os temas que eu me lembro, eu não sei se meio ambiente. Esse movimento seguia o ao inteiro esse programa e as reuniões nossas de círculo que eram todo sábado aí no Santa Bernadete com esse tema estudava o tema e preparava, isso me facilitou bastante para minha vida de professora é... como se fosse um treino e fora os encontros que eram feitos, os encontros regionais, eram em cidade grandes, em Salvador, teve em Feira, grupo, líderes desses grupos num só local, ah!, mas isso fazia a gente crescer porque ouvia palestras, debatia, momentos de oração, momentos de retiro.

O que chama atenção nas palavras de Belarmina é que, apesar do termo militância aparecer mais de uma vez, ela não comprehende a ação militância política, afirmado que o grupo ficava restrito a discutir temas como família e educação. Isso destaca um aspecto significativo do processo de formação das jovens em relação aos eventos mundiais e nacionais relacionados à economia e à política, um ensino alheio ao contexto histórico, cultural e político. Questões sociais e políticas pareciam não fazer parte do processo de formação das mestras cristãs e rainhas dos lares.

De acordo com Silva (2013) após o golpe militar de 1964, o movimento da Juventude Estudantil Católica (JEC) em Amargosa começou a perder força, pois um clima de medo se instalou e houve um controle externo sobre os assuntos discutidos nas reuniões da militância estudantil. Esse período histórico foi marcado por um contexto de repressão política e limitação dos direitos civis, o que teve impactos significativos em vários movimentos sociais e estudantis em todo o país, incluindo Amargosa.

Outro aspecto significativo do período em que o curso pedagógico foi ofertado no Ginásio Santa Bernadete (1953-1973) foi a constante ameaça da Guerra Fria, protagonizada pelos Estados Unidos e pela União Soviética, que também teve impacto no Brasil. Nesse contexto, o comunismo foi considerado pela Igreja Católica como um projeto que subvertia a ordem social e promovia um Estado ateu.

Por trás do discurso de preservação da ordem social, havia a defesa do princípio de autoridade e da manutenção dos poderes estabelecidos. A ala conservadora da Igreja Católica utilizava um discurso conservador como estratégia para manter sua influência na sociedade e nos próprios setores de poder. A Igreja, diante das transformações sociais e políticas que surgiram após a Segunda Guerra Mundial, encontrava-se em desafio para se comunicar de forma eficaz com as mudanças, e, por isso, buscava preservar seu espaço, muitas vezes recorrendo a acusações contra o que era considerado diferente.

Essa postura da Igreja Católica refletia sua tentativa de se adaptar às mudanças sociais e políticas da época, mantendo sua influência e procurando se posicionar frente ao "novo". Desse modo, essas posturas e discursos conservadores foram uma estratégia adotada pela igreja, visando proteger seus interesses e sua posição na sociedade diante dos desafios impostos pelas transformações em curso.

Após esta contextualização sobre o estabelecimento do Ginásio Santa Bernadete na cidade de Amargosa/Bahia, enfatizando a importância dessa contextualização à luz do contexto histórico da educação feminina no Brasil, o próximo capítulo desta narrativa explora o processo de construção da identidade docente em Amargosa. Destaca-se o diálogo entre memória, gênero e identidade como dimensões conceituais cruciais para uma compreensão profunda e análise significativa desse processo histórico.

### 3. MEMÓRIA, GÊNERO E IDENTIDADE E AS POSSIBILIDADES DE CONSTRUÇÃO DA HISTÓRIA

Este capítulo é dedicado à discussão sobre o processo de construção da identidade docente em Amargosa, tendo o diálogo sobre memória, gênero e identidade como dimensões conceituais para lançar olhares sobre esse processo. Tomarei como fonte os relatos de ex-alunas que cursaram o curso pedagógico entre 1953 e 1973. É válido destacar que a escolha das depoentes se deu levando em consideração as professoras que depois de formadas atuaram em Amargosa, tendo em vista o grande número de alunas oriundas de outras cidades e o fato de que nem todas que cursaram o Pedagógico levaram a profissão adiante.

#### 3.1 A formação cristã e a construção da identidade docente em Amargosa/BA

“Discutir sobre a identidade do ser humano, seja ele homem ou mulher, exige um debruçamento sobre uma das questões básicas da filosofia em todos os tempos, que consiste em saber o “que é o ser humano”.

Elizete Silva Passos, “Palcos e Platéias”, 1999.

Começo essa discussão apresentando as professoras que contribuíram com seus depoimentos para esta pesquisa. Após buscar informações sobre as referidas professoras, tomei conhecimento que uma das formandas da primeira turma do Curso Pedagógico do Ginásio Santa Bernadete, que aconteceu em 1955, Maria da Conceição, ainda vivia na cidade. Esta foi uma das professoras escolhidas. Em seguida entrei em contato, com Belarmina, que estudou na instituição de 1956 a 1963, tendo cursado o Pedagógico entre os anos de 1961 a 1963.

Durante as conversas iniciais com as duas professoras acima citadas, estas lembraram de colegas e indicaram alguns nomes. Diante das sugestões, optei por duas, que cursaram o Pedagógico no mesmo período (1962-1964), por já ter contato com as filhas das mesmas, o que facilitaria o acesso a essas professoras. São elas: Anacleta, que cursou apenas o Pedagógico nos anos de 1962 a 1964 e Joseny, que ingressou na escola no ano de 1959, cursando desde o ginásio na instituição, onde se formou em 1964. E, por fim, uma outra professora que estudou no Colégio das Sacramentinas também apenas durante o Curso Pedagógico entre os anos de 1967 a 1969, Dalva. Na tabela a seguir apresento essas informações de maneira mais organizada:

**Quadro 01** – Depoentes

Professora depoente	Período em que estudou	Séries que cursou
Dalva	1967-1969	Pedagógico
Belarmina	1956-1963	1956 – 5º ano primário 1957 a 1959 – Ginásio 1961 a 1963 – Pedagógico
Maria da Conceição	1946-1955	1946 a 1949 – Primário 1950 a 1952 – Ginásio 1953 a 1955 – Pedagógico
Anacleta	1962-1964	Pedagógico
Joseny	1959-1964	1959-1961 – Ginásio 1962 a 1964 – Pedagógico

Fonte: Autoria própria.

Para as discussões a serem realizadas, tomamos a memória segundo a definição de Roussou (2006, p. 94): “no sentido básico do termo, é a presença do passado”. No entanto, a memória não é individual, uma vez que o indivíduo está inserido no contexto familiar, social, nacional. Assim, a memória seria, por definição, coletiva. A memória, seja ela individual ou coletiva, dá sentido ao cotidiano, por ser um processo onde podemos guardar do presente apenas o que desejamos.

Sobre a não individualidade da memória, Bosi (2006) também destaca que apesar de parecer um fenômeno individual, a memória deve ser compreendida como algo coletivo e social, ou seja, é construída coletivamente e está sujeita a transformação ao longo do tempo. A memória possui uma dimensão tanto social quanto individual, especialmente quando evidencia memórias herdadas, podendo estar intimamente ligada ao sentimento de identidade.

Portanto, a preservação da memória histórica não se limita apenas à manutenção de registros e documentos, mas também envolve o reconhecimento da importância das narrativas e das lembranças compartilhadas. É através desses esforços coletivos que a memória pode ser mantida viva e transmitida às gerações futuras, seguramente para a compreensão e a preservação da diversidade cultural e do patrimônio histórico.

Acerca da memória, Pollak (1992, p. 2), alega que esta deve ser entendida “como um fenômeno coletivo e social, ou seja, como um fenômeno construído coletivamente e submetido a flutuações, transformações, mudanças constantes”.

Para Nora (1993, p. 9), “a memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente”. Esta seria assim, a própria vida, uma vez que está sempre evoluindo, ao mesmo tempo em que está sujeita ao esquecimento e, se apresenta vulnerável a manipulações inconscientes. Porém, existem também marcos ou pontos relativamente invariantes, imutáveis na maioria das memórias.

Partindo das definições acima, é possível afirmar que o estudo com a memória das ex-alunas constitui-se uma importante fonte de análise tendo em vista que esta escuta é o caminho para entender como e o quanto a formação que receberam se fez presente na construção da identidade docente dessas mulheres, o quanto algumas abraçaram a carreira docente a partir de uma perspectiva vocacional, missão sagrada, maternal, de cuidado, como expresso na fala da professora Maria da Conceição:

eu avalio que o Santa Bernadete, Santa Bernadete começou a cair, na primeira greve de professores, porque a gente tinha uma formação assim... de magistério, de formação, de educação... era uma dedicação muito grande a gente sentia, depois... essa formação foi mudando para o profissionalismo, pessoal virou assim, mais profissional, não eram mais educadores, porque eu faço uma diferença muito grande, de educador pra profissional da educação, o educador é aquele que se dedica que dá tudo que pode fazer, que não esconde, que não tem o pulo do gato, já o profissional não, o profissional é atrás do dinheiro [...] (MARIA DA CONCEIÇÃO, 2022).

A distinção entre “educador” e “profissional da educação” é notável na fala da professora. A observação de que o educador é alguém que se dedica totalmente, dando o seu melhor e não escondendo nada, ressalta o aspecto humano e de comprometimento profundo com a educação. Esse posicionamento é herdado da educação que esta professora recebeu enquanto estudou no Ginásio Santa Bernadete e, que mais tarde levou para sua vida docente. E reforça o pensamento de que “A prática de trabalhar sem visar ganhos econômicos é uma característica da identidade feminina decorrente da cultura patriarcal, que tem colocado o homem como provedor” (PASSOS, 1999, p. 148). E mais que isso, a fala da professora Maria da Conceição revela como a

cultura machista preponderante na sociedade baiana colocava o trabalho feminino como periférico, comprometido apenas com a realização pessoal ou como forma de ocupação do tempo ocioso. Dentro dessa lógica, ele não devia ser conjugado como ganhos econômicos e, muito menos, que esses ultrapassassem aos auferidos pelo homem (PASSOS, 1999, p. 149).

As palavras de Passos (1999) acerca da cultura machista dialogam com o que é expresso em outro trecho do depoimento da professora Maria da Conceição, quando esta afirma ter ficado

cerca de um ano sem receber salário, após o mesmo ter sido estadualizado, mas que não deixou de cumprir com sua função com zelo e dedicação. Afinal de contas, o que a motivava seria sua vocação para estar na sala de aula. Mas outra questão está inserida em seu depoimento, que é o fato de ela não ser a provedora da família, pois esta função cabia ao seu esposo:

o colégio foi estadualizado, e aí levou um ano sem a gente receber um real, a gente trabalhando, e todo mundo trabalhava sem perder um horário, pra dizer: 'Não, não vou trabalhar hoje porque não recebi dinheiro'. Do diretor ao servente... agora você diz assim: 'E como você se sustentava?' A família sustentava, as vezes o marido de uma que sustentava a família, e a gente vivia assim, e tinham outros trabalhos, eu trabalhava no Santa Bernadete, trabalhava em outra coisa, tinha o curso primário, a gente ensinava lá, e dava pra viver assim, mas levamos um ano...(CONCEIÇÃO, 2022).

Ela continuou:

Um ano nós ficamos sem. Então isso é dedicação, é...não é só profissionalismo, e ninguém diminuiu as suas aulas de qualidade, não houve quebra de qualidade do ensino, nesse período, pelo contrário, todo mundo se esforçava porque os alunos... os alunos nem percebiam que a gente não tava recebendo dinheiro, e assim a gente foi mostrando (CONCEIÇÃO, 2022).

Os trechos acima nos levam a algumas reflexões. Será mesmo que era só dedicação? E quem, por ventura, não tivesse a família e/ou esposo para prover as necessidades básicas, para prover o sustento? Esse olhar sobre a atuação docente é o resultado da consideração de que

a educação era uma profissão nobre, diferente de qualquer outra, pois desinteressada. Não deveria ser praticada tendo em vista ganhar dinheiro, nem galgar posições políticas e sociais. E sim, como uma doação. Uma prática que teria por fim formar almas para o mundo e para a Igreja, através do ensino de valores espirituais e naturais, necessários ao progresso dos mesmos. Desse modo, a educação precisava ser dogmática a fim de preparar os indivíduos para ocuparem o seu lugar na sociedade. E deveria ser exercida com respeito e autoridade, atributos de Deus, enquanto autor e criador das criatura, e conferidos às educadoras, que os deviam usar com humanidade e docilidade (PASSOS, 1995, p. 124).

Estando à docência da condição descrita acima, colocar o financeiro antes do compromisso vocacional, antes de uma função naturalmente feminina era ir contra aquilo que a mulher havia sido destinada a fazer, era ir contra os atributos a ela conferidos pelo próprio criador. Todavia, é importante destacar que à medida que a igualdade de gênero e a compreensão da diversidade de papéis e habilidades individuais ganharam destaque, uma visão sobre as funções "destinadas" a homens e mulheres foi sendo questionada.

No entanto, como mencionado na introdução, a análise sobre a construção da identidade dessas professoras, a partir da ideia de vocação, não esteve isenta de questionamentos. Esta afirmativa pode ser confirmada no seguinte trecho do depoimento da professora Joseny:

Numas era vocação, outras não, eu tive colegas que não seguiram o magistério, foram fazer naquela época concurso para a Caixa Econômica, Banco do Brasil, não quiseram magistério, fizeram magistério porque era a cidade dava essa oportunidade, desse grande conhecimento dado pelas sacramentinas, mas não por vocação pelo magistério (JOSENY, 2022).

O depoimento da professora Anacleta também traz esse afastamento do magistério feminino como vocação de maneira ainda mais forte, pois a mesma revela ter sido “forçada”, por conta das circunstâncias sociais a cursar o Pedagógico:

a opção do colégio das freiras que era o único curso que tinha aqui que eu podia fazer era o de magistério, aí fui, então eu fui, não sei, induzida, mas eu fui forçada a ir por esse caminho, porque era a única chance que eu teria aqui de fazer o curso, de continuar o estudo (ANACLETA, 2022).

A ideia da profissão docente como vocação feminina enfrentava questionamentos por parte de algumas alunas, que não a percebia como algo inerente à mulher, mas sim, como uma busca por reconhecimento social. Ao invés de ver a profissão docente como uma vocação inata, essas alunas encararam à docência como possibilidade de alcançar prestígio e reconhecimento social, desvinculando-a de uma identidade de gênero predefinida.

Havia aí um estranhamento, pelo menos por parte de algumas das depoentes, a respeito do estereótipo tradicional de que ser professora era um destino natural e esperado para as mulheres. Elas podem ter desafiado a noção de que o ensino era uma vocação intrínseca ao gênero feminino, buscando explorar outras opções de carreira e reivindicar um papel mais diversificado e igualitário na sociedade.

Essas perspectivas individuais evidenciam a diversidade de pontos de vista e experiências das alunas em relação à profissão docente, desafiando as concepções tradicionais e promovendo a reflexão sobre as múltiplas motivações e aspirações profissionais das mulheres na sociedade.

Nesse sentido, o estudo da memória permite um olhar sobre a identidade dos indivíduos. Ferreira (2014, p. 119) argumenta que a construção da identidade é um processo onde “a presença do outro é imprescindível. A identidade é como uma representação da relação de sua própria existência (da identidade) e da relação com o mundo, construída ao longo da vida”. Logo, esse processo de construção está também relacionado a uma identidade coletiva, que não

pode se dar sem a percepção dos outros sobre si. E acrescenta que “a identidade docente é construída na formação e no trabalho pedagógico” (FERREIRA, 2014, p. 119).

A afirmação da memória enquanto constituinte do sentimento de identidade é algo defendido também por Silva (2020, p. 1409) ao afirmar que “a memória se conecta a identidade estabelecendo uma interligação entre si. Compreendemos, assim, que a construção da identidade é alimentada pela memória”.

Michael Pollak (1992, p. 5) afirma que “construção da identidade é um fenômeno que se produz em referência aos outros, em referência aos critérios de aceitabilidade, de admissibilidade, de credibilidade, e que se faz por meio da negociação direta com os outros”. Para este autor, existe uma relação entre memória e identidade que as constitui enquanto fenômenos que não devem ser compreendidos como essências de uma pessoa ou de um grupo.

A abordagem metodológica que utilizei dialoga com a teorização de Pollak, pois a mesma se propõe a lançar olhares sobre a construção da identidade de mulheres – ex-alunas da escola das Sacramentinas, que se tornaram professoras e são reconhecidas na sociedade local a partir do referencial do “ser boa professora”. Este referencial é rodeado pelos critérios destacados por Pollak, uma vez que consideramos o cenário de construção do imaginário social na comunidade de Amargosa.

### 3.2 Gênero e docência: um debate historiográfico

Como já mencionei na introdução, a escrita deste trabalho não pode prescindir da questão de gênero, uma vez que a educação feminina no Brasil é fortemente marcada pelas relações de gênero. As discussões sobre a categoria gênero ganharam destaque no Brasil com os movimentos sociais de contestação entre as décadas de 1960 e 1970.

Para Ferreira (2014, p. 131), “gênero é definido como a construção social do masculino e feminino”. Construção esta que é norteada entre outros elementos pela educação ofertada aos sujeitos. E no que diz respeito à história da educação a representação do magistério como uma atividade feminina foi construída por homens e nas escolas religiosas aproximava o papel da mulher ao cuidado e apoio maternal.

Ainda sobre a construção do masculino e feminino, Passos (1999, p. 92) afirma que “tanto homens quanto mulheres são socializados de modo a enquadarem-se dentro de modelos culturalmente tidos como masculinos ou femininos”. E o modelo construído de professora descreve o magistério “como uma atividade que implica doação, dedicação, amor, vigilância.

As mulheres professoras – ou para que as mulheres possam ser professoras – precisam ser compreendidas como mães-espirituais” (LOURO, 2014, p. 107).

Esse modelo foi abraçado pelo Ginásio Santa Bernadete, que dialogava com as aspirações da Ordem do Santíssimo Sacramento e da própria sociedade amargosense e brasileira do contexto sócio-histórico em questão, oferecendo formação amparada em valores que reforçavam o padrão de mulher aceito: mulher religiosa, dona de casa dedicada, esposa e mãe devotada, faria das mulheres que ali estudassem “boas professoras”.

É importante reconhecer que o gênero é uma construção social que se baseia nas diferenças sexuais biológicas entre os indivíduos, mas que vai além delas, incluindo ações, comportamentos, crenças e expectativas atribuídas socialmente a cada gênero. A construção de identidades de gênero é um processo complexo que envolve interações sociais, culturais e experiências pessoais.

Nesse sentido,

O conceito de gênero, entendido como construção cultural de feminilidade e masculinidade fundada na diferença sexual, foi estabelecido pela teoria feminista nos anos de 1970, visando desnaturalizar as diferenças e denunciar as desigualdades de sexo. Os seres humanos são biologicamente e geneticamente mais semelhantes do que diferentes, pois apenas um, entre 46 cromossomos, determina o sexo; contudo, nas sociedades modernas, a cada corpo humano é atribuído um lugar na estrutura binária e hierárquica do sexo e do gênero. As implicações da oposição binária de sexo e gênero são os sofrimentos e injustiças decorrentes do sexismo, do androcentrismo e do heterossexismo (CARVALHO, 2010, p. 75).

Sendo uma construção cultural, a definição de gênero em nossa sociedade, que está centrada na figura masculina, se dá a partir de uma perspectiva de poder. Atuando assim, como uma norma reguladora, inferiorizando e excluindo a mulher dos espaços sociais. Desse modo, a “fragilidade, docilidade, submissão, ou impotência aprendida são as marcas do habitus feminino no contexto de dominação masculina” (CARVALHO, 2010, p. 77).

E a escola contribui muito para a reprodução dessas diferenças. De tal modo que “as relações de gênero são ensinadas/aprendidas e vividas consciente e inconscientemente” (CARVALHO, 2010, p. 78). Pensando a realidade acima descrita, o Colégio das Sacramentinas desempenhou um papel significativo na trajetória docente das entrevistadas, visto que o discurso de vocação e de viver o magistério de sua mais sublime forma permeou suas experiências.

O colégio proporcionou um ambiente em que a vocação para o ensino foi valorizada e incentivada, e esse discurso se tornou parte integrante da trajetória profissional das

entrevistadas, ainda que haja dissenso em relação a essa ideia de vocação, como vimos nas falas de algumas das depoentes. O compromisso de ensinar de forma nobre e dedicada, seguindo os princípios e valores da instituição, foi uma força motriz em suas carreiras.

É possível inferir que o Colégio das Sacramentinas desempenhou um papel fundamental na formação das entrevistadas como educadoras comprometidas com a vocação do magistério. Esse discurso e os valores inculcados no ambiente escolar foram elementos influentes em suas trajetórias profissionais e no modo como conceberam sua missão como professoras.

Sobre a discussão de gênero, Louro (1997) analisa a presença das mulheres na docência ao longo do século XIX e início do século XX, examinando como as normas de gênero influenciaram a inserção das mulheres no campo educacional e as restrições e discriminações que enfrentaram. Ela discute como as relações de gênero, raça e classe interseccionam na prática docente feminina e como as mulheres enfrentam desafios e resistem às opressões de gênero na profissão docente.

De acordo com os apontamentos de Louro, por muito tempo a mulher foi privada da participação ativa nos avanços e decisões sociais como um todo, sendo que o exercício profissional docente era escasso para este gênero e assim, não traziam para a sala de aula suas diversas habilidades, capacidades e competências frente ao ensino e aprendizagem nas instituições educativas.

Louro (1997, p. 4) afirma que

Gradativamente, essas e outras mulheres passaram a ocupar também escritórios, lojas, escolas e hospitais. Suas atividades, no entanto, eram quase sempre (como são ainda hoje, em boa parte) rigidamente controladas e dirigidas por homens e geralmente representadas como secundárias, "de apoio", de assessoria ou auxílio, muitas vezes ligadas à assistência, ao cuidado ou à educação. As características dessas ocupações, bem como a ocultação do rotineiro trabalho doméstico, passavam agora a ser observadas.

Nesse sentido, a representação feminina nos diversos níveis e modalidades de ensino escolar, constitui-se como uma questão em avanços constantes, considerando justamente a necessidade da superação dos preconceitos e diversos índices que pregam a desigualdade e a falta de direitos com equidade entre homens e mulheres nas atuações e ocupações de cargos sociais diversos.

O rompimento de correntes históricas do pensamento humano onde as mulheres eram apenas empregadas nas tarefas domésticas, foi e ainda é palco de discussões para a superação de preconceitos e paradigmas sociais que buscam a figura feminina como de alta capacidade e

habilidades para o contexto de atuação nos processos educativos e de formação para a sociedade.

A partir da observação dos avanços vivenciados em relação à figura feminina na sociedade, torna-se evidente a necessidade de compreender os momentos históricos que envolvem a inclusão das mulheres na educação. Desde meados do século XIX, as mulheres conquistaram o direito de estudar e, posteriormente, o de ministrar aulas, o que lhes permitiu obter representatividade diante das diversas habilidades desenvolvidas no contexto educativo.

Ao longo do tempo, têm sido buscados ainda mais fatores que promovem a formação profissional e a atuação das mulheres em instituições de ensino, como parte de uma estratégia voltada para a igualdade de oportunidades em relação aos cargos e funções no ensino, em todos os níveis e modalidades de ensino. Essa busca reflete o compromisso em promover uma educação inclusiva e equitativa, que reconheça o papel fundamental das mulheres na sociedade e nas práticas educativas, superando barreiras de gênero e promovendo a igualdade de gênero em todas as esferas da educação.

Após essa discussão sobre o processo de construção da identidade docente em Amargosa, tendo o diálogo sobre memória, gênero e identidade como dimensões conceituais para lançar olhares sobre esse processo e como fonte os relatos de ex-alunas que cursaram o curso pedagógico entre 1953 e 1973. Faço no capítulo a seguir uma análise sobre os aspectos que configuram a construção da representação social de ser “boa professora” em Amargosa. Tendo como fio condutor é a trajetória da ex-aluna, a professora Maria da Conceição, que ocupou espaços de gestão na educação da cidade.

#### 4. SER “BOA PROFESSORA” – O QUE CONTAM OS RELATOS DAS PROFESSORAS

Neste capítulo, objetivo tecer olhares sobre os aspectos que configuram a construção da representação social de ser “boa professora” em Amargosa. As discussões propostas têm por finalidade compreender como suas identidades, fruto do ensino religioso, que reproduzia uma concepção tradicional de educação e formação profissional, ajudou a formar a professora eficiente, a “boa professora”. Mas o que é ser boa professora? O ser boa professora tem várias facetas. Por que eram boas professoras? Porque conseguiam controlar a sala? Porque conseguiam disciplinar os estudantes? Nesta análise tenho como fonte os relatos das ex-alunas do Ginásio Santa Bernadete. Mas o fio condutor é a trajetória da ex-aluna, a professora Maria da Conceição, que ocupou espaços de gestão na educação da cidade.

##### 4.1 A cultura escolar e os reflexos do ser professora eficiente

*“A história do magistério primário feminino brasileiro é, principalmente, uma história de mulheres, de uma força invisível que lutou consciente e espontaneamente em defesa de suas crenças e de sua vontade”.*

Jane Soares de Almeida “Mulher e educação: a paixão pelo possível”, 1998.

As mulheres/professoras que participaram desta pesquisa apontaram a manutenção da disciplina dentro da sala de aula e a vocação para a docência como fundamentos indispensáveis no processo de ensino. De acordo com elas, ser uma professora eficiente perpassava por se constituir a partir destes pilares. Ao se referir à disciplina, a professora Belarmina proferiu as seguintes palavras: “a própria sociedade era exigente, a família também era exigente demais também, se valorizava a disciplina, respeito ao outro, que se deve ter até hoje, disciplina, não descarto disso, mas um tanto rígida” (BELARMINA, 2022).

A professora Maria da Conceição também destacou que a organização do ensino das Irmãs Sacramentinas tinha a disciplina como fundamental tanto no ensino quanto na formação do caráter das pessoas:

As irmãs tinham uma boa disciplina. Embora fosse rígida, ninguém podia... ultrapassar os limites, chegar atrasado na aula, essas coisas tudo, só com justificativa. Aí eles foi formando um caráter assim também disciplinar, então eram também formando sendo cumpridora, ser cumpridora de horário também [...]” (MARIA DA CONCEIÇÃO, 2022).

Já a professora Joseny fez a seguinte afirmação: “Olha, a disciplina era a base de tudo, responsabilidade, dedicação e a formação geral em si, elas exigiam muito das alunas, que era só o feminino né” (JOSENY, 2022).

Nestas afirmações é possível destacar, pelo menos, duas questões importantes. Primeiro, a influência da sociedade e construção da valorização e da compreensão da disciplina como elemento fundamental na condução do ensino. Ao tempo em que reforçou a disciplina como algo que não pode ser desconsiderado. Ao enfatizar que a disciplina se configurava enquanto uma das mais fortes exigências da época, isso remeteu a necessidade de compreender o conceito de disciplina impresso nas narrativas, bem como, as possibilidades de sentido. E o sentido apresentado até o momento ajudou a dialogar com um conceito de disciplina utilizado historicamente por ordens religiosas que se dedicaram ao ensino. Até então, foi possível compreender o sentido de disciplina análoga ao comportamento rígido.

De acordo com o Dicionário Aurélio (2011), o termo rígido está relacionado a algo austero, áspero, que não é flexível nem transigente, que não admite erros, atrasos. O sentido da disciplina destacado pelas depoentes apresenta uma relação intrínseca com o comportamento que “não admite erros, atrasos”. Um comportamento que não pode transigir ao cumprimento das regras, que não faz concessão à flexibilidade.

Encontra-se nestas narrativas um sentido de disciplina relacionado ao cumprimento de regras, a não admissão de erros, atrasos, conforme mencionado, entretanto, havia uma possibilidade de apresentar uma justificativa plausível e aceitável. É possível observar que o sentido de disciplina apresentado na narrativa de uma depoente, não é análogo a rigidez, no entanto, o conceito que se apresenta também remete ao comportamento considerado exemplar e relacionado ao padrão que não poderia ser desconsiderado. Neste sentido, é importante tecermos uma reflexão sobre este elemento apresentado pelas depoentes buscando compreender a contribuição e as relações envolvidas no debate acerca da temática da construção do ser professora na Escola das Sacramentinas em Amargosa/Ba.

E para ajudar neste movimento é interessante registrar que historicamente, instituições religiosas foram referências no que se refere a disciplina institucional. Foucault (1975), destacou que os conventos, os asilos e o exército são exemplos de instituições que se fundamentam em princípios disciplinares. Ele afirmou que “durante séculos, as ordens

religiosas foram mestras de disciplinas: eram os especialistas do tempo, grandes técnicos do ritmo e das atividades regulares" (FOUCAULT, 1975, p. 176).

E acordo com Passos (1995, p. 271) "a disciplina no processo educacional é de grande importância porque consiste em colocar limites, fazer proibições, indicar obrigações e garantir obediência". Nesse contexto, a postura das alunas durante o período de estudo e, posteriormente, durante sua atuação docente esteve articulada à cultura escolar da instituição de ensino que, por sua vez, coadunava com os interesses sociais e religiosos do período. Sobre cultura escolar Dominique Julia (2001, p. 10) a descreve como

Um conjunto de normas que definem conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar, e um conjunto de práticas que permitem a transmissão desses conhecimentos e a incorporação desses comportamentos; normas e práticas coordenadas a finalidades que podem variar segundo épocas (finalidades religiosas, sociopolíticas ou simplesmente de socialização).

Ao explorar o conceito de cultura escolar, é essencial considerar a riqueza e profundidade que o acompanha. A cultura escolar vai além da mera transmissão de conhecimento ou da reprodução de valores e comportamentos políticos, sociais, religiosos. Ela abrange também a escola como um ambiente que fomenta a criação de uma cultura singular, dentro de um fluxo contínuo de mudanças.

Nesse contexto, as normas e práticas são constantemente transformadas, refletindo a dinâmica evolutiva que caracteriza essa cultura escolar em constante movimento. Assim, a transmissão dos conteúdos varia de acordo com a finalidade e, na instituição em estudo a finalidade para além de religiosa era o lugar social da mulher.

Nesse cenário, as normas e práticas passam por contínuas transformações, espelhando uma natureza em constante evolução que define essa cultura escolar em movimento. Consequentemente, a abordagem na transmissão de conteúdos, bem como a seleção das disciplinas, se dá com base nas finalidades específicas, sendo que no Colégio das Sacramentinas, além do propósito religioso, havia também a intenção de moldar a mulher para o papel social a ela destinado.

Sobre essa transmissão de conteúdos, seleção de disciplinas, limites do que podia/devia ser ensinado, é importante compreender que a escolha das disciplinas disponibilizadas está intrinsecamente ligada à cultura educacional das instituições de ensino. Afinal, os conhecimentos e métodos transmitidos pela educação formal são componentes que constituem essa cultura particular, estando intimamente ligados a um contexto sócio-histórico específico (JULIA, 2001).

Outro aspecto que desempenhou um papel crucial na cultura escolar da Escola das Sacramentinas e que emerge das narrativas das entrevistadas como um elemento essencial no processo de ensino é a vocação para o magistério. Portanto, é importante tecer algumas reflexões sobre a vocação enquanto elemento que circunda a identidade docente e a atuação profissional da professora, em especial.

E neste contexto, é necessário uma breve abordagem acerca da relação histórica entre a vocação e a inserção da mulher na escola. Uma relação que foi construída no âmbito do ensino religioso cristão a partir da forte e marcadamente presença da Igreja Católica com as escolas destinadas às mulheres. Neste bojo, a vocação das mulheres ao magistério foi se consolidando enquanto aspecto fundante da concepção ideológica de feminização do Magistério.

Para as pesquisadoras Nogueira e Schelbauer (2007, p. 89) “as representações femininas vinculavam a profissão docente da mulher a idéia de missão e vocação, atribuindo ao currículo feminino, disciplinas como prendas domésticas” e ainda se tinha como objetivo, “educar a mulher, desde que essa educação não demonstrasse risco as normatizações sociais que vigoravam no final do século XIX”. Nesta pesquisa as depoentes apresentaram em suas narrativas ao longo do processo de investigação o quanto as afirmações acima, eram intrínsecas ao ensino destinado às mulheres.

E entre as “normatizações sociais”, estar a “destinação vocacionada feminina para educar a infância”, isso se constituiu em uma construção social e histórica em torno do simbolismo da mulher como fonte de pureza, cuidado e amor, assim como, “a imagem da mulher-mãe-professora, aquela que iluminava na senda do saber e da moralidade” [...]. Fortemente construída a partir da perspectiva imagética que a mulher caberia uma instrução que lhe permitisse ser boa mãe, esposa como a principal responsável pelo estado da família. Esta compreensão, se estendeu, portanto, à inserção da mulher na educação que por sua vez, esteve atrelada a continuação da educação do lar.

E a restrição das mulheres no que se refere ao ocupar outras profissões contribuiu para consolidar esta ideologia. O não “acesso às demais profissões, fez do magistério a opção mais adequada para o sexo feminino, o que foi reforçado pelos atributos de missão e vocação, além da continuidade do lar” (ALMEIDA, 2006, p.81). E neste cenário social é extremamente necessário e propício o debate da vocação e da feminização do magistério.

Ao considerar a herança cultural dos educadores clássicos, não é de espantar que na imagética republicana e nas décadas que se seguem ao longo do século XX, a inserção feminina no magistério fosse uma destinação natural em vista das qualidades das quais as mulheres

eram/são possuidoras, capazes de promover uma educação integral às crianças desde a mais tenra idade (ALMEIDA, 2026, p. 85).

Isso demarca historicamente um contexto e uma compreensão ideológica fundamentados na perspectiva da naturalização de construções sociais que servem a consolidação de relações hegemônicas. E a mulher foi e continua sendo um dos principais alvos destas construções ao longo dos séculos.

Almeida (2006, p. 80) tece algumas questões importantes a partir do tema “da rainha do lar à educadora da infância: missão, vocação e destino”, que permite ampliar a compreensão histórica de modo a dialogar com as narrativas das depoentes desta pesquisa, assim como, com a imagética construída em torno da identidade do ser boa professora a partir de um lugar. O lugar da mulher que foi educada para ser boa mãe-professora-esposa, a “rainha do lar”.

Ainda de acordo com a autora, “para as professoras primárias da primeira metade do século XX, o magistério foi o ponto de partida, foi o possível no momento histórico em que viveram” (ALMEIDA, 2006, p. 85). Isso significou “o trânsito do invisível para a visibilidade e a realização de algo que não fosse o único e prestigiado serviço doméstico, como reduto privilegiado da feminilidade” (*ibidem*), como afirma a autora.

Por isso, o conceito de vocação docente não aparece como consenso entre as depoentes, não é visto por todas como inerente à mulher. Em seu depoimento a professora Anacleta destacou que essa profissão era muitas vezes a única opção disponível na cidade naquela época, especialmente para aqueles que não tinham recursos financeiros para prosseguir seus estudos na capital. Isso me leva a repensar a ideia de vocação no contexto dessas circunstâncias particulares.

Anacleta afirma que

As pessoas de menos condição, porque quem é filho do rico podia viajar e fazer um curso fora, e nós aqui de Amargosa, como não tínhamos outra opção, a opção era essa, estudar lá e fazer o magistério nas irmãs sacramentinas. [...] porque eu não tinha opção, não sonhava muito, o sonho do pobre é bem pequeno (ANACLETA, 2022).

Diante de tal afirmação é importante trazer à tona uma problematização apresentada por Chamon (2005) em que esta coloca em questão a limitação do poder das mulheres na tomada de decisões em relação às escolhas de carreira no âmbito público. Isso levou ao desenvolvimento de uma consciência moldada por normas externas, ditadas pelo patriarcado e pelos interesses das políticas públicas.

Essa consciência, ao longo do tempo, foi gradualmente internalizada tanto pela sociedade em geral quanto pelas mulheres em particular. Esse processo acabou exercendo uma influência marcante sobre a identidade feminina e o desenvolvimento da autoconfiança no contexto do espaço público, historicamente dominado por figuras masculinas. Isso, por sua vez, direcionou as mulheres para ocupações profissionais específicas. Mesmo algumas mulheres tendo internalizado uma condição lhes imposta, é possível perceber que havia olhares estranhos a essa docência enquanto uma função natural da mulher.

O depoimento deixa claro que se houvesse outra possibilidade de escolha naquele momento, a professora poderia não ter ingressado no magistério, como a mesma relatou “Eu faria, mas na época a gente não tinha muito essa escolha, a gente nem pensava em fazer outra coisa” (ANACLETA, 2022). No entanto, as condições sociais em que sua família se encontrava a limitou a seguir uma carreira que lhe concedeu uma mudança no lugar social e econômico que ocupava.

Após abordar a cultura escolar do Ginásio Santa Bernadete e examinar os impactos na figura da professora eficiente, avanço agora para uma análise do cenário histórico e social como componente essencial do imaginário que envolve a profissão docente.

#### 4.2 Cenário histórico e social como parte do imaginário acerca da profissão docente

A representação coletiva em torno da profissão docente é moldada pelo contexto histórico e social em que está inserido. O papel dos professores e a maneira como são percebidos e valorizados pela sociedade refletem as transformações e os desafios enfrentados em cada período de tempo. A esse respeito Louro (2014, p. 103) argumenta que

Professores e professoras – como qualquer outro grupo social – foram e são objetos de representações. Assim, ao longo do tempo, alinham-se determinadas características, apelam-se para alunos recusos para falar deles e delas. Essas representações não são, contudo, meras descrições que ‘refletem’ as práticas desses sujeitos; elas são, de fato, descrições que os ‘constituem’, que os produzem. Estamos aqui operando a partir de uma perspectiva teórica que entende a representação não como um reflexo ou espelho da realidade, mas como sua constituidora.

Essa afirmação sugere que as representações não são simples reflexos das práticas ou características dos indivíduos, mas sim construções ativas que moldam a percepção e a identidade desse grupo. Essa ideia enfatiza como as representações sociais desempenham um

papel ativo na formação da percepção coletiva sobre as professoras. As imagens e estereótipos que circulam na sociedade podem influenciar a maneira como as pessoas veem e interpretam o trabalho dos professores.

As representações não apenas refletem a identidade de um grupo, mas também as constroem. Isso significa que a forma como os professoras foram retratadas em diferentes contextos sociais moldou a sua própria compreensão de quem eram e qual é o seu papel na sociedade.

A perspectiva apresentada por Louro, sugere que as representações não são apenas reflexos passivos da realidade, mas atuam como agentes ativos na construção dessa realidade. Isso é relevante na análise de como as representações podem ser usadas para mudar a percepção de um grupo e sua posição na sociedade.

No ambiente do Colégio das Sacramentinas, a formação das professoras ocorreu em um contexto de forte influência da formação religiosa católica, que retratou Maria, a mãe de Jesus, como o modelo de feminilidade a ser emulado: ascético, puro e casto. Esse ambiente deixou uma impressão de rigor que desempenhou um papel significativo na definição da identidade de gênero e na formação do caráter das jovens, moldando-se de acordo com as demandas sociais, econômicas e religiosas do período histórico em questão.

Nas quase três décadas em que o Ginásio Santa Bernadete formou uma parcela da população feminina de Amargosa, o cenário político, social e educacional brasileiro passou por profundas transformações, no entanto, a administração da escola procurou por um lado atender aos anseios da sociedade e, por outro manter as alunas distantes dos contextos políticos, o que também estava alinhado aos desejos da sociedade em questão.

De acordo com Silva (2013) um aspecto importante do contexto de funcionamento do Ginásio Santa Bernadete é que a maioria significativa das alunas que frequentavam o colégio em Amargosa originavam-se de famílias que residiam ou já residiram em fazendas. Nesse caso, a própria escola nutria um espírito de aceitação e obediência, desempenhando um papel de destaque na educação das meninas, seguindo os padrões moralistas de comportamento, seguidos com os objetivos da Igreja Católica diante das transformações resultantes do processo de urbanização.

Sobre essa reprodução de valores, costumes e analisando a integração das alunas no contexto histórico e político, torna-se evidente um distanciamento entre as conversas em sala de aula e os eventos internacionais e nacionais que abrangem áreas sociais e políticas. O que é reforçado por Silva (2013) quando este argumenta que o que se evidencia é que as questões sociopolíticas eram marginalizadas, permanecendo distantes do processo de educação das

mestras cristãs e das mulheres destinadas a serem líderes familiares. No entanto, as jovens alunas expressavam seus questionamentos políticos e testemunhavam essa realidade em seus lares, uma vez que, diversas famílias cujas filhas frequentavam o Ginásio Santa Bernadete exerciam um papel ativo na política local das cidades. colocar trechos dos depoimentos

As afirmações acima são percebidas também nos depoimentos das professoras que participaram desta pesquisa. Em quase nenhum momento de suas falas aparece, por exemplo, o momento da ditadura civil-militar brasileira, momento marcante em nossa história política e período em que essas mulheres estudaram e algumas ensinaram no colégio das Sacramentinas. Apenas a depoente Maria da Conceição faz uma breve menção a este período: “então quando foi do período de... Lomanto, quando o Lomanto entrou fizemos uma campanha que, pra poder, autorizar o ginásio, porque senão ia acabar, porque o estado não segurava e foi em 64, foi em 64, foi o ano da revolução” (MARIA DA CONCEIÇÃO, 2022). Essa revolução a que a professora se refere foi o início da Ditadura Civil-militar.

Tal distanciamento é resultado do objetivo maior da instituição e da própria sociedade, que era formar donas de casa, mães, esposas e professoras obedientes, abnegadas, que tivesse amor à docência, seguidoras das regras estabelecidas, com uma formação espiritual sólida, enfim formar “rainhas dos lar”. A esse respeito Almeida (1998, p. 64) destaca que “Essa ideologia teve o poder de reforçar os estereótipos e a segregação sexual a que as mulheres estiveram submetidas socialmente ao longo de décadas, por entender-se que cuidar de crianças e educar era missão feminina e o magistério revelar-se seu lugar por excelência”. Mas, acima de tudo uma abordagem conservadora proferida pela Igreja Católica, que enfatizava a manutenção da ordem e do domínio, representava uma tática visando a preservação de sua influência tanto na sociedade quanto nas instituições de poder já protegidas.

#### 4.3 Da rainha do lar a “boa professora” – a trajetória da ex-aluna Maria da Conceição em Amargosa

Como dito na introdução, conduzi entrevistas com cinco professoras, que se formaram no Ginásio Santa Bernadete, atuaram na própria escola enquanto docentes e em outras escolas da cidade. Todas as entrevistas tiveram um papel relevante na minha pesquisa. No entanto, dentre essas cinco, escolhi a professora Maria da Conceição como fio condutor dessa discussão, pois sua trajetória representa de maneira notável o impacto de ter estudado na Escola das

Sacramentinas e se transformado em uma professora reconhecida por sua atuação. Essa seleção possibilitou uma análise mais aprofundada dos efeitos da formação escolar em sua carreira e prestígio profissional.

#### 4.3.1 Uma carreira – muitos espaços no cenário educacional de Amargosa

A atuação das professoras formadas no Ginásio Santa Bernadete é vista pela comunidade de Amargosa como um reflexo direto da qualidade do ensino oferecido pela instituição onde elas foram educadas. Atribuir a essas mulheres o adjetivo de "boas professoras" representa um reconhecimento que o Ginásio Santa Bernadete correspondeu às expectativas da sociedade em que esteve inserido quanto a sua missão moral, religiosa, política e social e que as irmãs Sacramentinas honraram com a responsabilidade que lhes foi atribuída.

No entanto, ao lançar olhares sobre os espaços para além da sala de aula, espaços de liderança, de direção, ocupados pela professora Maria da Conceição é possível afirmar que estes representam uma superação da ideia “de que o exercício da direção deveria ser efetivado por pessoa enérgica, habituada a comandar o trabalho na esfera pública, ou seja, alguém do sexo masculino” (CHAMON, 2005, p. 128). Pois, apesar da feminização do magistério, perdurava na consciência coletiva a noção de que a presença da mulher na escola poderia se dar como professora, porém não em posições de liderança. Isso se devia à crença arraigada de que a capacidade de impor obediência e de lidar com a ordem e a disciplina era uma qualidade reservada ao homem.

Sobre essa consciência coletiva de não capacidade feminina para cargos de chefia, destaco o que é trazido por Almeida (1998) que afirma que essa era uma visão compartilhada também entre as próprias mulheres. Por considerarem-se pouco aptas para funções administrativas, também viam com ceticismo aquelas mulheres que, por acaso, conseguiram atingir esses níveis no campo do ensino. Portanto, além da oposição masculina, havia também uma resistência por parte das mulheres em adotar características profissionais que levariam aos domínios tradicionalmente masculinos.

No entanto, com base nas observações anteriores, é crucial ressaltar que, de acordo com a mesma autora, essa ausência de confiança na habilidade de liderança também decorria dos contextos sociais, políticos e familiares nos quais as mulheres estavam imersas.

Essa pretensa incapacidade para cargos de direção era derivada da própria situação familiar, dos costumes sociais e da legislação, que designavam ao

homem a chefia da família. Se a escola era o prolongamento do lar, a professora era a segunda mãe dos alunos, os filhos, a organização escolar deveriam estruturar-se naturalmente com um homem na direção e nas tomadas de decisões, segundo esse mesmo modelo familiar (ALMEIDA, 1998, p. 198).

A saída dos homens do magistério, sobretudo primário, e a consequente ocupação de cargos de liderança pelas mulheres é problematizada por Almeida (1998) e associada a urbanização e industrialização, o que levou os homens a ocuparem outras tarefas mais prestigiadas e bem remuneradas. Entretanto, a autora faz questão de deixar claro que em nenhum momento essa feminização da carreira de ensino foi uma concessão atribuída às mulheres pelos homens. Sobre essa questão a autora afirma que

O fato de as mulheres ocuparem cada vez mais espaços na profissão, somado às formulações ideológicas que as consideravam mais capazes, pela industrialização e pela urbanização estarem ampliando o mercado de trabalho masculino, oferecendo inclusive ocupações vedadas às mulheres e, possivelmente, mais bem remuneradas, deve também ter contribuído para o afastamento masculino, além do propalado desprestígio da profissão e da má remuneração salarial (ALMEIDA, 1998, p. 68).

A professora Maria da Conceição desempenhou um papel ativo no cenário educacional de Amargosa conforme apresentado ao longo de seu depoimento. Isso evidencia o seu comprometimento com iniciativas para o aprimoramento do sistema educacional. Mas também um rompimento com o que estava “destinado” à mulher.

Os espaços por ela ocupados se estenderam para cargos de direção tanto de escolas da cidade, como órgãos educacionais, como a Diretoria Regional de Educação (DIREC), evidenciando o reconhecimento enquanto uma profissional que, na perspectiva daqueles que a indicavam para tais funções, poderia fazer a diferença na educação de Amargosa.

As posições de liderança ocupadas pela professora demonstram, por um lado, seu compromisso e engajamento com a educação da cidade, mas sobretudo, representam uma ressignificação da identidade feminina. Pois, “apesar de continuarem sendo as principais protagonistas da cena doméstica, cada vez mais as mulheres mostram que o limiar entre o público e o privado é tênue, e que elas são capazes de enfrentar o primeiro com segurança e competência” (PASSOS, 1999, p. 124).

Tendo a fala de Passos como referência, é possível problematizar que a trajetória docente da professora Maria da Conceição exemplifica que o fato de ter estudado em uma instituição que contribuía para a reprodução da ideia do magistério enquanto “uma ocupação considerada apropriada ao seu sexo, que não feria o modelo idealizado e exigido pela sociedade para o sexo feminino” (PASSOS, 1999, p. 129), não a impediu, mesmo que involuntariamente,

ou não, de desafiar o que era imposto para as mulheres em uma sociedade dominada pela figura masculina.

A referida professora assumiu, além da DIREC, a vice direção do Colégio Pedro Calmon, entre as décadas de 1960 e 1970, a direção do Colégio Estadual de 1<sup>a</sup> Grau Antônio Carlos Magalhães, entre as décadas de 1970 e 1980 e desempenhou ainda um papel fundamental na criação e organização de todo aparato burocrático e administrativo, desde organizar concurso, reunir os professores que foram convocados, assumir a direção nos meses iniciais e em seguida montar o corpo diretivo, da Escola Agrotécnica de Amargosa.

Segundo a professora o processo de assumir a direção desta escola aconteceu da seguinte maneira:

Agrotécnica, Agrotécnica eu trabalhei lá, eu iniciei a Agrotécnica [...] Quando eu entrei na Agrotécnica, fui na secretaria de educação e conversei com o secretário, o secretário da educação era Jair Brasileiro: ‘Não pode ficar aquilo ali, o colégio tá horrível. A secretaria.... se não arrancar, se não estadualizar, se não colocar pra funcionar, vão tirar todas as coisas, vão destruir o colégio. [...] Aí agilizamos o processo, fizemos o concurso, os professores. Eu nunca tive tanta força na secretaria de educação como dessa vez. Fizemos o concurso com os professores, inscrevemos apenas agrônomos e veterinários, porque era escola Agrotécnica então, se inscreveram 15 professores, Mas vem a história do diretor, cadê o diretor, cadê o diretor pra assumir? [...] Dr. Tem um problema lá, a direção, a gente não tem uma pessoa pra dar a direção, a quem a gente vai dar a direção? Inclusive assumi a direção da escola pra poder organizar isso. Como gerente da Direc eu pude assumir e implantar a escola, tinha a portaria específica e fui arrumando essas coisas (MARIA DA CONCEIÇÃO, 2022).

Em 1974, após a estadualização, a professora Maria da Conceição foi a primeira a assumir a direção do Colégio Estadual de 1º Grau Antônio Carlos Magalhães<sup>13</sup>, antigo Colégio das Sacramentinas. Uma indicação das irmãs, segundo apontou em seu depoimento, a professora Maria da Conceição, que a direção ficasse a cargo de alguma ex-aluna das Sacramentinas e, que foi acatada pelo então prefeito da cidade e pelo governador da Bahia na época. A professora descreve esse momento da seguinte maneira:

as irmãs pediram, se possível, deixasse o colégio na direção de uma das alunas, aí eu nem... nem... nem tava pensando nisso aí, eu trabalhei no colégio, mas depois que fui pro Pedro Calmon [...] aí o prefeito me convidou que o governador interessava uma ex-aluna do colégio, eu nem votava no prefeito

---

<sup>13</sup> Após a estadualização, o Ginásio Santa Bernadete foi renomeado, passando a se chamar Colégio Estadual de 1º Grau Antônio Carlos Magalhães, governador da Bahia que realizou a compra da escola.

naquela época, mas ele disse: ‘Não, mas eu acho a pessoa que a gente pode indicar é a senhora’. Eu não sei se as irmãs deram meu nome, eu sei que elas pediram que ficasse com uma das ex-alunas do colégio, e aí eu fiquei, fui pro Santa Bernadete e trabalhei lá 15 anos (CONCEIÇÃO, 2022).

Esse espaço ocupado pela professora Maria da Conceição revela, por um lado, uma expectativa de que a mesma, por ter estudado no Colégio enquanto a administração esteve sob a tutela das religiosas, seria capaz de conduzir a instituição com responsabilidade, se esforçando para manter a escola no padrão de até então. Isto porque, de acordo com Silva (2013) a educação é uma atividade social através da qual são transmitidas ideias, princípios e convicções com o propósito de preservar ou modificar a situação existente. A evolução da educação é uma narrativa de uma atividade social que capacita a elaboração e disseminação de teorias e métodos em um contexto social e histórico específico.

Logo, escolher uma aluna para assumir a função de direção se assentava na expectativa de continuidades e tradição associada à instituição de ensino. Na crença de que, por ter estudado e se formado enquanto docente, possuía conhecimento e valores que estavam relacionados com a cultura e os objetivos da instituição.

A tradição e a continuidade educacional são aspectos importantes em muitas instituições de ensino, especialmente aqueles com uma história longa estabelecida, por acreditar que os ex-alunos que assumem papéis de liderança dentro da escola podem ter um conhecimento profundo da cultura e pode contribuir para sua manutenção ao longo do tempo dos valores da instituição.

Essa espera também está baseada na ideia de que os valores e princípios seguidos pelas religiosas durante o período em que a escola era administrada por elas, eram valiosos e deviam ser preservados. As ex-alunas eram vistas, então, como guardiãs desses valores e, portanto, as mais indicadas para manter a integridade da escola.

Por outro lado, além de serem guardiãs de valores vigentes, esse espaço pela professora Maria da Conceição ocupado, deixa claro que

Para as mulheres brasileiras que ocuparam o magistério primário, o fato de estarem desempenhando uma profissão, mesmo considerando as relações objetivas da necessidade de um salário para a subsistência, adquiria um sentido de relevância social e de concretização de sonhos e desejos acalentados (ALMEIDA, 1998, p. 195).

Almeida (1998) completa ainda que, interagir com o mundo exterior e ocupar um lugar específico, oferecer um serviço social valioso e ser recompensado por isso, justificava o comprometimento e o desejo de maneira ainda mais profunda do que o próprio salário. Isso se deve ao fato de que a independência proporcionada pela profissão criava oportunidades mais

ampas para escolhas pessoais e capacidade de alcançar autonomia financeira em relação à família.

Outro cargo de liderança que a professora Maria da Conceição ocupou, como já citado, foi a vice direção do Colégio Pedro Calmon, como menciona em seu depoimento: “eu trabalhei no colégio [Santa Bernadete], mas depois que fui pro Pedro Calmon fiquei lá, tava bem, no Pedro Calmon na vice diretoria” (MARIA DA CONCEIÇÃO, 2022). Isso demonstra sua presença em diversos contextos de liderança educacional. Mais uma vez, a atuação da professora segue uma abordagem que desafia uma visão convencional da educação e dos papéis de gênero. A concepção de que se “a escola era o prolongamento do lar, a professora era a segunda mãe e os alunos, os filhos, a organização escolar deveriam estruturar-se naturalmente com um homem na direção e nas tomadas de decisões, segundo esse mesmo modelo familiar” (ALMEIDA, 1998, p. 198).

Nessa perspectiva, torna-se evidente como o contexto social, histórico e político influencia a assimilação, por parte das mulheres, da ideologia de dominação masculina e da suposta inferioridade feminina. Isso serve como um exemplo claro de como as influências culturais modelam a identidade, a formação pessoal e profissional das mulheres, muitas vezes resultando em contradições nas representações das relações de gênero.

Outro momento significativo na trajetória profissional da professora Maria da Conceição foi a gestão da Diretoria Regional de Educação (DIREC). Assumir o cargo de primeira diretora deste órgão em Amargosa evidencia seu envolvimento em âmbito mais amplo na educação de Amargosa e região. Momento que a professora descreve da seguinte maneira:

Menina, a Direc foi assim, eu tava me aposentando, a secretaria de educação, no governo Waldir, Waldir tava com dois anos no governo, aí ele virou pra ela e disse assim... A secretaria de educação me telefonou, ‘Dra. o que a senhora precisa de mim?’ Ela disse assim: ‘Eu preciso que a senhora amanhã vá a uma reunião na prefeitura que o Dr. Waldir vai fundar uma dire... uma...não era Direc na época não, superintendência educacional de Amargosa. Eu disse: ‘Dra. Eu pedi aposentadoria’. Ela disse: ‘Suspenda’. (risos) Eu tava com a toalha no ombro pra tomar banho, mas como que eu vou suspender agora...Ela disse: ‘Suspenda, bom eu sei que ele vem amanhã, vai pra Amargosa e seu nome é que vai ser indicado pra assumir a Direc.’ Menina eu disse: ‘Meu Deus do céu, eu já to, já to terminando a minha carreira’, aí ela disse: ‘Pelo menos a senhora implanta, depois a senhora sai.’ Aconteceu que eu fui nomeada pra Direc, nisso Waldir sai do governo, entrega o governo à Nilo Coelho e ficou tudo largado, e eu com esse ‘bandú’ na mão. (risos)

Ao assumir a função de Diretora da DIREC, a professora firma um marco significativo na sua carreira docente, pois indica a quebra de barreiras e desafios, mostrando que a professora Maria da Conceição foi uma pioneira e líder no campo da educação local.

#### 4.3.2 Desvendando os caminhos que fazem da professora Maria da Conceição referência em Amargosa

A discussão apresentada no item anterior configura o reconhecimento quanto “boa professora” em espaços além sala de aula. Aqui discutirei como esse reconhecimento se aplica à atuação da professora Maria da Conceição no espaço escolar. O que a faz se sentir e ser considerada pela sociedade local de Amargosa como “boa professora”. Umas das experiências marcantes destacada na narrativa da depoente foi o espaço da direção escolar que a mesma assumiu por mais de uma década. A partir do processo de interiorização do ensino público sob a responsabilidade do Governo do Estado, houve a necessidade de uma profissional para assumir a direção de uma escola pública. E uma exigência do Governador da época, segundo relatos, é que precisava ser uma ex-estudante do Colégio das Sacramentinas.

Na época em questão os cargos de gestão escolar eram indicação direta dos políticos, “aí o prefeito... o governador mandou que o prefeito visse aqui na cidade uma pessoa que... aí o prefeito me convidou que o governador interessava uma ex-aluna do colégio, eu nem votava no prefeito naquela época” (MARIA DA CONCEIÇÃO, 2022).

É possível considerar que a referência das profissionais formadas no Colégio das Sacramentinas se constituía um fator notável pela capilaridade social e política. A depoente afirmou que no período que esteve à frente da direção do então Colégio Santa Bernadete (já adquirido pelo Governo do Estado em 1973), ela trouxe outras ex-alunas do Ginásio Santa Bernadete:

Na direção, fiquei lá 15 anos e formei uma equipe de trabalho muito boa, não posso dizer que fui eu sozinha no Santa Bernadete, nós formamos uma equipe muito boa, de ex-alunas também, incluindo outros professores que tinham vindos de fora, mas eram poucos, quase todos os professores daqui eram ex-alunos, e o colégio deu certo depois tivemos que passar adiante (MARIA DA CONCEIÇÃO, 2022).

Temos aqui um cenário em que ex-alunas do Ginásio foram responsáveis pela gestão escolar e ensino público em uma unidade estadual. E o resultado deste processo? De acordo com a depoente:

Agora vale dizer a você que os nossos alunos, tanto do Santa Bernadete, quanto do Pedro Calmon, saíram daqui e iam pra Salvador fazer o vestibular, sem precisar de cursinho, pra você ver o nível de educação que tinha em Amargosa, e não era eu sozinha não, todos os professores daqui eram muito interessados, o Pedro Calmon tinha professores excelentes, até hoje os meninos... fazem referência a esses professores, são muito dedicados, os professores eram excelentes, a gente não tinha... Amargosa não tinha a dever educação de lugar nenhum, nesse período aí [...] (MARIA DA CONCEIÇÃO, 2022).

A narrativa da professora expõe elementos que fundamentam esta pesquisa desde o objetivo estabelecido até o caminho percorrido na tentativa de identificar aspectos e apontamentos, mesmos que subjetivos. E, nesta perspectiva, se apresenta o reconhecimento da qualidade do trabalho realizado e o mesmo foi desenvolvido de forma coletiva, em equipe de ensino e gestão.

E para contribuir com isso a depoente afirma que

[...] a gente tinha o compromisso, o professor tinha o compromisso, eles assumiam aquela formação daqueles meninos, que hoje eu sinto prazer em ter uma visita de um professor, ainda ontem mesmo a mãe de um... de um ex-aluno meu, me telefonou, aí ela me disse: 'Mas professora, a senhora me fez tanto bem, a senhora e.... a escola,' disse assim 'a senhora e a escola' ...ele era aluno do Pedro Calmon... 'mas fez tão bem a Gervásio que ele não esquece nunca das aulas, das orientações dos professores'. E não é só esse não, todos os nossos ex-alunos que nos procuram, são gratos pela aquela formação que a gente deu, porque a gente assumia mesmo a formação naquele tempo, orientação doméstica, orientação pra vida [...] (MARIA DA CONCEIÇÃO, 2022).

O que observo nestas narrativas da professora Maria da Conceição é que a compreensão de ensino, escola e gestão escolar perpassa pelo entendimento de uma preparação para a vida do sujeito. E isso, portanto, incluía uma unidade entre gestão e ensino que se refletia no ensino e no reconhecimento de alunos e de familiares. Ainda hoje na cidade de Amargosa/BA, as mulheres/professoras que estudaram no Ginásio Santa Bernadete e as que estudaram e ensinaram, seja no Ginásio e ou em outras unidades de ensino público ou privado são consideradas referências na realização de pesquisas históricas sobre educação e cultura da cidade, atuação do Ginásio e também do Colégio Santa Bernadete, bem como, o Colégio Pedro Calmon. Unidades escolares que são um marco histórico e cultural da cidade no âmbito educacional.

A professora assumiu a direção escolar por 15 anos, uma escola pública (Colégio Santa Bernadete) e relata uma perspectiva interessante do ponto de vista do público e da participação da família:

eu trabalhei no Santa Bernadete 15 anos como diretora, já não era no colégio das irmãs, já como diretora de escola pública, meninos de todo tipo, nunca eu precisei de chamar uma autoridade para fiscalizar a frente do colégio, pra ver os meninos entrar no colégio, pra ver isso e aquilo, nada, e tinham uns meninos difíceis. Muitos meninos eram difíceis, mas não era a maioria, alguns deram muito problema de disciplina, mas depois melhoraram (MARIA DA CONCEIÇÃO, 2022).

Uma gestão escolar que não se restringia a parte de administração da unidade escolar, mas assumia a responsabilidade do acompanhamento dos alunos, das relações que constituem o funcionamento da escola. E mesmo na direção da escola, a depoente destacou uma compreensão de “ser professora” a partir de uma visão mais ampla, para além da atuação profissional do sujeito. Seja na direção e ou na sala de aula, ela afirmou que a “boa professora” lança olhares para a formação no presente visando um sujeito comprometido com sua responsabilidade social:

Boa professora, eu entendo que ser um bom professor é aquele que se preocupa com o aluno, faz a criança se desenvolver, em todos os seus níveis, no nível... no nível intelectual, no nível social, com a família, relação com a família com a sociedade, e prepara o menino pra vida, é preparar, preparação... eu acho que o professor é aquele que se dedica para que aquela criança cresça, sendo um cidadão responsável por si, e pela sociedade onde ele está vivendo (MARIA DA CONCEIÇÃO, 2022).

Esta compreensão e preocupação reflete, à primeira vista, uma importante vertente educacional que entende a escola enquanto espaço que não pode ser apartado, descontextualizado. Entretanto, o ensino na qual a depoente e suas colegas foram formadas “reproduzia uma concepção tradicional de educação e de formação profissional com base na bipartição de gênero na qual a mulher tinha como dever maior colocar-se a serviço da família” (SILVA, 2013, p. 17). E o autor afirma, ainda, que embora o foco do curso fosse de formação de professora, “havia uma preocupação em orientar as meninas para que se sentissem “rainhas dos lares”, associando o ser professora às questões relacionadas à maternidade” (SILVA, 2013, p. 17).

É possível considerar, portanto, que as narrativas desta professora que ocupou cargos de gestão escolar por longos anos, assim como, ensinou em duas das importantes unidades escolares do município de Amargosa, bem como, da região, ajuda a construir um conhecimento

histórico e cultural que tem na memória de professoras e estudantes a guardiã dos processos educacionais vivenciados. O imaginário que alimenta, valoriza, reforça e torna um tempo histórico como referência para várias gerações de professoras, professores no âmbito do estudo e da pesquisa.

A ocupação de cargos de gestão escolar por longos anos confere à narrativa da professora uma perspectiva única sobre os processos educacionais vivenciados na comunidade. Sua atuação na administração escolar proporciona uma compreensão aprofundada das políticas educacionais, desafios institucionais e transformações ocorridas ao longo do tempo. Essa perspectiva administrativa amplia o conhecimento histórico ao incluir aspectos organizacionais e estratégicos, enriquecendo o entendimento sobre a evolução do sistema educacional local.

O fato de ter lecionado em unidades escolares significativas não apenas em Amargosa, mas também na região, amplifica o alcance da sua influência na construção desse conhecimento histórico e cultural. A diversidade de contextos educacionais vivenciados pela professora possibilita uma compreensão mais abrangente das diferentes realidades, desafios e conquistas experimentados não apenas em uma única escola, mas em várias. Isso enriquece as narrativas com nuances que refletem a complexidade da educação em diferentes localidades.

A marcante influência do Ginásio Santa Bernadete transcendeu as fronteiras da cidade de Amargosa, deixando uma impressão duradoura que é expressa nas palavras da professora Maria da Conceição, quando esta relembra os inúmeros locais de onde a Escola das Sacramentinas recebia alunas. Fica evidente o alcance significativo e a notoriedade da instituição educacional na formação de alunas provenientes de diversas localidades.

E outra cosia, não só o Santa Bernadete das Sacramentinas não só para Amargosa, mas para a região toda, porque ela recebia alunas internas, e essas alunas quando se formaram, todas foras para seus municípios pra trabalhar e fundaram escolas, São Miguel, Mutuípe, Laje, é... Jequié, Itagi, todas essas meninas que se formaram que foram da minha turma, assumiram nas suas... nas suas cidades, e criaram colégios, através delas elas assumiram os colégios, todas as que eu lhe citei, esses lugares, todos, diretoras foram ex-alunas do Santa Bernadete, os primeiros diretores foram ex-alunos do Santa Bernadete... irradiou... porque vinham meninas de vários lugares para Amargosa, Conquista vinha pra aqui, Jequié vinha pra aqui, Itaberaba... (MARIA DA CONCEIÇÃO, 2022).

A afirmação da depoente destaca não apenas a relevância do Ginásio Santa Bernadete em Amargosa, mas também sua influência disseminadora na região circundante. O legado educacional e cultural dessa instituição se materializa não apenas nas alunas que ali foram formadas, mas também na contribuição ativa delas para a criação e a gestão de escolas em suas próprias comunidades, irradiando os princípios educacionais cultivados no Ginásio Santa

Bernadete. Essa é uma demonstração poderosa do impacto duradouro e positivo que uma instituição educacional pode ter em uma comunidade e além dela.

O papel do Ginásio Santa Bernadete como um centro formador não se limitou apenas a fornecer educação às alunas, mas acabou por prepará-las para assumirem papéis de liderança na educação em suas próprias comunidades. O fato de as ex-alunas fundarem escolas em diferentes municípios, como São Miguel, Mutuípe, Laje, Jequié e Itagi, evidencia a expansão do legado educacional e cultural dessa instituição para além de Amargosa.

É notável observar que as alunas formadas no Ginásio Santa Bernadete não apenas assumiram papéis ativos em suas comunidades de origem, mas também influenciaram diretamente a criação e a administração de instituições educacionais. Esse fenômeno cria uma rede de educação que se estende por várias localidades, conectando essas comunidades por meio de um vínculo educacional comum.

A presença dessas ex-alunas como diretoras também destaca a continuidade do modelo educacional e dos valores inculcados no Ginásio Santa Bernadete. Essa liderança local contribui para a preservação e transmissão dos princípios pedagógicos e éticos que foram cultivados durante a formação dessas mulheres.

A migração de estudantes de várias regiões para Amargosa, conforme mencionado na afirmação, mostra a atratividade e a reputação da instituição, consolidando-a como um centro de excelência em educação. Essa dinâmica de receber alunas de diferentes lugares amplia ainda mais o alcance do impacto educacional do Ginásio Santa Bernadete, tornando-se uma referência regional.

Diante desse cenário, as memórias da professora emergem como a guardiã desses processos educacionais. Suas lembranças, experiências e vivências se tornam uma fonte valiosa para a preservação da história local, muitas vezes não documentada em registros formais. A transmissão oral dessas histórias, tanto para colegas de profissão quanto para os estudantes, contribui para a construção de um legado educacional que atravessa gerações.

O imaginário que se forma a partir dessas narrativas, alimentado, valorizado e reforçado ao longo do tempo, torna-se uma referência fundamental para várias gerações de professores e estudantes. Esse imaginário não apenas conecta o passado ao presente, mas também inspira futuras gerações a compreenderem a importância da educação como um elemento vital na construção da identidade cultural e social de uma comunidade.

Além disso, o papel da professora enquanto guardiã da memória e do conhecimento histórico da educação local também se estende ao âmbito do estudo e da pesquisa. Suas

narrativas fornecem material valioso para pesquisadores interessados na história da educação, permitindo uma análise aprofundada dos contextos, desafios e sucessos ao longo do tempo.

Portanto, a trajetória da professora não apenas influenciou a comunidade educacional local durante sua atuação, mas também continua a impactar positivamente o entendimento e a preservação da história e cultura educacional da região. Suas experiências oferecem uma rica fonte de aprendizado e inspiração para aqueles que buscam compreender e perpetuar os processos educacionais que moldaram a identidade da comunidade ao longo dos anos.

Mesmo vivendo em outro século, com a pujança de várias compreensões e concepções de educação em debate e em disputa, lançar olhares para o processo histórico que contribuiu para construir uma identidade docente do ser “boa professora” foi importante do ponto de vista de compreender que embora seja uma construção social de forte expressão local, os reflexos e impactos são diversos e por certo, alguns sejam imensuráveis. Mas, um aspecto foi consideravelmente interessante, as formandas do Ginásio Santa Bernadete, gozam de uma importante referência de gestão e de ensino em Amargosa. Assim como Maria da Conceição, ocuparam cargos de direção, ensinaram em importantes unidades escolares do município e são lembradas e procuradas por estudantes e pesquisadores.

Compreender a construção desta identidade do “boa professora” implica em analisar, também, aspectos apontados por aquelas e aqueles que fizeram parte intrinsecamente deste processo. Sujeitos que foram formados e que estiveram sob a direção de ex-alunas do Ginásio Santa Bernadete como Maria da Conceição. Isso nos permitirá ampliar o conhecimento histórico e reunir mais elementos que construíram esta identidade. Portanto, a construção deste conhecimento não se esgota nesta pesquisa, nem foi minha pretensão.

É crucial reconhecer que a construção desse conhecimento não se esgota na pesquisa realizada, nem era essa a intenção inicial. Ao envolver sujeitos que foram parte integrante desse processo, a pesquisa se torna uma ponte para futuras investigações e diálogos. A compreensão da identidade da "boa professora" evolui à medida que novas histórias e perspectivas são incorporadas, promovendo um entendimento contínuo e dinâmico da influência educacional exercida por ex-alunas do Ginásio Santa Bernadete.

Portanto, ao ouvir as vozes dessas ex-alunas do Ginásio Santa Bernadete e ex-professoras, e incluir suas experiências na narrativa, a pesquisa não apenas expande o conhecimento histórico, mas também fortalece o vínculo entre passado, presente e futuro. Essa abordagem colaborativa enriquece a compreensão da identidade da "boa professora" como uma construção coletiva, formada e sustentada pela interação entre educadores e estudantes ao longo das décadas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo de feminização do magistério na sociedade brasileira tem sido objeto de estudo frequente entre historiadores e historiadoras da educação nas últimas décadas. Em linhas gerais, essas pesquisas destacam o aumento da participação das mulheres no ensino público e privado em diversas regiões do país, especialmente a partir das décadas finais do século XIX. No entanto, é importante salientar que o fenômeno da feminização do magistério não deve ser interpretado como uma concessão gradual dos homens, que teriam deixado a profissão docente em busca de carreiras mais lucrativas e socialmente mais respeitadas.

A feminização do magistério também está ligada à limitação de oportunidades para as mulheres em outras áreas profissionais. No século XIX e parte do século XX, as opções de carreira para as mulheres eram restritas, e o magistério representava uma das poucas áreas onde elas poderiam exercer alguma autonomia e influência na sociedade.

Além disso, a própria construção social do papel da mulher na sociedade também influenciou a feminização do magistério. A educação era vista como uma extensão natural do papel feminino de cuidado e instrução, reforçando a ideia de que as mulheres eram mais adequadas para o trabalho educacional.

Ao analisar a feminização do magistério no Brasil, é crucial compreender que esse fenômeno é resultado de uma interação complexa entre fatores sociais, culturais e econômicos. Embora tenha proporcionado às mulheres uma oportunidade de ingressar no mercado de trabalho e contribuir significativamente para a educação no país, também evidencia desigualdades de gênero persistentes em diversas esferas da sociedade brasileira. A discussão sobre a feminização do magistério deve ser acompanhada pela reflexão sobre as condições de trabalho, a valorização da profissão e a busca por igualdade de oportunidades no campo educacional.

Ao conduzir esta pesquisa sobre a formação das professoras do Colégio Santa Bernadete, meu objetivo foi investigar a construção de identidades de mulheres que estudaram no Ginásio Santa Bernadete e se tornaram professoras, a partir do referencial de valorização do “ser boa professora”. Formação esta, carregada de valores culturais, morais e religiosos, que foram transmitidos e consolidados nessa instituição de ensino exclusivamente feminina.

A educação proporcionada por essa instituição de ensino, em um ambiente de formação religiosa católica, deixou uma marca profunda que desempenhou um papel fundamental na construção da identidade de gênero e na construção do caráter dessas alunas/professoras. Isso respondeu às demandas sociais, econômicas e religiosas de um contexto histórico específico.

As estudantes do referido colégio refletiram em suas vidas, especialmente por meio da prática do magistério, os princípios e valores estabelecidos nesse processo educacional.

Nesse sentido, a “boa professora” que se formava no Ginásio Santa Bernadete seria aquela mulher/professora que internalizou o magistério como uma vocação, uma missão sagrada que deveria ser cumprida com zelo e devoção acima de tudo e levou para a sala de aula os atributos que lhes foram conferidos, de serem mais aptas para o trabalho no magistério, sobretudo primário, por este ser visto como extensão do lar. As mulheres seriam mais amorosas, por serem mães, por isso, seriam mais capazes de entender os seus alunos e encaminhá-los com retidão.

A ideia de que as mulheres são mais amorosas e têm uma capacidade intrínseca de entender e encaminhar os alunos com retidão baseia-se em estereótipos de gênero que datam de séculos. A associação entre feminilidade e virtudes como paciência, empatia e abnegação é reforçada nesse contexto, moldando as expectativas sobre o papel das mulheres na educação. A visão da professora como uma extensão da mãe, cuidando e orientando as crianças, contribuiu para perpetuar a ideia de que o magistério é naturalmente feminino.

Entretanto, essas reflexões se deram tendo em mente estranhamentos, pois a concepção do magistério como uma vocação exclusivamente feminina perpassa por uma construção política. Essa construção foi defendida pela Igreja Católica, que passou a associar uma ação educacional à catequese. Dessa forma, as principais características de uma professora eram esperadas como virtude, amor e desapego às recompensas materiais, sendo a vocação a base de sua profissão.

Essa construção política também se relaciona com a limitação de oportunidades para as mulheres em outros setores da sociedade. Ao associar a educação à esfera religiosa e moral, a Igreja Católica não apenas reforçava determinados papéis de gênero, mas também restringia o acesso das mulheres a outras áreas profissionais. O magistério tornava-se, assim, uma das poucas opções socialmente aceitáveis para as mulheres.

A reflexão sobre a ideia do magistério como vocação feminina foi ampliada considerando também os relatos de entrevistas. Durante alguns depoimentos, a formação para o magistério foi dissociada do discurso de vocação, com algumas depoentes afirmado que cursaram por falta de opções, enquanto outras buscavam melhorar suas condições de vida. Nesse contexto, a profissão de professora também pode ser vista como uma oportunidade de reconhecimento social, como prática de uma necessidade de valorização social.

A dissociação da formação para o magistério do discurso de vocação, conforme relatado por algumas entrevistadas, ressalta que a decisão de se tornar professora nem sempre está

atrelada a uma chamada interiorizada de dedicar-se à educação. Em vez disso, a escolha muitas vezes é moldada por circunstâncias pragmáticas, como a falta de outras opções de formação ou a busca por melhorias nas condições de vida. Essa perspectiva destaca a importância de considerar o magistério como uma escolha profissional influenciada por diversos fatores, incluindo contextos socioeconômicos e oportunidades educacionais disponíveis.

A visão da profissão de professora como uma oportunidade de reconhecimento social revela uma dimensão importante que vai além da simples ideia de vocação. Algumas entrevistadas podem ter buscado no magistério não apenas uma forma de cumprir um chamado interno, mas também como uma maneira de alcançar status e valorização na sociedade. A profissão de professora, nesse sentido, pode ser percebida como uma via para o reconhecimento e respeito, elementos fundamentais para a construção da identidade e autoestima das mulheres.

A prática do magistério como uma necessidade de valorização social pode ser interpretada como uma resposta à crescente importância da educação na sociedade contemporânea. À medida que a educação passa a ser reconhecida como um pilar essencial para o desenvolvimento social e individual, o papel da professora adquire uma relevância significativa.

O desejo de contribuir para a formação de gerações futuras e a valorização do papel educacional podem motivar mulheres a escolherem o magistério como uma forma de participação ativa na construção de uma sociedade mais educada e justa. Essa diversidade de motivações destaca a complexidade do campo educacional e ressalta a importância de reconhecer e respeitar a pluralidade de trajetórias profissionais das mulheres que optam por seguir a carreira de professora.

Após suas aposentadorias, essas ex-alunas do Santa Bernadete moldaram, através de suas memórias, uma imagem de contentamento, alegria e um sentimento de dever cumprido. Elas também enaltecem suas trajetórias profissionais, reconhecendo o esforço investido e as ações realizadas na comunidade de Amargosa. O padrão religioso, disciplinar e moral que permeou sua formação no Ginásio Santa Bernadete está integrado em suas narrativas e se manifesta em todas as suas conversas, refletindo sua dedicação em agradar a Deus.

Ao enaltecerem suas trajetórias profissionais e reconhecerem o esforço investido, as ex-alunas não apenas destacam a importância do magistério como uma missão realizada, mas também evidenciam o comprometimento com a comunidade de Amargosa. A integração dos princípios religiosos e morais em suas narrativas sugere que essas mulheres não viram o magistério apenas como uma carreira, mas como um serviço à comunidade, impulsionado pelo desejo de contribuir para o bem-estar social e moral.

A presença do padrão religioso, disciplinar e moral na formação das ex-alunas se manifesta de maneira marcante em suas conversas pós-aposentadoria. Esse reflexo revela não apenas a internalização desses valores, mas também a continuidade do comprometimento com a ética e a moralidade ao longo de suas vidas. O respeito à disciplina e a incorporação de princípios religiosos em suas práticas cotidianas demonstram uma busca constante pela coerência entre crenças pessoais e ações, uma característica que pode ser atribuída à formação recebida no Ginásio Santa Bernadete.

A dedicação em agradar a Deus, como refletido nas conversas dessas ex-alunas, destaca a importância do aspecto espiritual em suas vidas. Essa dimensão espiritual não apenas moldou suas ações como professoras, mas também influenciou suas escolhas, decisões e perspectivas pós-aposentadoria. A busca pela aprovação divina e o compromisso com uma vida alinhada aos preceitos religiosos contribuem para a construção de uma identidade profundamente ancorada em valores espirituais e éticos.

Além disso, a presença persistente desses valores no discurso das ex-alunas sugere que a formação no Ginásio Santa Bernadete超越了 a mera transmissão de conhecimento acadêmico. Ela desempenhou um papel fundamental na formação de uma ética de trabalho, responsabilidade social e um compromisso duradouro com princípios morais, características que continuam a influenciar positivamente suas vidas mesmo após a aposentadoria.

Essas professoras encontraram significado e sentido em suas experiências educacionais, destacando a importância da educação no desenvolvimento pessoal e profissional. Sua conexão com o modelo religioso, disciplinar e moral do Ginásio Santa Bernadete evidencia a influência duradoura que essa instituição teve em suas vidas.

## **FONTES E REFERÊNCIAS**

### **FONTES ESCRITAS**

ATA DE CRIAÇÃO DO CURSO PRIMÁRIO. Encontrada no arquivo do Colégio Estadual Santa Bernadete.

ATA DE CRIAÇÃO DO CURSO GINASIAL. Encontrada no arquivo do Colégio Estadual Santa Bernadete.

ATA DE CRIAÇÃO DO CURSO PEDAGÓGICO. Encontrada no arquivo do Colégio Estadual Santa Bernadete.

AUTORIZAÇÃO DO GOVERNO DO ESTADO PARA A CRIAÇÃO DO CURSO PEDAGÓGICO. Encontrada no arquivo do Colégio Estadual Santa Bernadete.

CONTRATO ENTRE O BISPADO DE AMARGOSA E AS RELIGIOSAS DO SANTÍSSIMO SACRAMENTO. Encontrado no arquivo do Colégio Estadual Santa Bernadete.

ESTATUTO DO GINÁSIO SANTA BERNADETE. Encontrado no arquivo do Colégio Estadual Santa Bernadete.

FICHAS INDIVIDUAIS DAS ALUNAS. Encontrada no arquivo do Colégio Estadual Santa Bernadete.

LIVRO DE REGISTRO DE MATRÍCULA. Encontrado no arquivo do Colégio Estadual Santa Bernadete.

### **FONTES ORAIS**

REZENDE, Maria da Conceição da Cunha. Entrevista concedida, na casa da entrevistada, em agosto de 2022.

SANTOS, Anacleta Santana dos. Entrevista concedida, na casa da entrevistada, em dezembro de 2022.

SANTOS, Maria Belarmino dos. Entrevista concedida, na casa da entrevistada, em agosto de 2022.

SILVA, Dalva Moreira. Entrevista concedida, na casa da entrevistada, em agosto de 2022.

SOUZA, Joseny Oliveira do Espírito Santo. Entrevista concedida, no colégio em que trabalha, em dezembro de 2022.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Jane Soares. Profissão docente e cultura escolar. São Paulo: Intersubjetiva, 2004.

\_\_\_\_\_. **Mulher e Educação: a Paixão pelo Possível**. São Paulo: Editora UNESP, 1998.

BORTOLOTI, Karen Fernanda, GODINHO, Marilia Gomes. História da Educação no Brasil. 1<sup>a</sup> edição - Rio de Janeiro/RJ, SESES, 2014. 144 p.

BRASIL. (1827). Lei geral da instrução pública de 15 de Outubro de 1827. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/lim..-15-10-1827.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/lim..-15-10-1827.htm)> Acesso em: 10 jan. De 2022.

BRASIL, 1942.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: Lembranças de Velhos**. 2.ed. São Paulo: EDUSP, 1987.

CASIMIRO, A. P. B. S.; FERREIRA, Laucimar Carvalho Souto. Educação, História e memória: a trajetória das escolas Sacramentinas. In: **V Congresso Brasileiro de História da Educação**, 2008, Aracajú. V Congresso Brasileiro de História da Educação: O Ensino e a Pesquisa em História da Educação. Aracajú: UFS; UNIT, 2008. v. 1. p. 1-12.

CHAMON, Magda. **Trajetória de Feminização do Magistério: Ambiguidades e conflitos**. Belo Horizonte: Autêntica/FCH-FUMEC, 2005.

CÓRDOVA, Fernanda Peixoto e SILVEIRA, Denise Tolfo. A pesquisa científica. In: **Métodos de Pesquisa**. GERHARDT, Tatiana Engel e SILVEIRA, Denise Tolfo/Org. Coordenado pela Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFRGS e pelo Curso de Graduação Tecnológica – Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

COSTA, Rosemeire Marcedo. **Fé, civilidade e ilustração:** a memória de ex-alunas do Colégio Nossa Senhora de Lourdes (1903-1973). São Cristóvão: NPGED/Universidade Federal de Sergipe, 2003.

FERREIRA, Lúcia Gracia. **Professoras da zona rural:** formação, identidade, saberes e práticas. 1. ed. Curitiba, PR: CRV, 2014.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Aurélio Junior:** dicionário escolar da língua portuguesa. 2. ed. Curitiba: Positivo, 2011.

FREIRE, Eleta de Carvalho. Mulher no magistério: Uma história de embates entre espaço público e espaço privado. **Revista Lugares de Educação**, Bananeiras/PB, v. 1, n. 2, p. 239-256, jul-dez. 2011.

FREIRE, Jane Luci Ornelas. **Maria Luiza de Sousa Alves e a Educação Feminina na Bahia.** Salvador, 2013. 314f.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido.** 38. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. JOUTARD, Philippe. Desafios à história oral do século XXI. In: FERREIRA, Marieta de Moraes (org.) **História oral:** desafios para o século XXI. Rio de Janeiro: Fiocruz/ Casa de Oswaldo Cruz / CPDOC - Fundação Getúlio Vargas, 2000.

GALVÃO, André. **Amargosa:** "Cidade Jardim". Disponível em: <<https://www.ufrb.edu.br/cfp/mapa-do-site/23-site/473-amargosa-cidade-jardim>> Acesso em 20 de jan. de 2022.

GONDRA, José Gonçalves; SCHUELER, Alessandra. **Educação, poder e sociedade no Império brasileiro.** São Paulo : Cortez, 2008.

LE GOFF, Jacques. **História e memória.** Campinas: SP Editora da Unicamp, 1990.

LIMA, Marta Maria Guimarães Alves. **Entre a Pobreza e a Pureza:** a Educação de Moças Desvalidas no Asilo Nossa Senhora de Lourdes em Feira De Santana – Bahia (1879- 1930). Universidade Federal da Bahia, Salvador/BA, 2019.

LINS, Robson Oliveira. **A região de Amargosa:** transformações e dinâmica atual (recuperando uma contribuição de Milton Santos), 2007. 177 f. Dissertação (Mestrado em Geografia). Instituto de Geociências, Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2007.

LOURENÇO FILHO, Armando *et al.* Um diálogo entre as concepções de disciplina de Kant, Dewey e Freire. **Impulso**, Piracicaba • 23(56), 61-72, jan.-abr. Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUCC). São Paulo/SP.

LOURO, Guacira Lopes. Mulheres na sala de aula. In: DEL PRIORE, Mary. **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2004. p. 443-481.

\_\_\_\_\_. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. 16.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

MACHADO, Charliton José dos Santos; NUNES, Maria Lúcia da Silva. Mulher e educação: experiências de pesquisa no HISTEDBR-PB. In: **História da Educação na Paraíba: Comemorar e rememorar**. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2012.

MAFFESOLI, Michel. O imaginário é uma realidade. **Revista FAMECOS**, Porto Alegre, n. 15, agosto de 2001, p. 74-82.

MARQUES, E. S. **Uma história social dos carnavais de Amargosa: Modos de Brincar e o “Cão”, 1940-1980**. 2010. 170 f. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Estadual de Feira de Santana. Feira de Santana, 2010.

MUNHOZ, F. G. (2018). Para além das prendas domésticas: a trajetória da mestra Benedita da Trindade no magistério feminino paulista. **Revista Brasileira de História da Educação**, 18. DOI: <http://dx.doi.org/10.4025/rbhe.v18.2018.e036>.

NORA, Pierre. **Entre memória e história: A problemática dos lugares**. Projeto História, São Paulo, vol. 10, dez, 1993, p. 7-28.

NÓVOA, António. **Vida de professores**. 2.ed. Porto: Porto Editora, 1992.

OLIVEIRA, Edileusa Santos; CASIMIRO, Ana Palmira Bittencourt Santos. **As narrativas de memória e a educação em Vitória da Conquista\BA na primeira metade do século XX – Não se esqueçam em que mundo nós vivíamos**. Rev. bras. hist. educ., Maringá-PR, v. 16, n. 2 (41), p. 141-157, abril/junho 2016.

PASSOS, Elizete Silva. **A educação das virgens: um estudo do cotidiano do Colégio Nossa Senhora das Mercês**. Rio de Janeiro: Editora Universitária Santa Úrsula, 1995.

\_\_\_\_\_, Elizete Silva. **Palcos e Platéias: as representações de gênero na Faculdade de Filosofia**. Salvador: NEIM/UFBA, 1999.

POLLACK, Michael. **Memória e identidade social**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992.

PORTELLI, Alessandro. **O que faz a história oral diferente**. Projeto História, São Paulo, vol.14, fev, 1997, p. 25-39.

PRIORE, Mary Del. História do Cotidiano e da vida Privada. In: CARDOSO, Ciro Flamaron; VAINFAS, Ronaldo. **Domínios da História:** Ensaios de Teoria e Metodologia. 5.ed. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

REZENDE, G. C. et al. (Orgs.) **Revista Amargosa centenária.** Bahia, 1991.

ROMANELLI, Otaíza de Oliveira. **História da educação no Brasil.** 8. Ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1986.

SAFFIOTTI, Heleith. **A Mulher na Sociedade de Classes:** Mito e Realidade. Petrópolis: Ed. Vozes, 1976.

SILVA, Miguel José da. **Educação da Rainha do Lar:** Um estudo sobre a formação das mulheres no Ginásio Santa Bernadete em Amargosa (1946-1973) 2006. 82 f. Monografia – Universidade do Estado da Bahia, Santo Antônio de Jesus, 2006.

\_\_\_\_\_. **De jovens piedosas a rainhas dos lares:** formação de professoras no Ginásio Santa Bernadete em Amargosa-BA, 1953/1973. 130 f. Dissertação – Universidade do Estado da Bahia, Santo Antônio de Jesus, 2013.

SILVA, Maria Betânia e. **Memórias de vida-formação de mulheres professoras.** Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica, Salvador, v. 05, n. 15, p. 1407-1420, set./dez. 2020.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado:** história oral. 2 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

\_\_\_\_\_. **História e contemporaneidade.** História Oral: Revista da Associação Brasileira de História Oral, n. 5, junho de 2002, p. 9-28.

VIEIRA, S. L. **A educação nas constituições brasileiras:** texto e contexto. Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos. Brasília, v. 88, n. 219, maio/agosto, 2007, p. 291-309.

## **ANEXOS**

## Anexo A – Ata de criação do Ginásio Santa Bernadete (Curso Primário)

1

Ata da criação do Curso Primário da Escola Santa Bernadete, na cidade de Amargosa, estado da Bahia.

Aos reis dias do mês de março de 1946 foi criado o curso primário da Escola Santa Bernadete, na cidade de Amargosa, estado da Bahia, com 15 alunas, tendo como Diretora Irmã Maria Aurélia Ferreira.

É, para constar, eu, Irmã Maria Rosina Rocha, lavrei a presente ata que vai assinada por mim.

Amargosa, 6 de março de 1946.

Irmã Maria Rosina Rocha

## Anexo B – Estatuto do Ginásio Santa Bernadete

Cópia - "Certidão. Estatutos do Ginásio Santa Bernadete (Cidade de Amargosa- Estado da Bahia). Art. 1º- O Ginásio Santa Bernadete, instalado na cidade/ de Amargosa - Estado da Bahia, sob a direção das Religiosas do S.S. Sacramento, destina-se a ministrar o ensino primário, secundário e pedagógico, em perfeito acordo com a legislação federal e estadual em vigor. Art. 2º- O referido Estabelecimento, para atender as suas finalidades, possui prédio próprio moderno, parte construída e parte em construção, tendo instalações higiênicas e confortáveis. Art. 3º- O Estabelecimento manterá o regime de internato e de externato para alunos do sexo feminino que apresentarem procedimento e conduta condizentes com as sadias normas da moral cristã. Art. 5º- A Diretoria do Ginásio Santa Bernadete será constituída pela Madre Superiora que é também a Diretora do Estabelecimento, pela Secretária e por uma Tesoureira. Art. 6º- O cargo de Superiora é de nomeação privativa da Superiora Geral da congregação. A Secretária e a Tesoureira podem ser nomeadas pela Superiora local. Art. 7º- O Ginásio Santa Bernadete tem como / fonte de subsistência as contribuições das alunas e as doações e subvenções que venham a ocorrer. Art. 8º - Para atender às necessidades das famílias menos favorecidas, o Estabelecimento receberá alunas gratuitas a critério da Madre Superiora. Art. 9º - As alunas são obrigadas ao cumprimento exato das normas estabelecidas quanto ao horário das aulas, visitas, saídas, etc. bem como ao uso do uniforme adotado. A atual Diretoria é composta dos seguintes membros: Diretora - Madre Santa Sophia. Secretária - Irmã Joana / Angélica. Tesoureira- Irmã Maria Honorata. Era o que se continha na página 43608 do Diário Oficial do dia 19 de maio do corrente ano. Eu, (a) Dulce / Rêgo da Silva, Oficial interina do Registro Civil das Pessoas Jurídicas, o escrevi. Amargosa, 8 de junho de 1955. (a) Dulce Rêgo da Silva. Era o que continha no presente documento ora transrito. Eu, (a) Maria da Glória de Almeida, Oficial Interina do Registro, de Títulos e Documentos das Pessoas Jurídicas desta Comarca de Amargosa, a transcrevi e assino. Amargosa, 9 de abril de 1968. (a) Maria da Glória de Almeida" (A firma da Oficial em / exercício está devidamente reconhecida). Esta conforme o original.

Amargosa 9 de abril de 1968.

Maria da Glória de Almeida

## Anexo C – Ata de criação do Curso Ginásial

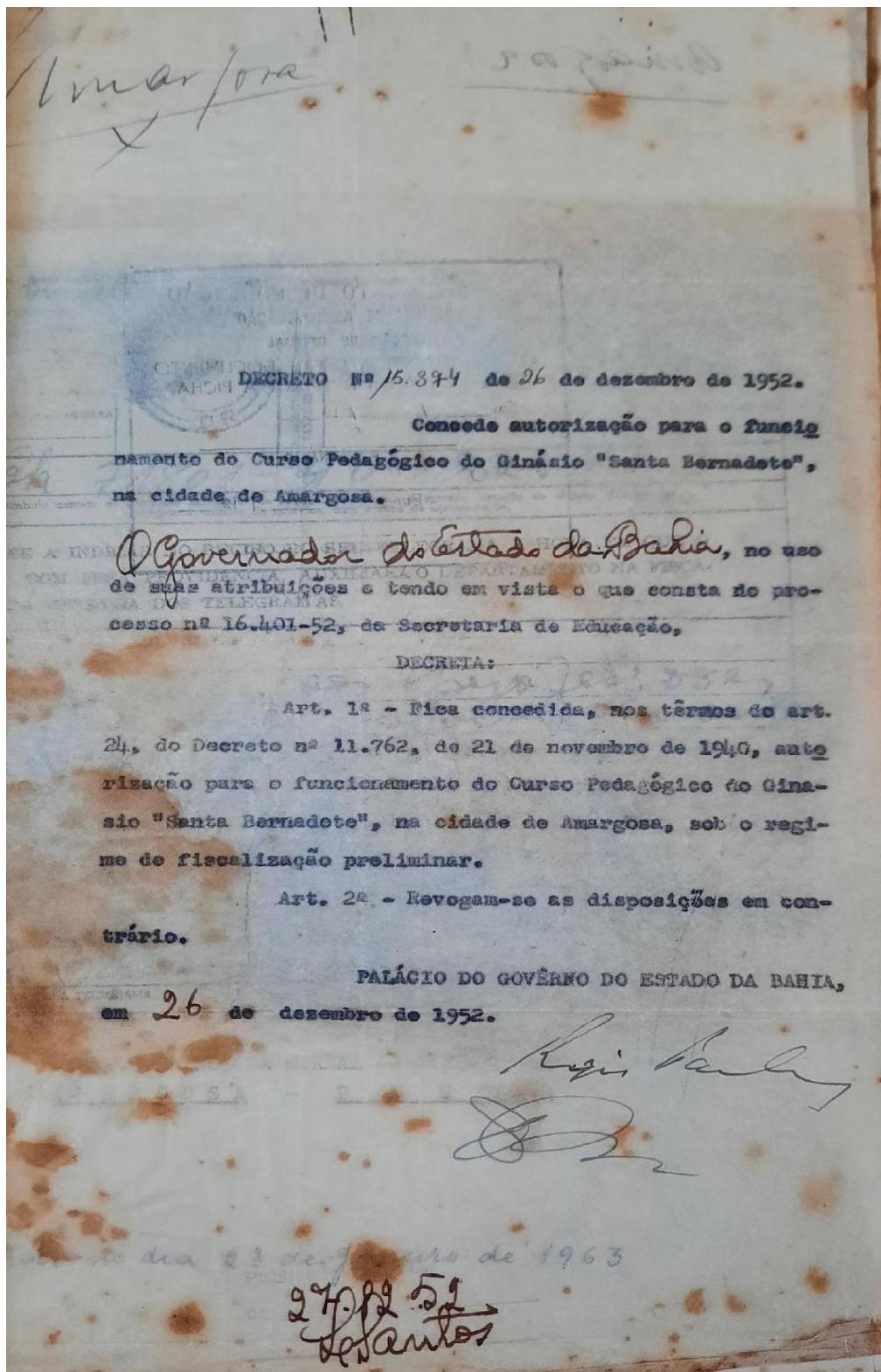
Ata da criação do Ginásio Santa Bernadete, na cidade de Amargosa, estado da Bahia.

Aos 7 (sete) dias do mês de março de 1949, foi criado o Ginásio Santa Bernadete, na cidade de Amargosa, estado da Bahia, com 43 alunos, tendo como diretora Irmã Inês Surpa, como secretária Irmã Maria Rosina Rocha.

E, para constar, eu, Irmã Maria Rosina Rocha, lavrei e assinei a presente ata.

Amargosa, 7 de março de 1949  
Irmã Maria Rosina Rocha

Anexo D – Autorização para funcionamento do Curso Pedagógico



## Anexo E – Ata de criação do Curso Pedagógico

2

Ata da criação do curso Pedagógico do ginásio Santa Bernadete, na cidade de Amargosa, estado da Bahia.

Nos reis dias do mês de abril de 1953 presentes a inspetora do curso Pedagógico, Sra. Eneida Lemos, a diretora do estabelecimento Madre Santa Sophia e a Secretária Irmã Maria Rosina Rocha, foi criado o curso Pedagógico do ginásio Santa Bernadete, na cidade de Amargosa, estado da Bahia.

6. para constar, a. Irmã Maria Rosina Rocha, lavro e assino a presente ata

Amargosa, 6 de abril de 1953.

Irmã Maria Rosina Rocha

Anexo F – Ata de formatura da primeira turma do Curso Pedagógico – 1955

Ata da sessão solene, na colação de grau das alunas do Curso Pedagógico, do Ginásio Santa Bernadete.

Das cinco dias do mês de dezembro de mil novecentos e cinquenta e cinco, às 17 horas, no salão nobre da Sociedade Filarmônica "Sara Carlos Gomes", realizou-se em sessão solene, a colação de grau das profissionárias do Ginásio Santa Bernadete.

Abriu-a, o Capelão do referido Ginásio, que convidiu para constituir a missa,

D. Henrique Lúcio Vieira Parreira da turma,

D. Francisco Waldyr Pires de Souza - Representante do Dr. Governador do Estado,

Dr. Joaquim Sebal Salles - Prefeito Municipal,

D. Dinerah Lemos da Silva - Fiscal do

Curso Pedagógico,

Madre Santa Sofia - Diretora do Ginásio

Sra. Maria Honorata - Secretária,

D. Lúcio Vieira Matos, Padre José

Parreira Vieira, Sra. Joana Angélica, membros do Corpo Docente,

Le. Antônio José de Almeida - Vigário da Paróquia e Le. Juiz de Direito da Comarca. Composta assim a missa,

o Presidente convidiu a aluna Maria de Lourdes Bittencourt de Jesus para fazer o juramento, acompanhada em direção pelas demais alunas:

Continuação da Ata de formatura da primeira turma do Curso Pedagógico - 1955

Conceição Maria de Queiroz Souza  
Edilvira Lila Sales  
Edua Maria Lampião Lemos  
Maria Barros Tavares  
Maria Laurinda Moura  
Maria Conceição Andrade De Souza  
Maria Wilma Tires de Souza  
Maria Yolanda Portas Lampião  
Adelita Oliveira Oldas  
Rosa Maria Abreida  
Teresinha Jacy Araújo Gomes  
Wanda Agolho Brito  
Eulália Maria Ferreira Cardoso  
Dirinalva da Silva Andrade  
Edeltrudes Barreto de Souza  
Maria Augusta Lemos Lampião  
Miriam Olá de Abreida Andrade  
Raquel Pinheiro Fernandes  
Valdete Beatriz Correia  
Yvonne Guedes Araújo.

Terminado o juramento, a Secretaria procedeu a chamada de cada uma das alunas, para a colação de grau feita pela Madre Santa Sofia, estavam diretoras e recepcionando os diplomas.

Em seguida, o Presidente deu a palavra à oradora da Turma, que foi muito aplaudida. Depois de usá-la, passou-a ao Paramirlo que foi igualmente muito aplaudido.

O Presidente encerrou a sessão.

Dinalva Lemos da Silva - Fiscal do Governo

**ANEXO G – ROTEIRO DAS ENTREVISTAS REALIZADAS COM AS EX-ALUNAS/PROFESSORAS DO GINÁSIO SANTA BERNADETE**



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA CENTRO DE EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**



**ROTEIRO DE ENTREVISTA COM PROFESSORAS DO GINÁSIO SANTA BERNADETE**

Tendo em vista a importância do Ginásio Santa Bernadete para a identidade educacional de Amargosa, é que está pesquisa está sendo desenvolvida. Um trabalho já foi iniciado durante a minha graduação em História, mas agora o meu objetivo é: Investigar a construção de identidade de mulheres que estudaram no Ginásio Santa Bernadete e se tornaram professoras a partir do referencial de valorização do “ser boa professora” em Amargosa/BA.

A senhora tem a liberdade de responder apenas as perguntas que se sentir à vontade. Seu depoimento será gravado conforme o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido já assinado.

Seus nomes serão usados durante os diálogos estabelecidos na pesquisa.

Nome completo

Idade

Qual foi o período que a senhora estudou no colégio?

Qual foi o período que a senhora cursou o pedagógico?

Como era estudar em uma escola dirigida por religiosas?

Como era o dia a dia na escola? e as aulas?

A senhora escolheu o magistério? Por quê?

Vocês estavam sendo formadas para serem professoras, além dessa formação o que mais aprendiam?

Não era só ser professora, vocês estavam sendo formadas para serem boas professoras. O que era ser boa professora?

Algumas alunas atuaram como professoras quando a escola ainda estava sob a administração das irmãs. Por que foram escolhidas?

Para a senhora o que é ser boa professora?

A senhora se reconhece como boa professora?

O que significa, para a senhora, ser lembrada como uma boa professora?

A senhora consegue perceber que para seus ex-alunos a senhora foi/é uma boa professora?

Como é sentir todo esse reconhecimento?

## ANEXO H - TERMOS DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO DAS DEPOENTES



### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezada/o Anacleta

Esta pesquisa é sobre “Histórias e memórias da construção do “ser professora” na Escola Sacramentinas” e está sendo desenvolvida pela/o pesquisador/a Ana Maria Barbosa da Silva, aluna/o do Curso de Mestrado em Educação da Universidade Federal da Paraíba, sob a orientação da Profª Surya Aaronovich Pombo de Barros. Seu objetivo principal é **Investigar a construção de identidade de mulheres que estudaram no Ginásio Santa Bernadete e se tornaram professoras a partir do referencial de valorização do “ser boa professora” e ensinaram em escolas públicas na cidade de Amargosa/BA**. Os objetivos específicos são: Entender como as Irmãs Sacramentinas foram ao longo do tempo se incorporando a educação no Brasil, em cidades do interior, sobretudo na cidade de Amargosa-BA; Identificar como o Ginásio Santa Bernadete se tornou referência de ensino em Amargosa-BA; Identificar o processo de construção de identidade do ser professora de mulheres que estudaram no Ginásio Santa Bernadete; Analisar o referencial de valorização do “ser boa professora” das mulheres que estudaram no Ginásio Santa Bernadete e ensinaram em escolas públicas na cidade de Amargosa/BA. A finalidade deste trabalho é **aprofundamento dos estudos e, por conseguinte, da produção de novos conhecimentos no que se refere à construção da identidade de professoras na Bahia a partir da experiência da Escola das Sacramentinas, localizada em Amargosa**. Como benefício, esta pesquisa contribuirá na construção de um conhecimento histórico que possibilite o entendimento acerca da formação social e educacional de Amargosa e região, bem como na compreensão das relações educacionais estabelecidas no período que refletem até o presente. Tendo em vista que, historicamente a cidade apresenta uma forte atuação na Formação de Professores, papel exercido pelas Irmãs Sacramentinas durante os 27 anos em que o Ginásio Santa Bernadete esteve sob sua administração.

Solicitamos a sua colaboração para a aplicação de entrevista, como também sua autorização para apresentar os resultados deste estudo em eventos da área de educação e publicar em revista científica. Por ocasião da publicação dos resultados seu nome será mantido em sigilo.

Informamos que essa pesquisa não oferece riscos, previsíveis, para a sua saúde. No momento da entrevista poderá ocorrer um desconforto psicológico (constrangimento) e, para que isso seja evitado, deverá ser escolhido um local privado livre da presença de pessoas alheias ao estudo.

Esclarecemos que sua participação no estudo é voluntária e, portanto, o/a senhor/a não é obrigado/a a fornecer as informações e/ou colaborar com as atividades solicitadas pela mestrandona. Caso decida não participar do estudo, ou resolver a qualquer momento desistir do mesmo, não sofrerá nenhum dano, nem haverá modificação na assistência que vem recebendo na Instituição.

O/A pesquisador/a responsável estará a sua disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário em qualquer etapa da pesquisa.

Diante do exposto, declaro que fui devidamente esclarecido/a e dou o meu consentimento para participar da pesquisa e para publicação dos resultados. Estou ciente que receberei uma cópia deste documento.



Assinatura do Participante da Pesquisa



Assinatura do/a Pesquisador/a Responsável

Contato do/a pesquisador/a responsável:

Caso necessite de maiores informações sobre o presente estudo, favor ligar, **Ana Maria Barbosa da Silva**.

Telefone: (75) 99272-8424 / E-mail: [anaambs1@hotmail.com](mailto:anaambs1@hotmail.com)

Ou

Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal da Paraíba Campus I - Cidade Universitária - 1º Andar – CEP 58051-900 – João Pessoa/PB

Telefone: (83) 3216-7791 – E-mail: [comitedeetica@ccs.ufpb.br](mailto:comitedeetica@ccs.ufpb.br)



## TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezada/o Maria da Conceição

Esta pesquisa é sobre **"Histórias e memórias da construção do "ser professora" na Escola Sacramentinas"** e está sendo desenvolvida pela/o pesquisador/a **Ana Maria Barbosa da Silva**, aluna/o do Curso de **Mestrado em Educação** da Universidade Federal da Paraíba, sob a orientação da **Profª Surya Aaronovich Pombo de Barros**. Seu objetivo principal é **Investigar a construção de identidade de mulheres que estudaram no Ginásio Santa Bernadete e se tornaram professoras a partir do referencial de valorização do "ser boa professora" e ensinaram em escolas públicas na cidade de Amargosa/BA**. Os objetivos específicos são: Entender como as Irmãs Sacramentinas foram ao longo do tempo se incorporando a educação no Brasil, em cidades do interior, sobretudo na cidade de Amargosa-BA; Identificar como o Ginásio Santa Bernadete se tornou referência de ensino em Amargosa-BA; Identificar o processo de construção de identidade do ser professora de mulheres que estudaram no Ginásio Santa Bernadete; Analisar o referencial de valorização do "ser boa professora" das mulheres que estudaram no Ginásio Santa Bernadete e ensinaram em escolas públicas na cidade de Amargosa/BA. A finalidade deste trabalho é **aprofundamento dos estudos e, por conseguinte, da produção de novos conhecimentos no que se refere à construção da identidade de professoras na Bahia a partir da experiência da Escola das Sacramentinas, localizada em Amargosa**. Como benefício, esta pesquisa **contribuirá na construção de um conhecimento histórico que possibilite o entendimento acerca da formação social e educacional de Amargosa e região, bem como na compreensão das relações educacionais estabelecidas no período que refletem até o presente**. Tendo em vista que, historicamente a cidade apresenta uma forte atuação na **Formação de Professores, papel exercido pelas Irmãs Sacramentinas durante os 27 anos em que o Ginásio Santa Bernadete esteve sob sua administração**.

Solicitamos a sua colaboração para a aplicação **de entrevista**, como também sua autorização para apresentar os resultados deste estudo em eventos da área de educação e publicar em revista científica. Por ocasião da publicação dos resultados seu nome será mantido em sigilo.

Informamos que essa pesquisa não oferece riscos, previsíveis, para a sua saúde. No momento da entrevista poderá ocorrer um desconforto psicológico (constrangimento) e, para que isso seja evitado, deverá ser escolhido um local privado livre da presença de pessoas alheias ao estudo.

Esclarecemos que sua participação no estudo é voluntária e, portanto, o/a senhor/a não é obrigado/a a fornecer as informações e/ou colaborar com as atividades solicitadas pela mestrande. Caso decida não participar do estudo, ou resolver a qualquer momento desistir do mesmo, não sofrerá nenhum dano, nem haverá modificação na assistência que vem recebendo na Instituição.

O/A pesquisador/a responsável estará a sua disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário em qualquer etapa da pesquisa.

Diante do exposto, declaro que fui devidamente esclarecido/a e dou o meu consentimento para participar da pesquisa e para publicação dos resultados. Estou ciente que receberei uma cópia deste documento.

*Maria Conceição*  
Assinatura do Participante da Pesquisa

*Ana Maria Barbosa da Silva*  
Assinatura do/a Pesquisador/a Responsável

Contato do/a pesquisador/a responsável:

Caso necessite de maiores informações sobre o presente estudo, favor ligar, **Ana Maria Barbosa da Silva.**  
Telefone: (75) 99272-8424 / E-mail: [anaambs1@hotmail.com](mailto:anaambs1@hotmail.com)

Ou

Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal  
da Paraíba Campus I - Cidade Universitária - 1º Andar - CEP 58051-900 - João  
Pessoa/PB  
Telefone: (83) 3216-7791 - E-mail: [comiteedeetica@ccs.ufpb.br](mailto:comiteedeetica@ccs.ufpb.br)



## TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezada/o Belarmina

Esta pesquisa é sobre **"Histórias e memórias da construção do "ser professora" na Escola Sacramentinas"** e está sendo desenvolvida pela/o pesquisador/a **Ana Maria Barbosa da Silva**, aluna/o do Curso de **Mestrado** em Educação da Universidade Federal da Paraíba, sob a orientação da **Profª Surya Aaronovich Pombo de Barros**. Seu objetivo principal é **Investigar a construção de identidade de mulheres que estudaram no Ginásio Santa Bernadete e se tornaram professoras a partir do referencial de valorização do "ser boa professora" e ensinaram em escolas públicas na cidade de Amargosa/BA**. Os objetivos específicos são: Entender como as Irmãs Sacramentinas foram ao longo do tempo se incorporando a educação no Brasil, em cidades do interior, sobretudo na cidade de Amargosa-BA; Identificar como o Ginásio Santa Bernadete se tornou referência de ensino em Amargosa-BA; Identificar o processo de construção de identidade do ser professora de mulheres que estudaram no Ginásio Santa Bernadete; Analisar o referencial de valorização do "ser boa professora" das mulheres que estudaram no Ginásio Santa Bernadete e ensinaram em escolas públicas na cidade de Amargosa/BA. A finalidade deste trabalho é **aprofundamento dos estudos e, por conseguinte, da produção de novos conhecimentos no que se refere à construção da identidade de professoras na Bahia a partir da experiência da Escola das Sacramentinas, localizada em Amargosa**. Como benefício, esta pesquisa contribuirá na construção de um conhecimento histórico que possibilite o entendimento acerca da formação social e educacional de Amargosa e região, bem como na compreensão das relações educacionais estabelecidas no período que refletem até o presente. Tendo em vista que, historicamente a cidade apresenta uma forte atuação na **Formação de Professores**, papel exercido pelas Irmãs Sacramentinas durante os 27 anos em que o **Ginásio Santa Bernadete esteve sob sua administração**.

Solicitamos a sua colaboração para a aplicação de **entrevista**, como também sua autorização para apresentar os resultados deste estudo em eventos da área de educação e publicar em revista científica. Por ocasião da publicação dos resultados seu nome será mantido em sigilo.

Informamos que essa pesquisa não oferece riscos, previsíveis, para a sua saúde. No momento da entrevista poderá ocorrer um desconforto psicológico (constrangimento) e, para que isso seja evitado, deverá ser escolhido um local privado livre da presença de pessoas alheias ao estudo.

Esclarecemos que sua participação no estudo é voluntária e, portanto, o/a senhor/a não é obrigado/a a fornecer as informações e/ou colaborar com as atividades solicitadas pela mestranda. Caso decida não participar do estudo, ou resolver a qualquer momento desistir do mesmo, não sofrerá nenhum dano, nem haverá modificação na assistência que vem recebendo na Instituição.

O/A pesquisador/a responsável estará a sua disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário em qualquer etapa da pesquisa.

Diante do exposto, declaro que fui devidamente esclarecido/a e dou o meu consentimento para participar da pesquisa e para publicação dos resultados. Estou ciente que receberei uma cópia deste documento.

Belarmino  
Assinatura do Participante da Pesquisa

Ana Maria Barbosa da Silva  
Assinatura do/a Pesquisador/a Responsável

Contato do/a pesquisador/a responsável:

Caso necessite de maiores informações sobre o presente estudo, favor ligar, **Ana Maria Barbosa da Silva**.

Telefone: (75) 99272-8424 / E-mail: [anaambs1@hotmail.com](mailto:anaambs1@hotmail.com)

Ou

Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal da Paraíba Campus I - Cidade Universitária - 1º Andar – CEP 58051-900 – João Pessoa/PB

☎ (83) 3216-7791 – E-mail: [comitedeetica@ccs.ufpb.br](mailto:comitedeetica@ccs.ufpb.br)



## TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezada/o Joseny

Esta pesquisa é sobre **"Histórias e memórias da construção do "ser professora" na Escola Sacramentinas"** e está sendo desenvolvida pela/o pesquisador/a **Ana Maria Barbosa da Silva**, aluna/o do Curso de **Mestrado** em Educação da Universidade Federal da Paraíba, sob a orientação da **Profª Surya Aaronovich Pombo de Barros**. Seu objetivo principal é **Investigar a construção de identidade de mulheres que estudaram no Ginásio Santa Bernadete e se tornaram professoras a partir do referencial de valorização do "ser boa professora" e ensinaram em escolas públicas na cidade de Amargosa/BA**. Os objetivos específicos são: Entender como as Irmãs Sacramentinas foram ao longo do tempo se incorporando a educação no Brasil, em cidades do interior, sobretudo na cidade de Amargosa-BA; Identificar como o Ginásio Santa Bernadete se tornou referência de ensino em Amargosa-BA; Identificar o processo de construção de identidade do ser professora de mulheres que estudaram no Ginásio Santa Bernadete; Analisar o referencial de valorização do "ser boa professora" das mulheres que estudaram no Ginásio Santa Bernadete e ensinaram em escolas públicas na cidade de Amargosa/BA. A finalidade deste trabalho é **aprofundamento dos estudos e, por conseguinte, da produção de novos conhecimentos no que se refere à construção da identidade de professoras na Bahia a partir da experiência da Escola das Sacramentinas, localizada em Amargosa**. Como benefício, esta pesquisa **contribuirá na construção de um conhecimento histórico que possibilite o entendimento acerca da formação social e educacional de Amargosa e região, bem como na compreensão das relações educacionais estabelecidas no período que refletem até o presente**. Tendo em vista que, historicamente a cidade apresenta uma forte atuação na **Formação de Professores**, papel exercido pelas Irmãs Sacramentinas durante os 27 anos em que o Ginásio Santa Bernadete esteve sob sua administração.

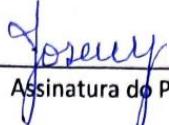
Solicitamos a sua colaboração para a aplicação de **entrevista**, como também sua autorização para apresentar os resultados deste estudo em eventos da área de educação e publicar em revista científica. Por ocasião da publicação dos resultados seu nome será mantido em sigilo.

Informamos que essa pesquisa não oferece riscos, previsíveis, para a sua saúde. No momento da entrevista poderá ocorrer um desconforto psicológico (constrangimento) e, para que isso seja evitado, deverá ser escolhido um local privado livre da presença de pessoas alheias ao estudo.

Esclarecemos que sua participação no estudo é voluntária e, portanto, o/a senhor/a não é obrigado/a a fornecer as informações e/ou colaborar com as atividades solicitadas pela mestranda. Caso decida não participar do estudo, ou resolver a qualquer momento desistir do mesmo, não sofrerá nenhum dano, nem haverá modificação na assistência que vem recebendo na Instituição.

O/A pesquisador/a responsável estará a sua disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário em qualquer etapa da pesquisa.

Diante do exposto, declaro que fui devidamente esclarecido/a e dou o meu consentimento para participar da pesquisa e para publicação dos resultados. Estou ciente que receberei uma cópia deste documento.



Assinatura do Participante da Pesquisa



Assinatura do/a Pesquisador/a Responsável

Contato do/a pesquisador/a responsável:

Caso necessite de maiores informações sobre o presente estudo, favor ligar, **Ana Maria Barbosa da Silva**.

Telefone: (75) 99272-8424 / E-mail: [anaambs1@hotmail.com](mailto:anaambs1@hotmail.com)

Ou

Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal da Paraíba Campus I - Cidade Universitária - 1º Andar – CEP 58051-900 – João Pessoa/PB

☎ (83) 3216-7791 – E-mail: [comitedeetica@ccs.ufpb.br](mailto:comitedeetica@ccs.ufpb.br)



## TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezada/o Dalva

Esta pesquisa é sobre **"Histórias e memórias da construção do "ser professora" na Escola Sacramentinas"** e está sendo desenvolvida pela/o pesquisador/a **Ana Maria Barbosa da Silva**, aluna/o do Curso de **Mestrado** em Educação da Universidade Federal da Paraíba, sob a orientação da **Profª Surya Aaronovich Pombo de Barros**. Seu objetivo principal é **Investigar a construção de identidade de mulheres que estudaram no Ginásio Santa Bernadete e se tornaram professoras a partir do referencial de valorização do "ser boa professora" e ensinaram em escolas públicas na cidade de Amargosa/BA**. Os objetivos específicos são: Entender como as Irmãs Sacramentinas foram ao longo do tempo se incorporando a educação no Brasil, em cidades do interior, sobretudo na cidade de Amargosa-BA; Identificar como o Ginásio Santa Bernadete se tornou referência de ensino em Amargosa-BA; Identificar o processo de construção de identidade do ser professora de mulheres que estudaram no Ginásio Santa Bernadete; Analisar o referencial de valorização do "ser boa professora" das mulheres que estudaram no Ginásio Santa Bernadete e ensinaram em escolas públicas na cidade de Amargosa/BA. A finalidade deste trabalho é **aprofundamento dos estudos e, por conseguinte, da produção de novos conhecimentos no que se refere à construção da identidade de professoras na Bahia a partir da experiência da Escola das Sacramentinas, localizada em Amargosa**. Como benefício, esta pesquisa **contribuirá na construção de um conhecimento histórico que possibilite o entendimento acerca da formação social e educacional de Amargosa e região, bem como na compreensão das relações educacionais estabelecidas no período que refletem até o presente**. Tendo em vista que, historicamente a cidade apresenta uma forte atuação na **Formação de Professores**, papel exercido pelas Irmãs Sacramentinas durante os 27 anos em que o Ginásio Santa Bernadete esteve sob sua administração.

Solicitamos a sua colaboração para a aplicação de **entrevista**, como também sua autorização para apresentar os resultados deste estudo em eventos da área de educação e publicar em revista científica. Por ocasião da publicação dos resultados seu nome será mantido em sigilo.

Informamos que essa pesquisa não oferece riscos, previsíveis, para a sua saúde. No momento da entrevista poderá ocorrer um desconforto psicológico (constrangimento) e, para que isso seja evitado, deverá ser escolhido um local privado livre da presença de pessoas alheias ao estudo.

Esclarecemos que sua participação no estudo é voluntária e, portanto, o/a senhor/a não é obrigado/a a fornecer as informações e/ou colaborar com as atividades solicitadas pela mestrande. Caso decida não participar do estudo, ou resolver a qualquer momento desistir do mesmo, não sofrerá nenhum dano, nem haverá modificação na assistência que vem recebendo na Instituição.

O/A pesquisador/a responsável estará a sua disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário em qualquer etapa da pesquisa.

Diante do exposto, declaro que fui devidamente esclarecido/a e dou o meu consentimento para participar da pesquisa e para publicação dos resultados. Estou ciente que receberei uma cópia deste documento.

Dalva

Assinatura do Participante da Pesquisa

Ana Maria Barbosa da Silva.

Assinatura do/a Pesquisador/a Responsável

Contato do/a pesquisador/a responsável:

Caso necessite de maiores informações sobre o presente estudo, favor ligar, **Ana Maria Barbosa da Silva.**

Telefone: (75) 99272-8424 / E-mail: [anaambs1@hotmail.com](mailto:anaambs1@hotmail.com)

Ou

Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal da Paraíba Campus I - Cidade Universitária - 1º Andar – CEP 58051-900 – João Pessoa/PB

☎ (83) 3216-7791 – E-mail: [comitedeetica@ccs.ufpb.br](mailto:comitedeetica@ccs.ufpb.br)

## ANEXO I – PARECER CONSUSTANCIADO DO CEP

CENTRO DE CIÊNCIAS DA  
SAÚDE DA UNIVERSIDADE  
FEDERAL DA PARAÍBA -  
CCS/UFPB



### PARECER CONSUSTANCIADO DO CEP

#### DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

**Título da Pesquisa:** Histórias e memórias da construção do *“ser professora”* na Escola Sacramentinas

**Pesquisador:** ANA MARIA BARBOSA DA SILVA

**Área Temática:**

**Versão:** 3

**CAAE:** 59590122.6.0000.5188

**Instituição Proponente:** CENTRO DE EDUCAÇÃO

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

#### DADOS DO PARECER

**Número do Parecer:** 5.604.022

#### Apresentação do Projeto:

Projeto de Pesquisa da mestrandona ANA MARIA BARBOSA DA SILVA do Programa de Pós-Graduação em Educação. A investigação da construção de identidade de mulheres que estudaram no Ginásio Santa Bernadete, a partir do referencial do *“ser boa professora”* na cidade de Amargosa/BA se constitui uma possibilidade de aprofundamento dos estudos e, por conseguinte, da produção de novos conhecimentos no que se refere à construção da identidade de professoras a partir da experiência do Colégio das Sacramentinas. Desse modo, ao terem sido educadas em uma instituição religiosa, abraçaram o magistério como uma vocação, uma missão sagrada, que deveria ser cumprida com zelo e devoção acima de tudo. Então, dentro do contexto estudado elas eram boas professoras porque cumpriam com o que era esperado.

#### Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário: Investigar a construção de identidade de mulheres que estudaram no Ginásio Santa Bernadete e se tornaram professoras a partir do referencial de valorização do *“ser boa professora”* na cidade de Amargosa/BA.

Objetivo Secundário: Entender como as Irmãs Sacramentinas foram ao longo do tempo se incorporando a educação no Brasil, em cidades do interior, sobretudo na cidade de Amargosa-BA. Identificar como o Ginásio Santa Bernadete se tornou referência de ensino em Amargosa-BA. Identificar o processo de construção de identidade do ser professora de mulheres que estudaram

**Endereço:** Prédio da Reitoria da UFPB *à* 1º Andar  
**Bairro:** Cidade Universitária **CEP:** 58.051-900  
**UF:** PB **Município:** JOAO PESSOA  
**Telefone:** (83)3216-7791 **Fax:** (83)3216-7791 **E-mail:** comitedeetica@ccs.ufpb.br

CENTRO DE CIÊNCIAS DA  
SAÚDE DA UNIVERSIDADE  
FEDERAL DA PARAÍBA -  
CCS/UFPB



Continuação do Parecer: 5.604.022

no Ginásio Santa Bernadete. Analisar o referencial de valorização do “ser boa professora” das mulheres que estudaram no Ginásio Santa Bernadete e ensinaram em escolas públicas na cidade de Amargosa/BA.

**Avaliação dos Riscos e Benefícios:**

**Riscos:** No momento da entrevista poderá ocorrer um desconforto psicológico (constrangimento) e, para que isso seja evitado, escolheremos um local privado livre da presença de pessoas alheias ao estudo, em que a depoente esteja a vontade.

**Benefícios:** Esta pesquisa contribuirá na construção de um conhecimento histórico que possibilite o entendimento acerca da formação social de Amargosa e região, bem como na compreensão das relações educacionais estabelecidas no período que reflete até o presente. Tendo em vista que, historicamente a cidade apresenta uma forte atuação na Formação de Professores. Papel exercido pelas Irmãs Sacramentinas durante os 27 anos em que o Ginásio Santa Bernadete esteve sob sua administração. A atuação das Irmãs contribuiu na construção de uma identidade de Amargosa com relação à sua inclinação para a formação de professoras e professores. Lançar olhares para esse processo de construção se constituiu em um passo importante na materialização de um campus da UFRB em Amargosa.

**Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:**

Esta pesquisa será orientada por uma abordagem qualitativa. A pesquisa qualitativa tem alguns aspectos como o enfoque na interpretação do objeto e a importância de seu contexto; não tem como foco a mensuração; os resultados não são quantificados; sua ênfase é no subjetivo como meio de compreender. Na pesquisa qualitativa se busca o porquê de algo e tem entre suas características a objetivação do fenômeno; hierarquização das ações de escrever, compreender, explicar, precisão das relações entre o global e o local entre determinado fenômeno” (CÓRDOVA; SILVEIRA 2009, p.32). Considerando o fundamento teórico da pesquisa qualitativa, a pesquisadora Marli Eliza D. A. de André (2001) amplia os estudos ao abordar as raízes teóricas da pesquisa qualitativa. A partir dos estudos de Bogdan e Biklen (1982) a autora afirma que uma das premissas da pesquisa qualitativa é “o contato direto e prolongado do pesquisador com o ambiente e com a situação que está sendo investigada, via de regra, através do trabalho intenso de campo”. Nessa perspectiva, a coleta de dados se dará a partir de entrevistas com professoras que se formaram no Ginásio Santa Bernadete, assim, e a metodologia de análise será a análise do discurso, pois essa se preocupa em olhar o que não está explícito, o que não se percebe no primeiro plano. Segundo (ORLANDI, 2010, p. 15) o discurso se constitui “efeitos que resultam da relação de sujeitos

**Endereço:** Prédio da Reitoria da UFPB 1º Andar  
**Bairro:** Cidade Universitária **CEP:** 58.051-900  
**UF:** PB **Município:** JOÃO PESSOA  
**Telefone:** (83)3216-7791 **Fax:** (83)3216-7791 **E-mail:** comitedeetica@ccs.ufpb.br



CENTRO DE CIÊNCIAS DA  
SAÚDE DA UNIVERSIDADE  
FEDERAL DA PARAÍBA -  
CCS/UFPB

Continuação do Parecer: 5 604 022

simbólicos que participam do discurso, dentro de circunstâncias dadas". E a análise do discurso se caracteriza como a interpretação do que está por trás das falas das depoentes, na medida em que as falas interagem com os contextos sócio-histórico e educacional em que foram inseridas. Respaldada pelas colocações desta autora, é o nosso objetivo a partir de uma análise crítica, tentar entender como esses discursos emergem de um processo constitutivo entre o que está sendo dito e os processos históricos e sociais.

## Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

## Anexados.

### Recomendações:

Vide campo "Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações".

#### Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

### Pendência 1: Carta de Anuênciā da Escola

Serão analisados os seguintes documentos no arquivo da escola: Contrato entre o bispado e as religiosas para implantação da escola na cidade de Amargosa, estatuto da escola, Livro de Matrículas, ata de criação do curso primário, ata de criação do curso pedagógico, cartas, entre outros que encontrar. Documentos pessoais com as entrevistadas: fotografias, boletins, cartas de recomendação profissional, entre outros. Portanto falta anexar a anuência da Escola em que acontecerá a pesquisa.

Resposta: Carta de anuênci a anexada.

Análise: Pendência atendida.

## Pendência 2: Questões norteadoras

Serão feitas entrevistas semiestruturadas com mulheres que se formaram no referido colégio e atuaram como professoras em Amargosa. Entretanto não foram localizadas estas informações. Solicita-se incluir as questões norteadoras destas entrevistas.

Resposta: Questões anexas na pendência anterior.

Análise: Pendência atendida.

### Pendência 3: Cronograma

A pesquisa está prevista para ocorrer de 18/07/2022 a 29/07/2022, entretanto com as pendências encontradas e análise sem tempo hábil para aprovação em um comitê. Solicita-se atualização do cronograma para período posterior.

**Endereço:** Prédio da Reitoria da UFPB, 1º Andar  
**Bairro:** Cidade Universitária **CEP:** 58.051-900  
**UF:** PB **Município:** JOÃO PESSOA  
**Telefone:** (83)3216-7791 **Fax:** (83)3216-7791 **E-mail:** comitedeetica@ccs.ufpb.br

CENTRO DE CIÊNCIAS DA  
SAÚDE DA UNIVERSIDADE  
FEDERAL DA PARAÍBA -  
CCS/UFPB



Continuação do Parecer: 5.604.022

Resposta: Cronograma alterado para 29/08/2022 a 09/09/2022.

Análise: Pendência atendida.

**Considerações Finais a critério do CEP:**

Certifico que o Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal da Paraíba – CEP/CCS aprovou a execução do referido projeto de pesquisa. Outrossim, informo que a autorização para posterior publicação fica condicionada à submissão do Relatório Final na Plataforma Brasil, via Notificação, para fins de apreciação e aprovação por este egrégio Comitê.

**Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:**

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJECTO_1938617.pdf	22/07/2022 18:58:43		Aceito
Outros	Carta_de_anuencia.pdf	22/07/2022 18:47:57	ANA MARIA BARBOSA DA SILVA	Aceito
Outros	Roteiro_de_entrevistas.pdf	22/06/2022 12:28:10	ANA MARIA BARBOSA DA SILVA	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_detalhado.pdf	13/06/2022 10:57:28	ANA MARIA BARBOSA DA SILVA	Aceito
Outros	Certidao_de_anuencia.pdf	13/06/2022 10:41:40	ANA MARIA BARBOSA DA SILVA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	Termo_de_consentimento_livre_e_esclarecido.pdf	13/06/2022 10:36:29	ANA MARIA BARBOSA DA SILVA	Aceito
Folha de Rosto	Folha_de_rosto.pdf	13/06/2022 10:22:08	ANA MARIA BARBOSA DA SILVA	Aceito

**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

Endereço: Prédio da Reitoria da UFPB 1º Andar  
Bairro: Cidade Universitária CEP: 58.051-900  
UF: PB Município: JOAO PESSOA  
Telefone: (83)3216-7791 Fax: (83)3216-7791 E-mail: comitedeetica@ccs.ufpb.br

CENTRO DE CIÊNCIAS DA  
SAÚDE DA UNIVERSIDADE  
FEDERAL DA PARAÍBA -  
CCS/UFPB



Continuação do Parecer: 5.604.022

JOAO PESSOA, 25 de Agosto de 2022

Assinado por:  
**Eliane Marques Duarte de Sousa**  
(Coordenador(a))

**Endereço:** Prédio da Reitoria da UFPB, 1º Andar  
**Bairro:** Cidade Universitária **CEP:** 58.051-900  
**UF:** PB **Município:** JOÃO PESSOA  
**Telefone:** (83)3216-7791 **Fax:** (83)3216-7791 **E-mail:** comitedeetica@ccs.ufpb.br